PALMAE MATTOGROSSENSES

NOVAE VEL MINUS COGNITAE

QUAS

collegit descripsit et iconibus illustravit

J. BARBOSA RODRIGUES

Eques Antiqui, Nobilissimi, atque Clarissimi Ordinis Sancti Jacobi a Gladio,
Director Horti Botanici Fluminis Januarii,
Socius Effectivus Instituti Historici et Geographici Braziliae, Laureatus ab Instituto Scientiarum
Physicarum et Naturalium Florentiae, Socius Regiae Academiae
Scientiarum Olysipponensis, Imperialis et Regalis Societatis Botanicae Vindobonensi,
Societatum Botanicae Anedae et Massiliae,
Instituti Conimbricensis, Regiae Societatis Anthropologicae Florentiae, Societatis Friburguensis
Investigatorum Naturae, Nationalis Academiae Parisiorum,
necnon Societatis Geographicae Parisiorum, et Fluminis Januarii, etc.



RIO DE JANEIRO

Typographia LEUZINGER

1898

Ao Seu Comp.e e bom Am.o
O Dr Carvalho Monteiro
pequena porem sincera
prova de Amizade
O Autor

PALMAE MATTOGROSSENSES

CORRIGENDA

				Onde se lê	Leia-se
Pags.	3	Linhas	23	*Ravennala*	*Ravenala*
»	7	»	4	só pé, nascido de uma semente	só pé.
»	19	»	32	destacam	destaca
»	20	»	26	Phatyphylla	Platyphylla
»	24	»	33	Chavesiana	C. Chavesiana
»	29	»	18	Diplotemium	Diplothemium
»	29	»	26	Diplotemium	Diplothemium
»	36	»	31	(nucro)	(mucro)
»	62	»	15	conseguinte.	conseguinte,
»	63	»	1	Kartz	Karst.
»	64	»	21	Scheclea	Scheelea
»	67	»	15	alongados	alongado
»	69	»	36	no	em
Tab.	IX	Cuyabacnensis			Cuyabaensis
»	X	D. campestre Mart. Barb. Rod.			D. campestre Mart.
»	XVIII	Arenaruim			arenarium

Ainda outros erros encontrará o leitor, principalmente na parte latina, mas que benevolamente corrigirá.

PALMAE MATTOGROSSENSES

NOVAE VEL MINUS COGNITAE

QUAS

collegit descripsit et iconibus illustravit

J. BARBOSA RODRIGUES

Eques Antiqui, Nobilissimi, atque Clarissimi Ordinis Sancti Jacobi a Gladio,
Director Horti Botanici Fluminis Januarii,
Socius Effectivus Instituti Historici et Geographici Braziliae, Laureatus ab Instituto Scientiarum
Physicarum et Naturalium Florentiae, Socius Regiae Academiae
Scientiarum Olysipponensis, Imperialis et Regalis Societatis Botanicae Vindobonensi,
Societatum Botanicae Anedae et Massiliae,
Instituti Conimbricensis, Regiae Societatis Anthropologicae Florentiae, Societatis Friburguensis
Investigatorum Naturae, Nationalis Academiae Parisiorum,
necnon Societatis Geographicae Parisiorum, et Fluminis Januarii, etc.

RIO DE JANEIRO
Typographia LEUZINGER
1898



INTRODUCÇÃO

JARDIN BOTANIQUE DE RIO DE JANEIRO

BRÉSIL

Avec les compliments de

J. BARBOSA RODRIGUES

Directeur du Jardin

AO LEITOR

I



Com o fim de augmentar as collecções de plantas indigenas e adquirir sementes para que a flora do paiz bem represente as suas differentes zonas n'este jardim, emprehendi uma expedição ao sul do Brazil oriental, visto como pelas minhas excursões ao extremo norte, já satisfactoriamente ella é representada.

Tendo percorrido todo o valle do Amazonas, e conhecendo o littoral do norte, só me faltava correr o sul, e como é certo o que cantava o poeta *nihil arduum volentibus*, com grande dispendio e sacrificios, em fins de Março d'este anno, encetei viagem. Depois de percorrer parte dos Estados do Sul, sendo escala forçada o Paraguay, demorei-me algum tempo em Assumpção, explorando as cercanias, para melhor fazer um estudo comparativo das differentes floras.

Além do fim puramente botanico, outro me obrigava a demorar-me nas terras paraguayas: o do estudo comparativo do abaneenga, conhecido ahi por guarany ou karany e no norte do Brazil por tupy, ou lingua geral, estudo este que ha bastantes annos tambem me occupa. Passando os dias entre as plantas, passava-os tambem com os campesinos, que são hoje os melhores conhecedores da lingua dos nossos avós e os que melhor conhecem os nomes vernaculos das plantas.

Em trabalhos passei os dias e as noites, *sine labore nihil*, pelo que augmentou-se muito o meu cabedal, não só para a sciencia de Linneo como para o estudo linguistico.

Se a região platina tem sido visitada por muitos viajantes-naturalistas e sobre ella já bastante se tenha escripto; se a região paraguaya tambem tem sido percorrida, depois de Francia, comtudo a região Matto-Grossense, n'essa parte, não tem sido muito feliz, porquanto, pouco se sabe relativamente ás suas riquezas botanicas.

Visitaram aquellas regiões e a seu respeito escreveram Commerson, no seculo passado; Caldcleugh (1819–21), Saint-Hilaire (1821), D'Orbigny (1826–33), Miers (1825–27), Arsène (1833), Isabelle (1833), Bacle (1835), Tweedie (1835), Lorentz (1870–72), Grisebach (1879), Hyeronimus (1882), Balansa (1886), Parodi (1886–88), Morong (1888–1890) e Kerr (1890–91).

Matto Grosso, que me conste, só foi visitado pelo Dr. Rodrigues Ferreira (1788), pelo zoologista Natterer (1817–32), por Gaudichaud (1830–33) por D'Orbigny (1826–33), por Weddell (1844), e ultimamente pelos Srs. Spencer Moore, botanico da expedição Charles Ward (1891–92), Drs. Carlos Lindman e Malme (1895–96). Como geographos, o Dr. Steine, e Meyer e como entomologista Herbert Smith.

Devo tambem notar que, em 1836, o Dr. Patricio da Silva Manso (1), colheu muitas plantas em Cuyabá, porém foram enviadas para Europa, por Lhotsky. Fazem parte do herbario de Martius e já estão todas descriptas.

Dos primeiros são conhecidas as suas descobertas, apenas não conheço publicação alguma dos resultados botanicos dos estudos de Lindman.

Matto Grosso, entretanto, podia ter hoje a sua flora mais conhecida, se a fatalidade não perseguisse a commissão scientifica, que durante os annos de 1825 a 1829 explorou este Estado, por conta do imperador Alexandre I, da Russia; commissão conhecida por expedição do Conselheiro Jorge Langsdorff. Fazia parte d'ella Luiz Riedel, botanico de firmada reputação, unico que escapou, depois de ter atravessado Matto Grosso e o Pará.

---

(1) Autor da *Enumeração das substancias brazileiras que podem promover a catarze. 1836.*

Para a Russia foram enviados alguns herbarios, porém, segundo affirma o Sr. Visconde de Taunay (1), baseado na opinião do finado Barão de Melgaço (Augusto Leverger), «todos os trabalhos e até simples vestigios e indicações d'essa importante exploração se perderam».

Se não fôra esse facto, algumas das plantas que hoje descrevo estariam scientificamente determinadas, por quanto algumas são referidas, pelos nomes vulgares, pelo Sr. Hercules Florence, que foi desenhista da mesma commissão (2).

Como a flora dos campos geraes do planalto Matto Grossense se ligue á do de Goyaz e seja quasi a mesma, não só pela curta distancia, como pela facilidade da dispersão das sementes disseminadas pelos ventos e pelos passaros, para tirar toda e qualquer duvida, procurei ver se não teria a commissão brazileira, exploradora do planalto central do Brazil, encontrado as mesmas especies que aqui descrevo. Para isso, se bem que a commissão fosse brazileira, tive de recorrer ao estrangeiro, por quanto todas as plantas colhidas n'essa expedição, por pessoal brazileiro, á custa dos cofres do Brazil, foram remettidas para a Europa a fim de ahi serem classificadas, dando-se uma prova publica do atrazo scientifico do nosso paiz, quando não ha razão para semelhante procedimento.

Releve-se-me o assim expressar-me, porque ha longos annos, como andorinha desgarrada, bato-me contra a opinião dos que affirmam que a botanica no Brazil está na infancia e que no Brazil se não póde classificar por falta de herbarios, quando temos muitos exemplos do contrario, dados pelos que trabalham com patriotismo.

Com o fim, pois, de verificar as minhas especies, procurei ver o resultado botanico colhido pelo Sr. Glaziou, botanico da mesma commissão, porém não encontrei um só trabalho scientifico do mesmo senhor e apenas li o relatorio do Sr. Ule,

---

(1) Rev. do Inst. Hist. Geogr. Braz. t. 38, p. 337.

(2) Op. cit. p. 355.

outro botanico da mesma commissão, pelo qual fiquei sabendo que as plantas á medida que iam sendo colhidas, iam sendo logo remettidas para a Europa, para ahi serem determinadas. E' o que se collige d'este periodo:

«Antes que as linhas precedentes fossem remettidas á imprensa, recebi *ainda* algumas communicações (da Europa) sobre os resultados das collecções botanicas, nas quaes, ainda que os phanerogamas se achem apenas determinados até a metade, já se encontram especies novas e dous generos novos» (1).

Não podendo assim colher informações em trabalhos brazileiros ou dos botanicos estrangeiros, estipendiados pelo governo do Brazil, recorri então a uma publicação do sabio Dr. Taubert (2), de saudosa memoria, um dos botanicos que determinaram as plantas da commissão, e ahi não encontrei nenhuma das minhas especies.

Quanto ás palmeiras de que me vou occupar no referido trabalho, Taubert apenas apresenta uma *Geonoma* nova que não é nenhuma das minhas.

E' para se notar que os herbarios de Weddell tambem estão, até hoje, quasi sem ser aproveitados, no Museu de Paris.

Portanto o resultado, que aqui apresento da minha excursão botanica póde soffrer alguma modificação, se o meu amigo, Dr. Lindman, publicou os seus trabalhos, o que eu ignoro; mas creio que não, porque se os tivesse feito, tenho certeza que teria me enviado, como tem procedido o Sr. Malme, seu companheiro de expedição.

Em Maio cheguei á região Matto Grossense, depois de ter percorrido a do Paraguay e de ver que ahi pouco tinha a fazer. Entrando logo nos meus trabalhos notei que tambem na região brazileira a época era má, pois que havia cessado a flo-

---

(1) Cruls. *Commissão explor. do planalto central do Brazil. Relatorio apresentado etc. 1894. pag. 365.*

(2) *Beiträge zur Kenntnis der Flora des central-brasilianischen Staates Goyaz.* 1895.

rescencia e os campos estavam seccos, estragados pelo gado ou destruidos pelas queimadas, que principiavam a devorar extensas regiões.

Apezar d'isso, consegui algum resultado de utilidade para o jardim, que dirijo, assim como para a sciencia; pois foi augmentada com mais algumas observações e mais algumas especies que, acredito, sejam novas.

Foi pelos campos e pelas margens dos rios Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá, Coxipó, Aricá, S. Romão, da Casca e outros; pelos serros calcareos do Ladario, Corumbá e Melgaço; pelos campos geraes de Cuyabá; pela serra de S. Jeronymo, gargantas da Bocayna e do Manoel Antonio, na Chapada (1); pelos serrados, capões e mattas das vertentes dos rios, que tirei o resultado que aqui apresento com o fim unico de não perder a prioridade das minhas classificações. A descripção da minha excursão botanica, publicarei mais tarde, passando a descrever aqui as plantas que encontrei e que julgo novas.

Se bem que pequena a messe, por ter sido curto e máo o tempo, comtudo assignala convenientemente a passagem do primeiro botanico brazileiro que pisou as areias auriferas das terras de Matto Grosso, pois não me consta que outro botanicamente tenha d'essas plagas, se occupado.

Podia este trabalho ter, logo após a minha chegada a esta Capital, entrado para o prélo, se não fosse querer consultar tambem o resultado botanico da expedição do Sr. Spencer Le Marchant Moore, publicada em 1895, nas *Transations of the Linnean Society of London*, sob o titulo *The phanerogamic botany of the Matto-Grosso expedition 1891-92*, afim de que não fosse dar como nova alguma planta pelo mesmo botanico descoberta e classificada. Por isso, apenas cheguei pedi, por telegramma e por intermedio do Exm. Sr. ministro da Viação, ao nosso ministro em Londres, para que, com a maxima brevidade, me remettesse a referida obra. Com effeito, vinte e cinco dias

(1) Esta serra fica a 825 metros acima do nivel do mar e a 717 acima da cidade de Cuyabá.

depois a recebi e passando logo a estudal-a cheguei ao resultado de me considerar feliz, porque poucas foram as dicotyledoneas que perdi, não tendo a lastimar o prejuizo de uma só monocotyledonea.

N'essa obra (pags. 498-500), o Dr. Moore trata de poucas palmeiras, apenas dá noticia de tres que suppõe novas, sem as denominar ; descreve uma como nova, que o não é, e pelos nomes vulgares trata de quatro.

E' verdade que confessa (pag. 272, em nota), que não se importou com as palmeiras. Diz elle : «I did not pay special attention to this group».

Tranquillo, agora posso entregar ao publico o resultado da minha expedição, que dividi em tres partes : *Relação botanica*, *Plantæ Mattogrossenses novæ* e *Palmæ Mattogrossenses novæ*. Sendo hoje de maior interesse esta familia, por ella começo a publicação.

Ordena-me a justiça e a gratidão, que antes de fechar estas linhas, não deixe de aqui perpetuar o meu reconhecimento ao Exm. Sr. Governador do Estado, Dr. Antonio Corrêa da Costa e ao seu digno irmão, o Sr. Dr. Jonas Corrêa da Costa, pelos auxilios que prestaram ao humilde escriptor, na missão que este desempenhava.

A não ser o fidalgo acolhimento, as facilidades e as informações que me proporcionaram, tão bom exito não teria a minha tarefa, pelo que posso dizer que ao mesmo Exm. Senhor cabe a gloria das minhas descobertas. Ao bom e alegre companheiro de expedição, o Sr. José de Góes Peixoto de Azevedo, muito devo pelo que fez afim de me auxiliar, facilitar e ser de utilidade os trabalhos por que passamos, entregues ás intemperies, ao cansaço e ás fadigas ; uma recordação e um aperto de mão a esses bons amigos, assim como áquelles que, como o Rev. Monsenhor Bento Severiano da Luz e o coronel Sulpicio, tão cavalheirosamente nos receberam sob o seu tecto hospitaleiro, nos campos da Chapada.

Seria injustiça e falta de gratidão tambem não perpetuar

aqui o nome de um outro Matto-Grossense que, compenetrado da sua alta missão, soube dar valor a este insignificante trabalho, dando-lhe a publicidade, fazendo assim com que fossem utilisados os esforços de seus conterraneos que, sem ella, seriam perdidos. Convencido de que a importancia de um paiz não está simplesmente nas forças materiaes e que, principalmente, a sciencia é que dá vida ás nações cultas, gentilmente apressou-se em fazer conhecidas do mundo sabio esta pequena contribuição, ordenando que fossem impressas por conta do Governo. Este benemerito foi o cidadão Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, o Exm. Sr. Dr. Joaquim Duarte Murtinho.

II

Seja-me permittido dizer ainda algumas palavras sobre a familia das palmeiras, de que me vou occupar.

Nas regiões quentes e humidas em que se levantam as nossas florestas virgens, existem madeiros gigantes, como o Giquitibá, que pela sua corpulencia querem, como soberanos, tudo avassallar ; mas, tambem apparecem audaciosos cipós, que, apoiados a elles, enroscando-se nos seus galhos, pretendem disputar a sua eminencia e levam assim as suas douradas e roseas paniculas de flores acima dos ramos mais elevados. Essa louca pretenção da multidão vária de ambiciosos entretanto, desapparece ante as esbeltas palmeiras, que, naturalmente, sem auxilio ou sem apoio, são acclamadas as rainhas das florestas e dos campos : a *Dea Palmaris.*

Não têm ellas a corpulencia nem a força de uns, nem a flexibilidade de outros, mas têm a distincção da raça, a aristocracia da belleza, que tudo avassalla e que as torna involuntariamente rainhas do mundo vegetal.

Ellas mostram no seu porte a exuberancia e a riqueza do solo, e com os seus encantos dão a graça e a vida que se encontra no interior das nossas florestas.

Symbolisando uma região do globo, symbolisam tambem a gloria eterna, e á sombra de suas palmas se recolhem aquelles que no mundo são merecedores de altos premios, pelos seus feitos, pelo seu saber, pelas suas virtudes ou pela sua santidade.

Se no meio da vegetação florestal é soberana, nas campinas tambem tem o seu imperio.

Nos campos onde o sol crésta, a terra sécca, a humidade desapparece e o frio mata, se perdem a magestade do porte conservam comtudo o garbo, a elegancia e a altivez de sua linhagem.

Se ás vezes se nivelam ao porte do poviléo, conservam ainda assim a graça, a distincção, apanagio que as distingue á primeira vista. Pequenas, porém sempre bellas e altivas.

Nos campos, como em geral, não têm a convivencia com outros membros da familia, aquellas que se afastam e vão viver nos terrenos elevados nunca se isolam, formam grupos de congeneres e em sociedade tudo dominam, offuscando todas as outras plantas que a seu lado apresentam um porte que mostra uma vida constrangida. Ellas, as palmeiras, participam dos effeitos do mesmo meio, mas, na disposição de sua folhagem, ostentam não soffrer e algumas se apresentam isoladas, altaneiras e graciosas, destacando-se das companheiras para mostrar a sua força e o seu imperio. Humilde, apresenta-se entretanto uma, que parece fugir do fausto das companheiras, e no meio das gramineas se occulta, e d'ellas se não distingue; é o pequeno Ariry, o *Cocos petraea*. E' a mais modesta das palmeiras; sempre pequenina, sempre se escondendo, chegando até a occultar algumas vezes as suas flores e os seus fructos no solo de que se alimenta. Da sua modestia nasce, entretanto, o realce que lhe dá o merito.

São pois as palmeiras membros de uma grande familia que tem o cunho da distincção, o orgulho da força e da belleza, e que se não confundem com a multidão que as rodeia. Se o gigante Giquitibá disputa o sceptro da realeza pela sua

força e crescimento, a esbelta e fina *Yussara*, que cresce a seu lado, ergue-se á mesma altura, eleva a sua corôa acima da folhagem d'elle, com toda a elegancia, e quando o furacão o quebra e o desgalha, esta meneando airosamente a cabeça resiste á sua furia, e passada a tempestade, olha incolume e orgulhosa para os destroços que apresenta o rei das florestas e para os da sua vassallagem.

Tem como as rainhas o apanagio de protectoras dos viajantes e d'aquelles que vivem longe dos bens da fortuna ou no estado selvagem. São as *arvores da vida*, como as chamam os colonos da Guyana Ingleza.

São ellas que fornecem o fio com que tecem as rêdes em que descançam o corpo; que lhes dão a linha para pescar, a isca para o fogo, o tecto para os abrigar, as paredes que os livra dos ventos e dos animaes, os soalhos que os privam da humidade, o lenho para as suas armas, os preparos para os seus ornatos, a palha para os diversos utensilios, a cêra, o oleo e o sal com que se alumiam e temperam as suas iguarias; que lhes dão a agua para saciar a sêde, o vinho para as suas festas; que os alimentam com os seus fructos e seus palmitos e até lhes fornecem remedios para seus soffrimentos e doces para seus bailes. Não ha familia vegetal que tanto offereça ao homem. Quanto não soffreria o pobre e o viajante pelas nossas selvas se não fosse a protecção das palmeiras?

O humilde escriptor d'estas linhas, quantas vezes não teria de passar as noites exposto ás chuvas torrenciaes, dentro das mattas do equador, se não fossem os instantaneos *Mauarys* (1), feitos com suas folhas?!

Quantas vezes não lhe foi saciada a sêde pela agua e pelo vinho de seus fructos! Quantas vezes não lhe mataram a fome os seus fructos e os seus palmitos!

Pela sua grande utilidade entram nas lendas de quasi todos os povos.

(1) Barracas que se levantam sobre duas forquilhas, feitas e cobertas só de folhas de palmeiras, principalmente do genero Attalea.

E' considerada arvore sagrada, symbolo do sol, da riqueza, da geração, da força, da resistencia, da immortalidade, da gloria e representa assim a Deusa Victoria, a *Dea Palmaris*.

Se no paganismo é reverenciada, no Christianismo é abençoada. Quando Maria pelos desertos do Egypto andava foragida, levando Jesus, menino, em seus braços, foram os fructos de uma palmeira que lhe mataram a fome, e foram as suas folhas que lhe deram abrigo, pelo que seu sagrado Filho a escolheu para o symbolo da salvação eterna, declarando que com as suas palmas faria a sua entrada triumphal em Jerusalem.

São tantos os seus dotes, que Plutarco diz existir um hymno babylonico que canta os trezentos e sessenta beneficios que ellas prestam á humanidade e Garcia da Orta, nos seus *Colloquios* fallando das cousas necessarias á vida humana assim se expressa em relação ás palmeiras : «Dá tantas e necessarias que não sey arvore que dê a sesta parte». E' por isso tambem que tem a supremacia sobre todos os outros vegetaes.

Esta familia, nobre e distincta, viveu entretanto obscura por muitos annos ; foi preciso que um membro dos mais proeminentes, tambem da aristocracia do genio e do saber, com ella se encontrasse, para que, tomando-a em suas mãos, lhe assignalasse o logar saliente que devia occupar na natureza.

Appareceu o mais eminente botanico que tem vindo ao Brazil, o Dr. Carlos Frederico von Martius, e póde-se dizer, com elle appareceram essas formosas phanerogamas. Linneo não conheceu mais do que quinze especies, e foi só depois do palmographo bavaro que surgiram os admiradores das soberanas das mattas. Appareceram Blume, Ruiz e Pavon, Liebmann, Hooker, Wendland, Beccari, Drude e outros. As palmeiras principiaram então a ser procuradas com interesse.

Da Asia, da Africa, da Oceania e da America sahiram dos seus reinos desconhecidos, para tornarem-se o ornamento das estufas reaes e dos jardins publicos e particulares de todo

o mundo, offuscando sempre com os seus dotes as outras plantas que, com as suas bellas flôres e com seu aroma, prestam-lhes homenagem a fim de melhor realçar a supremacia que lhe reconhecem.

As palmeiras do Brazil, encanto de nossas mattas, por sua vez tiveram as attenções dos homens cultos e começaram a ser raptadas para os jardins da Europa, onde foram conhecidas pela monumental obra do mesmo Dr. Martius. (1)

Era crença geral que a sua monographia encerrava todo o thesouro do Brazil e que todo o palmetum brazileiro ahi estava descripto, pois suppunha-se impossivel que novas palmeiras houvesse e que tivessem escapado ao operoso viajante. Não obstante no campo virgem que havia sido por elle explorado, appareceu depois o Dr. Ricardo Spruce, e, só no Amazonas, encontrou elle novas especies, com o que parecia ter assim feito conhecidas, então, todas as palmeiras do Brazil.

Entretanto, quanto ainda n'esse campo havia por fazer! Tomei então sobre meus hombros o pesado encargo de respigador e de fazer com que o Brazil, que apresenta a primeira flora do mundo, não deixasse tambem, de nas palmeiras ser o primeiro. Dediquei-me ao seu estudo, e n'estes 25 annos, lutando com os maiores sacrificios, devassando as mattas e os campos, as serras e as vargens; varejando sertões, pantanaes e desfiladeiros; exposto ás intemperies, curtindo a sêde e a fome, affrontando os perigos dos animaes ferozes e o furor dos indios; percorrendo assim todo o valle do Amazonas desde as fronteiras; explorando todos os affluentes deste grande rio e transpondo as suas cachoeiras, entrando pelos sertões do interior do paiz, chegando assim até Matto Grosso, depois de dar toda a volta do Brazil, consegui sobraçar o estudo de cento e trinta e quatro especies novas, desconhecidas á sciencia, que pelos seus cultores têm sido recebidas.

Eu que, de mui longe, seguia as pegadas de Martius, o

(1) *Genera et Species Palmarum*, MDCCCXXIII.

palmographo que mais especies tinha descoberto no Brazil, e que occupou sempre o primeiro logar, tambem pelo seu saber, aos poucos d'elle me approximei e consegui alcançal-o na parte numerica das especies.

Elle colheu a messe de um campo inexplorado e virgem, eu respiguei n'um terreno trabalhado.

O seu patrimonio, adquirido no Brazil, contem cento e vinte e oito especies, salvo engano, e no que eu vou formando já tenho um computo que sóbe a cento e trinta e quatro todas por mim encontradas e estudadas nos logares em que crescem expontaneamente (1).

Até 1878, segundo o palmographo Wendland (2), existiam classificadas 1.011 especies, comprehendendo 45 minhas, disseminadas por todo o orbe; porém hoje esse numero deve-se elevar a quasi 1.200, sendo um terço d'essas especies pertencentes ao Brazil. Pelos ultimos trabalhos estão já determinados 410 especies brazileiras, e pode-se dizer que representam só o trabalho de dois homens, porque apenas cincoenta e uma foram descobertas ou descriptas por diversos outros estudiosos, como melhor se verá na lista que aqui junto.

Orgulho-me por isso, como brazileiro, porque doía-me n'alma ver que todas as nossas palmeiras, até 1872, tinham sido descobertas e descriptas por estrangeiros, embora amigos do Brazil, e sentia não ver o nome de um brazileiro ligado a individuo algum dessa explendorosa familia, que tanto amo.

As que agora apresento não são todas as que existem em Matto Grosso, apenas relaciono as que encontrei e de que colhi *specimens*.

Perguntar-me-hão, talvez, os incredulos, os partidarios e amigos de enviarem plantas para serem na Europa classificadas: — Como tendes certeza de que essas especies sejam novas, se não confrontastes nenhum herbario europeo?

---

(1) Vide a relação das que tenho publicado e que apresento no fim deste trabalho.

(2) Kerchoven. *Les Palmiers*, pag. 230.

—Tenho, convictamente responderei, tenho, e não confrontei herbarios, porém passou-me vivo, pelos olhos e pelas mãos, todo o palmetum de Martius e quasi todo o dos outros botanicos. Não confrontei rebotalhos seccos e incompletos; para identificação, servi-me de seus troncos, vi as plantas como a natureza as apresenta, abriguei-me debaixo de suas folhas, saboreei os seus fructos, apreciei o aroma de suas flores, e tambem soffri o effeito doloroso de seus espinhos. Essas filhas queridas as tenho retratadas nos seus menores detalhes e me acompanham, e dia virá em que saiam á luz da publicidade.

Se parece aos incredulos desconhecerem isso, por minha vez direi: — Perguntae a Bentham, a Hooker, a Wendland, a Parlatore, a Beccari, a Trail, a Kerchoven, a Drude, a Kuntze, a Wawra, a Baillon e a outros; consultai o *Index Kewensis* e todas essas auctoridades que representam a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, a Escossia, a Belgica, a Prussia, a Austria e a França vos responderão, tendo por interpretes o sabio Beccari, quando creou o genero *Barbosa:* « Colgo quindi l'occasione che mi si presenta, di distinguere questa nobile palma col nome del signor J. Barbosa Rodrigues, distinto botanico braziliano e conoscitore profondo delle Palme del suo paese » (1), ou o Dr. Wawra von Fernsee, quando na sua auto-biographia faz esta referencia: « Un autre botaniste, le fameux palmo et orchidologiste Barbosa Rodrigues » (2).

Alonguei-me, e contra minha vontade tive de fallar de mim, o que nunca fiz, porém não me vituperem, circumstancias especiaes me obrigam a assim proceder, pelo que peço desculpa.

Ao apresentar-me no Rio de Janeiro depois da expedição á Matto Grosso, fui recebido por desgostos, que me fizeram assim exprimir-me, mas esses não impedirão que eu, com ufania, possa dizer:

---

(1) *Malpighia.* Anno I. Fasc. VIII. pag. 11.

(2) Morren et Fonsny. *Les Bromeliacées Brésiliennes,* 1881, p. 38.

— Tomai, patricios meus, mais um punhado de palmas novas, que respiguei nas plagas Matto-Grossenses, para que não preciseis perguntar a estrangeiros quaes as riquezas que possuimos.

Estas palmeiras ides conhecel-as folheando as paginas d'este livro.

VALE.

Jardim Botanico do Rio de Janeiro, em 5 de Setembro de 1897.

PALMAE MATTOGROSSENSES

Ord. **PALMAE** Mart.

Fam. CORYPHINEAE Mart.

Gen. **Copernicia** Mart.

COPERNICIA CERIFERA Mart. *Palm. Orbign. 41. t. 1. f. 3 et XXIV. et Hist. Nat. Palm. III. 242*; Kunth *Enum. Plant. III. 243.*; Walp. *Ann. bot. syst. V. p. 817*; Grisebach. *Symb ad flor. Argent.* p. 283; Wendl. *in Kerch. Les Palm.* p. 241. Drude *Flor. Bras.* III. p. II p. 547, t. CXXVIII.; Morong *Ann. of the N. York Acad. of Scienc.* VII. p. 245.

CORYPHA CERIFERA Mart. *Palm. Bras. 56 t. 49, 50 et suppl. 50 A. 51 f.* 5. M. A. Macedo *Not. sur le palm. Carnauba, 1867.*

Encontrei esta bella palmeira, a que Arruda Camara deu o nome de *Corypha*, com o nome de *Carandá*, pelas margens do Rio Paraguay, formando extensas florestas de milhões de exemplares.

Póde-se dizer que quasi toda a região do Chaco (1) é exclusivamente occupada por ella. Encontra-se de todas as alturas, vivendo socialmente. Milhões são derrubadas pela industria e queimadas pelo fogo dos campos, que ás vezes se extende por muitas leguas, porém, apezar disso as florestas continuam compactas. Tres variedades são conhecidas pelos naturaes,que não são mais do que differentes épocas da vida. Designam pelos nomes

(1) Não significa banhado, charco, pantano, como se pretende ; é uma corruptella do quichua *Chacû* que quer dizer ajuntamento, companhia. Teve essa região paraguaya esse nome porque foi nella que se reuniram as tribus que fugiram do Perú, ante a conquista Inca e a dos hespanhóes.

de *Palma negra*, *Palma colorada* e *Palma blanca*, as tres idades, as novas, as adultas e as velhas, que se distinguem pela côr do lenho preto, avermelhado e branco. Entretanto, pelas differenças que estes estados apresentam tambem na folhagem, o Dr. Morong considerou-as especies distinctas e conservou o nome de *Copernicia cerifera*, para a palma negra, denominando *C. alba*, á blanca, e *C. rubra* á colorada.

O *Carandá*, que é a mesma *Carnauba* do Ceará e do Maranhão, é uma das palmeiras que por si só fornece ao homem tudo quanto precisa. Entretanto no Paraguay só é empregado o lenho e não se aproveitam do tomento das folhas novas e grelos (mangará) para a cêra; apenas das folhas fazem abanos, chapéos e outros objectos. Devo aqui fazer sentir que o nome *carandá* foi modificado no Amazonas para *Caraná* e no Ceará para *Carnauba* ; aquelle designa hoje uma Mauritia, e perdeu pela pronuncia tupy o *d* que sempre sôa no karany. *Carnauba* tambem é uma corruptella e já não designa o fructo e sim a arvore. Carnauba significa *Carnaubeira*, isto é *Carandá* o fructo desse nome e *yba* ou *uba*, a arvore. *Carandayba* ou *Carandáuba*, pela pronuncia portugueza, é orthographia correcta, mas que fizeram estropiando *Caranáuba* e hoje *Carnauba* (1). Noticia circumstanciada desta palmeira, dá o dr. M. A. de Macedo, na sua *Memoria sobre a Carnauba*, publicada á pags. 281, do volume 4.° (nova serie) do *Auxiliador da Industria Nacional*, publicado em 1856, e que deve ser lida, pelo proveito que pode tirar d'ella a industria de Matto Grosso.

Esta especie extende-se até Matto-Grosso onde não é tão abundante.

O nome Carandá é applicado tambem á *Trithrinax Brasiliensis* Mart., do Rio Paraná e Rio Grande do Sul.

---

(1) O nome *Carandá* hoje applicado a estas palmeiras não designava outr'ora a mesma. Dando os indigenas o nome de *andá*, aos fructos das palmeiras em geral, querendo designar as grandes florestas que existem no Paraguay d'esta palmeira, exprimiam-se dizendo: *caa-r-andá*, isto é: *matta de andás*, vindo *r* euphonico pela pronuncia, como é geral no karany. Carandá quer dizer *coqueiral*.

Fam. LEPIDOCARYEAE Mart.

Gen. **Mauritia** L. fil.

MAURITIA VINIFERA Mart. *Palm. Bras. 42. t. 38, 39; Palm. Orbign. 20. t. 13 et 21.;* Kunth *Enum. Plant. III p. 217;* Walp. *Ann. Bot. Syst. V. p. 834;* Wendl. *in Kerch. Les Palmiers, p. 251;* Drude, *in Flor. Bras. III. p. II, pag. 291. t. LXII. f. III., LXVII, f. III.*

Vulgarmente é conhecida esta util e proveitosa palmeira pelo nome de *Burity* ou *Bority*, corruptella de *Mbority*, d'onde veiu tambem o nome de *Murity*, dado no Pará á *Mauritia flexuosa*, que tambem já fazem *Mirity*. *Mbority* quer dizer o que contem agua, liquido, de *Mboró*, que contem e *ty*, agua; com effeito é uma das grandes utilidades d'essa palmeira e donde lhe veiu tambem o nome scientifico de *vinifera*. Muitas vidas salvou esta palmeira, saciando a sede do nosso exercito da expedição de Matto Grosso, durante a guerra do Paraguay.

Nos campos geraes e aridos, quando se avista uma d'essas arvores protectoras, produz o mesmo effeito de um oasis no Sahara, pode-se dizer: « vamos encontrar agua ». Com effeito, sempre junto se encontra alguma fonte ou regato, e quando este esteja secco, encontra-se no seu espique o liquido bastante para saciar a sede de muitos homens. A esta quadra melhor o nome de *Arvore do viajante* do que á *Ravennalla Madagascariensis*, porque esta só contem nas vaginas de suas folhas o deposito das aguas pluviaes, emquanto que a palmeira brazileira contem em si um reservatorio proprio para todo o anno.

Encontrei grandes borityzaes, então com fructos, quasi maduros, perto de Villa Mendes, aquem do Rio das Areias de S. Miguel, e alguns pés na Serra da Chapada.

Fam. ARECACEAE Mart.

Gen. **Geonoma** Wild.

Sect. SCHISTOSPADIX Trail.

1. GEONOMA CHAPADENSIS Barb. Rod. Caudex gracilis caespitoso denso annulatus. Foliis æqualiter pinnatifissis, petiolo quam foliolis majore, foliolis 4—jugis, extimis minoribus, tribus falcato longissime acuminatis cum uno alterove uninervi intermixtis lineari-acuminatissimo. Spadix paniculatis foliis quadruplo brevior pedunculo spathas minutas breve excedente compressi, rachi ramos inferiores ramificatos et apicales simplices breves mucronatos.

Tab. I.

Caudex $2^{m} \times 0,^{m}025$ lg., annulis $0,^{m}04$ inter se distantibus. *Folia* 10—12 contemporanea, $1,^{m}$—$1,^{n}30$ lg., atroviridia; vagina $0,^{m}01$—$0,^{m}15$ lg., petiolus $0,^{m}50$—$0,^{m}70$ lg., super concavus, *foliolis* inferiore $0,50 \times 0,08$ lg., 8—10 nervis, (Ang. 60.°), lineare $0,45 \times 0,015$ lg., uninervis, (Ang. 60.°); medio $0,^{m}55$—$0,^{m}11$ lg., 9—10 nervis, (Ang. 50.°), superiore $0,^{m}35 \times 0,^{m}10$ lg., 12—nervis, (Ang. 40.°). *Spathis* lanceolatis, obtusis, exteriore 0,10 lg., interiore $0,^{m}09$ lg., cinnamomeo tomentosis. *Spadices* tam masculi quam fœminii in una eademque stirpe, fusco tomentosi 2 in eadem planta infra folia evoluti; pedunculo asper, erecto, $0,^{m}13$ lg., ad basin cinnamomeo tomentoso, compresso; *rachi* $0,^{m}10$ lg., *rami* 10—19 laxe inserti, inferiores longe pedicellati et 2—4 furcati, superiores simplices $0,^{m}25$—$0,^{m}27$ lg., *alveoli* in interstitiis $0,^{m}005$ separati, laeviter immersi, labio emarginato. *Flores* masc. rami diametrum aequantes; sepala lanceolata, obtusa, concava, extus gibbosa, marginibus minutissimis fimbriatis; petala subdupla majora, oblongo-lanceolata, subacuta, concava; *urceolo* staminali filamentis subaequilongo; *flor. faem.* non vidi. *Baccae* ignotae.

Hab. *rarior in* Morrinhos *ad* Serra da Chapada, *Prov.* Matto Grosso. *Floret Junio. Herb. n. 204.*

Explic. Tab. I. — 1. Vista, tirada do natural, dos *Dous Morrinhos*, na serra da Chapada, mostrando o *itambé*, onde foi encontrada a *Pindova*. 2. Porção do espique de tam. nat.. 3. Uma folha, muito diminuida. 4. Spathas e espadice, de tam. nat.. 5. Flor macho, quatro vezes augmentada. 6. Filamentos e antheras, cinco vezes augmentados. 7. Sepala, vista de lado, oito vezes augmentada. 8. Petala, oito vezes augmentada.

Receio que esta especie me seja levada tambem para o cortejo das synonymias, porque se a minha *G. trijugata*, que não se parece tanto com a *G. paniculigera* de Martius, foi levada para a synonymia d'esta, o que não farão com esta, cujas folhas se assemelham na disposição dos foliolos, com as *G. Gastoniana*, *Wittigiana*, *Brognartii*, *Desmarestii?*

Entretanto para quem as conhece *de visu*, no logar em que naturalmente crescem, nada têm de commum a de que me occupo com as citadas. No habitus, no tamanho, nos spadices e nas flores é inteiramente differente.

Não é o prurido, de fazer especies novas, porque, mercê de Deus, já centenas de plantas perpetuam o meu nome, e não será mais uma que influenciará na minha vida. As que já tenho chegam para dar nome a mais de um botanico.

Vem este cavaco a pello, porque n'esta familia, tenho sido infeliz ; muitas especies têm servido para dar nome a outros e como não quero ver mais uma perdida, de antemão previno.

Encontrei esta especie crescendo em soqueiras no logar denominado *Morrinhos*, na serra da Chapada, nas bordas de um profundo *itambé* (1) coberto de luxuriante vegetação que cobria um lindo regato, que sobre rochas se espreguiçava. E' conhecida vulgarmente por *Pindobinha*. Em Julho florescia, porém, encontrei apenas spadices masculinos, pelo que completa não pode ser a descripção, mas, o é tanto quanto basta para o estudo comparativo e fazel-a bem caracterisada.

(1) De *itá*, pedra e *ampé*, parede, que por corruptella fizeram *itá-ambé*, *itambé*. Pedras cortadas a prumo, como paredes.

2. G. ALTISSIMA Barb. Rod. Caudex gracilis elatus caespitosus remote annulatus foliis longe petiolatis, foliolis trijugatis plurinervis falcato-acuminatissimis rarius linearibus uninervibus intermistiis. Spadix paniculatis folliis multo brevior pedunculo spathas longas excedente compressi, rachi ramos inferiores ramificatos et apicales paucos simplices exserentes, omnes divaricatos filiformes minutissime mucronatos, alveolis laeviter immersis, labio emarginato.

Tab. II.

Caudex elatus, gracilis 4—5,^{m}40×0,^{m}04 lg.. *Folia* 11 contemporanea, erecto-patentia, congesta, 1,^{m}90 lg., atroviridia, *vagina* 0,^{m}25 lg.,tomento cinnamomeo adspersa, *petiolus* 0,^{m}80—0,^{m}90 lg., super concavus, *foliolis* trijugatis, plurinervis, inferiore 0,^{m}70×0,^{m}10—0,^{m}12 lg., utrinque 9—10—nervis, (Ang. 30°), medio 0,65×0,^{m}13—0,^{m}14 lg., utrinque 10—12—nervis, (Ang. 30.°), superiore 0,60×0,^{m}12—0,^{m}13 lg., utrinque 12—nervis, (Ang. 48.°). *Spadices* 0,^{m}20—0,^{m}23 lg., cinnamomeo-tomentosi; *pedunculus* compressus, erectus, asper, 0,^{m}20 lg., *spathis* longis, (0,^{m}16) lanceolatis tomentosis, *rachis* 0,^{m}12 lg.; *rami* 20 arcuati, inferiores longe pedicellati 3—4 furcati, 0,^{m}20 lg., supremi simplices; *alveolis* in interstitiis fere 0,^{m}006 superpositis, per spiram 2 dispositis, labio breviter emarginato. *Flores* masc. sepala apice purpurascentia lanceolata, subacuta, concava incurvata; *petala* sepala aequalonga, oblonga ad basin attenuata, subacuta, concava; *fœm.* non vidi. *Baccae* subrotunda, 0^{m},009 in diam., atroviolacea.

HAB. *in silvis* Capão secco, *ad* Serra da Chapada, *Prov.* Matto Grosso. *Floret. Junio. Herb.* n. 210. PINDOBINHA *incolorum.*

EXPLIC. TAB. II. — 1. Porção do espique, de tam. nat.. 2 *a*. 2 *b*. 2 *c*. Folhas de um mesmo exemplar, sendo *a* commum, *b* raro, e *c* rarissimo, muito diminuidas. 3. Spathas e espadice, com fructos, tam. nát.; 4, 5 e 6 Sepalos seis vezes augmentados; 7, 8 e 9 Petalas, seis vezes augmentadas.

O polymorphismo das folhas é notavel na *Geonoma paniculigera*, apresentando em uma só soqueira exemplares que destacados, serão facilmente tomados por palmeiras differentes, quando pertencem a um só pé, nascido de uma semente. A especie de que me occupo é uma em que tambem as folhas são polymorphas, não tanto como a *paniculigera*, mas apresentando em uma só soqueira tres fórmas de folhas, das quaes facilmente se conhece qual o typo predominante, porque raras são as modificações. Assim a fig. *a*, da Est. II., é o typo commum e que caracterisa a especie, que degenera ás vezes no typo *b* e mui raras vezes no *c*. E' uma especie de folhas trijugadas, mas não se confunde com nenhuma das que citei, tratando da *G. Chapadensis*, das quaes se distingue logo pela sua elevação e grossura do espique.

Esta nova especie encontrei, no logar denominado Capão secco, formado de alta e humida floresta, á sombra da qual crescia em soqueiras, de longos espiques, que disputavam a luz pelos claros das galhadas das arvores. Estava em Julho com fructos, que não tinham attingido a completa madureza.

Vulgarmente tem o nome de *Pindobinha*, commum á todas as Geonomas em Matto Grosso como o de *Ubimrana*, no Amazonas.

Das folhas se aproveitam os naturaes para forrarem os cestos de farinha.

Gen. Œnocarpus Mart.

1. ŒNOCARPUS DISCOLOR. Barb. Rod. Caudex procerus cylindricus gracilis nudus foliis distichis subscrispatis, petiolis et basi latissimâ brevissimé vaginante, abrupte angustatis longibus, foliolis per 2-6 aggregatis oppositis vel alternis suberectis et deflexo-pendulis linearibus vel late linearibus acuminatis supra nitentis subtus glaucis. Spadix ferrugineo pulverulentus ferè maximus, ramis longissimis supra pedunculum subito deflexo-pendulus rectis ad apicem attenuatis, petalis masc. oblongis acutis concavis.

Tab. III.

Caudex $8^m \times 0^m,15$ lg., cinereo-fuscus, leviter annulatus, annulus $0^m,03$—$0^m,04$ lg. cicatricis foliis æquantibus. *Folia* 10 contemporanea in comam flabelliformem dense congesta, $4^m,40$ lg., arcuata; vagina lanceolata, dorso sub-gibbosa, $0^m,25$ lg.; petiolo super-canaliculato, cinereo-tomentoso, $1^m,20$ lg.; *rachis* subtus convexa, bifacialis, supra sub-concava, versus apicem carinata; *foliolis* inferiores $1^m \times 0^m,01$ lg., medio $1^m,10 \times 0^m,55$ lg., superiores $0^m,30$ — $0^m,40 \times 0^m,015$ lg., acuminatis, supra atroviridis, nitentis, subtus glaucis, nervo medio superne prominulo satis robusto. *Spatha* decidua, exteriora lignosa, lanceolata, acuminata, ferrugineo-tomentosa, $0^m,50 \times 0^m,20$ lg., interiora lignosa, lineari-lanceolata, longè mucronata, ferrugineo-tomentosa, $0^m,70$ — $1^m \times 0^m,45$—$0^m,50$ lg.; *spadix* infra foliis insertus pendulus; *rami* plurimi, secundi, deflexo-penduli, $0^m,50$ lg. in ima basi ad longitudinem $0^m,05$ — $0^m,1$ floribus destituti. *Flores* dense dispositi, masc. *sepala* minima, lanceolata, acuminata; *petala* multo majora, oblonga, acuta, concava; staminibus inclusis petala demidio minoribus; *antheræ* 6, lineares, obtusæ, ad basim bilobæ; *germinodio* trifido; *fœm.* non vidi. *Baccæ* ignotæ.

Hab. *in silvis humidis* Morrinhos *ad* Serra da Chapada, *prov.* Matto Grosso. *Floret junio.* Pindoda *ab incolis denominata. Herb. n. 239.*

Explic. Tab. III. — 1. Porte muitissimo diminuido. 2. Uma porção do rachis da folha, para mostrar a inserção dos foliolos, tam. nat. 3. Uma porção da parte média de um foliolo de tam. nat.. 4, 4 *a*, 4 *b*, 4 *c*, 4 *d*, 4 *e*. Mostram córtes transversaes do peciolo (4) e do rachis, de tam. nat.. 5. Spathas, dez vezes diminuidas. 6. Uma porção de um ramo, com flores novas. 7. Uma flor masc. na anthese, quatro vezes augmentada. 8. Calyce, oito vezes augmentado. 9. Petala, oito vezes augmentada. 10. Um estame, seis vezes augmentado. 11. Germinodio abortivo, quatro vezes augmentado.

Herborisava nos campos da Chapada, quando, ao chegar a dois morros que entre si formam um profundo desfiladeiro (itambé), no logar denominado Morrinhos, quando avistei, por entre as ultimas ramas das grandes arvores, que do fundo se erguiam, a bella fronde em forma de leque d'esta especie. Corri para ella, lembrando-me saudoso das *bacabeiras* (Œ. distichus) do Pará, e admirado de ver em zona, clima e altitude tão differente crescer esta bella palmeira. Não tinha fructos, apenas espadices com flores. Observando-a cuidadosamente, o seu habitus, e comparando-a com a que a memoria me perpetuava das tantas que vi em diversos lugares do Pará, achava differença, e perguntei a mim mesmo, será a *R. tarampabo?*

Mais tarde, estudando-a pelas descripções e desenhos de Martius, no seu *Palmetum Orbignyanum* e nos seus *Genera et species Palmarum*, comparando as descripções de Drude, na *Flora Brasiliensis*, e com os meus desenhos, de tamanho natural e coloridos, feitos *d'après nature* e com as minhas descripções encontrei differenças. Á primeira vista pelo habitus se podem confundir, como se confundem a *Mauritia vinifera* com a *M. flexuosa*, porém um exame minucioso faz com que se affastem e não se identifiquem.

Os meus desenhos da *Œ. distichus* são feitos em 1872, por exemplares colhidos em Itaituba, no rio Tapajós.

Uma falta noto nos desenhos de Martius, quer nos do

Palmetum, quer nos dos *Genera*, a de não representar a maneira pela qual se inserem os foliolos. A disposição d'elles e a fórma que toma a inserção é um bom caracter. Comparando, porém, os meus desenhos, vejo uma differença palpitante entre as duas especies. Na especie Matto Grossense, os foliolos se prendem ao rachis directamente pelas laminas; emquanto que na Paraense os mesmos formam entre a lamina e o rachis uma protuberancia de côr differente, protuberancia, esta, sulcada que é tambem commum nos Astrocaryuns. Postos que os foliolos tenham a mesma largura, comtudo a fórma por que terminam é differente. No *Œnocarpus distichus* as pontas são agudas e na especie de que me occupo acuminadas. Estudando eu ambas as especies, vivas, examinando muitos exemplares, que desenhei escrupulosa e fielmente, com o olhar observador de botanico e desenhista, penso que não será facil o engano. As especies são distinctas e passo aqui a estabelecer a comparação entre as duas especies, unicas do genero da secção que Drude denominou *Distichophyllum*, com a de que trato.

ŒNOCARPUS

distichus Mart.	Tarampabo Mart.	discolor Barb. Rod.
Caudex excelsus, gracilimus, $6^m - 12^m \times 0^m,22$ lg.	*Caudex* crasse cylindricus, $8^m - 9^m$ lg.	*Caudex* excelsus gracilimus $6^m - 8^m \times 0^m,15$ lg.
Foliis crispatis, 10 — 15 dense congesta, $5 - 6^m$ lg.	*Foliis* concinnis 15 dense congesta $3^m - 4^m$ lg.	*Foliis* concinnis 10 dense congesta $4^m - 5^m$ lg.
Foliolis angusti-lanceolatis, acutis, per 3- aggregatis, deflexo-pendulis, $0^m,8 - 0^m,10 \times 0^m,05 - 6$ lg. utrinque obscure viridis.	*Foliolis* lineari-lanceolatis, anguste, longe acuminatis, per 2-5 aggregatis, $0^m,4 - 0^m,5 \times 0^m,02$ lg., saturate viridi.	*Foliolis* anguste lanceolatis, acuminatis, per 2-6 aggregatis, $1^m \times 0^m,05 - 0^m,06$ lg., super obscure viridis subtus vere glaucis.
Spatha $1^m,30$ lg.		*Spatha* 1 m.
Spadix fusco-pulverulento, maximus, ramis longissimis ad apicem attenuatum, flexuoso-tortis, $0^m,60 - 1^m$ lg.	*Spadix* fusco, minor, supra pendulum brevem subito ramificatus, ramis strictis apicem versus attenuatis rectis, $0^m,50$ lg.	*Spadix* pauci ferrugino-pulverulento, *ramis* longis ad apicem attenuatis rectis, 0,40—0,70 lg.
Flores masc. petala oblonga obtusa.	*Flores* masc. petala oblonga lanceolata acuta.	*Flores* masc. petala lanceolata acuta.
Germinodio trigono, acuto.		*Germinodio* tripartito.
Stamina corolla æqualia, filamentis anthera dorsaliter fixa.		*Stamina* demidio corolla, filamentis liberis.
Anthera erecta, obtusa.	*Anthera* basifixa, inflexo-pendula, breviter trilobata.	*Anthera* medifixa, sub saggittata, obliqua vel horisontalia.

Pelo quadro comparativo se vê bem as differenças. A bacabeira, *Œ. distichus* de Martius, se estende até ao alto Tapajós, mas creio que não chega ao *divortium aquarium*, para descer quasi ao baixo Paraguay, e ahi acclimar-se nos campos a mais de 700 metros acima do nivel do mar. E' verdade que Tarampabo vae a 1000 metros nos Andes da Bolivia, mas, essa não desce aos terrenos baixos das florestas do Amazonas.

Se por acaso houvesse emigração, conservaria o nome proprio do Amazonas, o de *Bacaba*, porquanto outr'ora, como hoje, grande commercio houve entre Matto-Grosso e o Pará pelo Arinos e Tapajós, e os indios civilisados, nas monções, com as sementes perpetuariam o nome vernaculo. Entretanto tem o nome de *Pindó* ou *Pindoba*, para uns e para outros o de *Palmeira verdadeira*, o que não é mais do que a traducção da palavra Karany *Pindó*, que significa *palmeira*, em geral.

Poderá ser uma variedade da *Œ. distichus* devido ao meio, e facilmente os fructos determinariam, porém, como não os vi fica, n'esta especie um ponto de interrogação.

No desfiladeiro onde foi achada encontrei mais de doze exemplares já bastante adultos e alguns ainda muito novos.

Devo notar que vi individuos dioicos sendo os espadices masculinos pela metade dos femininos. Encontrei tambem espadices munidos, de 3 spathas, sendo a terceira interna envaginante a principio e mais tarde bipartida e caduca. Esta spatha não é mais do que o desenvolvimento de uma bractea, que sempre apparece como spatha nos spadices masculinos.

Esta especie estende assim mais a área geographica do genero, vindo do Orenoco, passa pelos Andes Peruanos e Bolivianos e chega ao Sul do planalto do centro do Brazil, depois de espalhar-se pelas terras baixas do valle do Amazonas.

A bem da historia e da verdade devo dizer que esta palmeira foi vista pelo botanico Riedel, na mesma serra da Chapada, perto da villa de Guimarães, hoje freguezia de Sant'Anna da Chapada.

No *Esboço da viagem feita por Mr. de Langsdorff*, pelo Sr. Hercules Florence e publicado no tomo 38, á pag. 464, da *Revista do Instituto Historico*, diz o mesmo autor:

« Nas mattas de Guimarães, foi que vi pela primeira vez a palmeira chamada *Pindova*, cujas folhas abrem-se n'um só plano como um leque. E' um bello typo da opulenta e magnifica familia das palmeiras. »

Creio que o Dr. Riedel não colheu exemplares, ou então dormem em algum herbario da Russia, sem determinação; o que não admira porque, milhares de plantas nossas, estão n'este caso.

Se a *Pindova* vista por H. Florence, e que naturalmente tambem foi vista pelo Dr. Riedel, pois estavam na mesma commissão, fosse examinada e identificada, com os Œnocarpus conhecidos, seria esse facto forçosamente mencionado pelo illustre professor Drude, na parte geographica das especies, mencionadas na Flora, o que se não dá. Além d'esta especie o mesmo autor tambem vio o *Uaukury* e o *Uauaçu*, que tambem não são citados geographicamente na *Flora*.

Creio que esta especie estende se tambem até aos altos chapadões do Municipio de Montes Claros, em Minas Geraes, porque em uma relação das palmeiras d'este lugar, da *Chorographia Mineira* (1), encontro esta nota: « e uma especie chamada simplesmente *palmeira* notavel pela bella forma de leque da folhagem. »

---

(1) *Revista do Archivo publico Mineiro.* Anno II. 1897, Fasc. 3. pag. 576.

Fam. COCOINEÆ Mart.

Gen. **Cocos** Linn.

Sect. EU COCOS Dr.

B. *Endocarpio lapideo intus gibboso, monospermo, albumen æquabile*

COCOS ROMANZOFFIANA Chamisso *in Choris, Voyage pitt. autour du monde*, p. 5, V et VI (1822) et *in Flor.*, VI. (1823) par. I, 226. — Mart. *Hist. Nat. Palm.*, II p. 127, tab. 88. p. VII. et III, p. 321. — Kunth. *Enum plant.* III, p. 286. — Walpers *Ann. bot. syst.*, 5, p. 823. — Wendl. *in Kerch. Palm.* p. 241. — Hook. *Rep. R. G. Kew,* 1882 p. 241. — Drude *in Mart. Flor. Bras.* III, p. II, p. 419, tab. XCII. — Becc. *in Malpighia* I, fasc. VIII. p. 25, n.° 19.

Cocos AUSTRALIS Mart. *Palmet. Orbig.* (1847) p. 95, tab. I, f. 2 et tab. 30 C.; *Hist. Nat. Palm.*, III. p. 289. et 324. —Walp. *Ann. bot. syst.* 5, p. 823.—Wendl. *in Kerch. Les Palm.*, 240. — Drude *Mart. Flor. Bras.* III, pag. II. p. 420. — Hook. *in Report. R. G. Kew.* 1882 (1884), p. 72. —Beccario *in Malpigthia* I fasc. VIII. pag. 26. — Morong. *Plant. coll. in Paraguay Annal. of the N. York. Acad. of Scien.* VIII. (1893). pag. 245.

Cocos PLUMOSA Hook f. *in Bot. Mag.*, t. 5180 (1860) et *in Rep. R.* G. *Kew* 1882, p. 72. Wendl. *in Kerch Les Palm.*, p. 241. — Drude *in Mart. Flor. Bras.*, III, p. II. pag. 412. Becc., in *Malpigh.* I. fasc. VIII. p. 28. n.° 22 ?

Cocos DATIL Grisebach et Drude *in Griseb. Symb. Fl. Argent.*, 1879, p. 283. — Drude *in Mart. Fl. Bras.* III, p. II, p. 419, tal, XCIII.— Becc. in *Malpigh.* I. fasc. VIII, pag. 27, n.° 21 ??

Cocos GERIBÁ Barb. Rod. *Protest. app.* p. 43. (1879). *Les Palmiers*, p. 27 f. 6. *in tab. physiogn. et tab.* III, f. 5 a, b, c et fig. 6, a, b. (1882). Drude *Flor. Bras. III. p. II. p. 403, in clavis analyp.* BECCARIO. *Malpigh. I. p. 28.*

Cocos acrocomioides Drude *in Mart. Fl. Br.*, III p. II, pag. 409, tab. LXXXVII, f. III. — Becc. *in Malpigh.*, VI, fasc. VIII, pag. 28, n.° 23 ? ?

Cocos martiana Drude et Glz. *in Mart. Fl. Br.*, III. p. II, pag. 418.

Tab. IV. Frontispicio.

Explic. Tab. IV. — A. Porte do *Geribá*, de Minas Geraes e S. Paulo. A′ 1, 1 *a*. H 3, 3 *a*. Fructos do mesmo B. Porte do *Gerivá* de Nioac e Cuyabá. B′ 5, 5 *a*. Fructos do mesmo. C. E. Porte do *Baba de boi* do Rio de Janeiro, e do *Pindó* de Assumpção. C′ 2, 2 *a*, E′ 3, 3 *a*. Fructos dos mesmos. D. G. Porte do *Pindó* do Rio Grande do Sul e de Buenos-Ayres. G′ 6, 6 *a*. D′ 7, 7 *a*. Fructos dos mesmos. F. Porte do *Coco de cachorro* de Santa Catharina. F′ 4, 4 *a*. Fructos do mesmo. I. Porte do *Geribá* do Rio Grande do Sul, transplantado, já grande. J 1, 1 *a*. Fructos do Geribá cortados vertical e transversalmente e de tamanho natural.

Tab. IV a. — 1, 1 *a*, 1 *b*, 1 *c*, 1 *d*. Córtes transversaes do peciolo e do rachis, de tam. nat.. 2, 2 *a*, meio e extremidade de um foliolo, tam. nat.. 3. Porção do rachis com dois grupos de foliolos, tam. nat.. 4. Spatha interior, 12 vezes menor. 5. Flor macho, tam. nat.. 6. Calyce. 7, 8 e 9. Petalas, tam. nat.. 10. Flor fem. fecundada, tam. nat.. 11. A mesma, duas vezes augmentada. 12, 13, 14. Sepalas, duas vezes augmentada. 15, Petala, duas vezes augmentada. 16. Ovario, duas vezes augmentado. 17. Fructo inteiro. 18. O mesmo, cortado verticalmente. 19, O mesmo, cortado transversalmente.

Entre as palmeiras, por mim colhidas no Estado de Matto Grosso, figura a especie acima, a mais vulgar do Brazil, do tropico para o Sul.

Quando descrevi o individuo, encontrado nas mattas dos terrenos montanhosos do Sul de Minas Geraes, conhecido por *Geribá*, e comparei-o com os que em abundancia e por toda a parte crescem no Rio de Janeiro, tomei logo, o que descrevi, como a especie selvagem, sendo a cultivada a do Rio de Janeiro, mas não encontrando descripção que quadrasse a nenhuma das especies, com grande sorpresa a tomei como nova e como tal a dei com o nome de *C. Geribá*. Tive razão para isso, apezar de me admirar como sendo tão vulgar no Rio de

Janeiro, ponto de chegada de todos os botanicos, nem Martius nem nenhum outro a houvesse classificado. A razão é simples, a descripção de Martius foi baseada na descripção feita por Chamisso, nos terrenos salitrados da Ilha de S. Catharina, pelo que comparada a mesma descripção e os detalhes com os individuos que crescem no Rio e em Minas Geraes, não é possivel a identificação.

Hoje, porém, depois de correr os Estados de S. Paulo, Paraná, S. Catharina, Rio Grande do Sul e as republicas Oriental, Argentina e do Paraguay, e de ter estudado todos os individuos, que cobrem as mattas e as ilhas do littoral, os campos do interior e as praças das cidades, sou o primeiro a reconhecer que o meu *C. Geribá* não é mais do que um synonymo do *C. Romanzoffiana* Cham. por ser uma e unica especie.

O clima, a natureza do solo, a elevação acima do nivel do mar, tudo contribue, para que essa palmeira se apresente polymorpha.

Assim é que o *Coco de sapo*, do Ceará, o *Geribá* de Minas, (Cocos Geribá Barb. Rod.); a *Baba de boi*, do Rio e de S. Paulo, (C. Geribá Barb. Rod.); o *Gerivá* de Paranaguá; o *coco de caxorro*, de S. Catharina, (C. Romanzoffiana Cham.); o *Geribá* do Rio Grande do Sul, (C. Plumosa Hook.); o *Datil*, de Buenos Ayres (C. Datil Mart.); o *Pindó*, do Paraguay e Montevideo, cujos fructos têm o nome de *Ibá-pytã*, (C. Australis Mart.); todas estas palmeiras que até aqui têm sido referidas, citadas e perpetuadas como especies diversas não são mais do que uma só especie o *Cocos Romanzoffiana* Cham. O meio modificando o habitus, e os fructos, tem feito com que pareçam especies distinctas quando o não são.

As descripções feitas para uma variedade não se identificando com outra, occasionou essa grande synonimia. Posso garantir esta asserção porquanto em todos os estados do Brazil e em todos os logares das republicas do Sul que percorri, especial attenção me mereceu o assumpto e de todas as localidades, examinei vivas as plantas e d'ellas colhi flores e fructos,

e procurei estudar a causa de tão grande modificação. Entre ellas concorre poderosamente a natureza do solo silicoso, ou argiloso, humido ou secco, salitrado ou não. Vi individuos adultos desde anãos até excelsos. Os vi nos charcos, nos campos seccos, nas praias, nas montanhas e nos logares cultivados de boas terras. Assim é que em Nioac, Matto Grosso, em lugares enxarcados e argilosos são anãos, formam grandes barrigas junto ao solo e não se elevam a mais do que á altura de um homem a cavallo, comprehendendo-se as folhas. Os cachos tocam o chão. Nos campos alagados e arenosos do Rio Grande os vi altaneiros, formando grande barriga, junto ás vaginas das folhas; nas praias salitradas do littoral de S. Paulo e Paranaguá, os vi tambem altaneiros porém de troncos iguaes e grossos; nos terrenos argillosos salitrados de S. Catharina, encontrei formando barrigas quasi no centro dos troncos; em Montevideo, Buenos Ayres, Corrientes, Conception e outros logares, acheios iguaes aos do Rio Grande; nos logares montanhosos e pedregosos vi tornarem-se de tronco fino, excelsos e flexuosos; nas chacaras, nas praças onde a terra é boa e bem adubada vi tomarem uma altura e grossura extraordinarias, conservando o tronco sempre igual e assim como encontrava modificação no tronco, tambem encontrava nas folhas, nas flores e principalmente nos fructos. Pequeno numero de folhas, disvaricadas e crespas, grandes ou pequenos espadices com poucos ou muitos fructos, estes grandes, pequenos, oblongos, redondos, allongados, agudos, obtusos, fibrosos, não fibrosos, muito ou pouco mucilaginosos, com o epicarpo muito fibroso ou quasi pellicular, amarello claro, amarello de ouro, avermelhados, verdes, emfim apresentando uma variedade de forma, tendo apenas sempre immutavel um caracter, o da *gibbosidade interna do endocarpo*. Vi exemplares com folhas pequenas e grandes, crespas com foliolos disvaricados e pectinados com longos foliolos pendentes, estreitos ou largos.

Passou-me pelas mãos e pelo meu exame todos os *Geribás*, *Cocos de cachorro*, *Babas de boi*, *Datis*, *Pindós*, nos proprios

logares em que expontaneamente crescem e reconheci que todos não são mais do que variedades.

Represento aqui na *Est IV*, não só o porte, tirado *d'après nature*, como os fructos de algumas variedades, por onde melhor se prova o que affirmo.

Em um trabalho meu (1) quando protestei pelo esbulho que soffri do monographo da *Flora Brasileira*, fiz ver que *os Cocos Martiana* e *acrocomioïdes*, não eram mais do que o meu Geribá, descriptos por dois exemplares cultivados no Passeio publico do Rio de Janeiro, donde foram tirados e remettidos para Europa pelo Dr. Glaziou, quando já sabia que era o meu *Geribá* e agora ainda aqui rectifico o que então disse.

São pois seis especies que figuravam como distinctas e que agora desapparecem, para sómente se apresentarem como cortejo synonymico do *Cocos Romanzoffiana* Cham.

Em resumo pode-se dizer, pelo que observei, que o *C. Romanzoffiana* nos logares humidos e alagados torna-se barrigudo em baixo, nos logares arenosos e salitrados em cima, nos humidos e selicosos no centro, tornando-se finos e esbeltos nos logares montanhosos e seccos e direitos e grossos nos logares cultivados.

O estudo que fiz d'esta palmeira levou-me a estudar todo o grupo do genero *Cocos*, trabalho que o meu amigo Beccario, sabio botanico italiano, tambem já fez, no seu estudo preliminar intitulado *Le Palme incluse nel genere* Cocos Linn.

Conhecendo *de visu* as plantas de que se compõe este genero, tendo-as visto vivas, exceptuando o *C. Drudei* Becc., pude organisar a ligeira chave do genero, que aqui junto, reunindo todas as especies brazileiras conhecidas, excluindo apenas as exoticas que são: na secção *Eu cocos*, o *C. nucifera*, das Indias e na dos *Syagrus*, os *C. argentea* Engl., o *Sancona* Hook, o *Chiragua* Becc., da Columbia, o *Orinocensis* de Spruce, do Orenoco e o *pityrophylla* Mart., da Bolivia.

Em Matto Grosso encontra-se o *Cocos Romanzoffiana* nos

(1) *Les Palmiers*, 1882, pag. 24 et 27.

alagadiços de Nioac, no Rio Cuyabá e em outros logares já cultivados de sementes d'essa localidade. Em Cuyabá, por exemplo, encontra-se em algumas chacaras, mas ahi, já em terreno silicoso e secco, tomou outro aspecto, já forma tronco alto, conservando sempre uma especie de barriga junto ao solo que gradualmente afina para o apice. Ahi tem tambem o nome de Geribá. Informou-me um velho soldado da guerra do Paraguay, filho do Ceará, que a mesma palmeira existe no Ceará com o nome de *Coco de sapo*. Em Buenos-Ayres dão ao fructo dos Pindós o nome Karany de *Ybá-pitan*, isto é: fructo vermelho.

O nome *Gerybá* ou *Geryvá* é uma corruptella, pela pronuncia do Karany, de *Yary* pegajoso, gommoso, e *uá* fructo. *Yaryuá*, fructo gommoso. A aspiração do *y* passou a *j* em portuguez e d'ahi *jerivá* e *geribá*.

Na estampa IV apresento o porte de varios Geribás, assim como os fructos, que se encontram no Rio de Janeiro, Minas Geraes, Paraná, S. Paulo, S. Catharina, Rio Grande do Sul, Buenos Ayres, Assumpção e Matto Grosso.

Levei todas as formas descriptas como especie para synonymas do *Cocos Romanzoffiana* de Chamisso, por ser a mais antiga, tendo por isso o direito de prioridade.

Foi achada por Chamisso em 1816 na Ilha de S. Catharina, na primeira expedição feita á custa do Conde de Romanzoff no *Rurich*, sob o commando do capitão russo Kotzebue, quando veiu aos mares do Sul da America.

Entretanto o typo d'essa palmeira não é o Cocos Romanzoffiana, deve-se considerar como tal, as variedades que tem o fructo mais oblongo, que são as que se encontram nos logares virgens. O *Coco de cachorro* é a variedade que mais se affasta do typo, pelas folhas e pelos fructos e pelo ventre do apice do espique. O typo não apresenta dilatação alguma no espique.

Posto tenham sido representadas as variedades que tem sido descriptas como especies aqui represento na Tab. IV, os detalhes da variedade Matto Grossense, que completam as formas do seu polymorphismo.

Sect. Syagrus

A. *Endocarpio lapideo intus monovittato, monospermo, albumem æquabile*

AKUMÃ

2. COCOS CAMPESTRIS Mart. *Hist. Nat. Palm.*, II, p. 121, tab. 87, f. 1, et III, p. 324. — Kunth. *Enum. Plant.* III, p. 284. — Walpers *Ann. bot. syst.* V, p. 823. — Wendl. in Kerch., *Palm.*, p. 241. — Drude in *Mart. Fl. Br.*, III, p. II, p. 414. — Hook, *in Rep. R. G. Kew*, 1882, p. 72. — Becc. *Malpighia* I. fasc. VIII, p. 22.

Tab. V et VI.

Explic. Tab. V. — Porte do *Coco da serra*, de Minas Geraes, muito diminuido.

Tab. VI. — 1. Porte do *Akumã* de Matto Grosso. 2. Porção do rachis de uma folha, com um foliolo inteiro, tam. nat.. 3. Rachis e ramo de um espadice, tam. nat.. 4. Flor macho, tam. nat.. 5. Calyce seis vezes augmentado. 6. Petala, duas vezes augmentada. 7. Estames, duas vezes augmentados. 8, 9, 10. Sepalos, tam. nat.. 11, 12 e 13. Petalas. 14. Petala vista de frente, todas de tam. nat.. 15. Androceo e ovario, tam. nat.. 16. Fructo inteiro. 17. O mesmo, mostrando o mezocarpio e o endocarpio. 18. Endocarpio cortado verticalmente. 19. Fructo cortado transversalmente, mostrando os loculos abortados e a unica facha que apresenta. Tudo de tam. nat.

Commum é esta especie nos campos geraes, das chapadas das serras de Minas Geraes, S. Paulo, Goyaz e Matto Grosso, crescendo sempre nas encostas dos cerrados e dos capões, ou mesmo nos cerradões, formando ás vezes soqueiras.

Não penetra pelas florestas nem se afasta para o campo limpo. Tomam ás vezes, alguns individuos, fórmas elegantes, pela flexibilidade dos espiques; ora deitam-se para levantar apenas a fronde, ora tomam a forma espiralada, ou curvam se como serpente. As vaginas das folhas são cobertas por um alto tomento cotonoso, de mais de tres millimetros de espessura, que facilmente se destacam. Esse tomento, que é a principio, nas

folhas mais internas, branco, torna-se depois côr de ganga e os naturaes denominam *isca*, porque d'elle servem-se para accender fogo.

Encontrei nos campos de Cuyabá, e nos da serra da Chapada, principalmente perto dos rios S. Romão e da Casca, onde abundam a formar mattas, nos taquaraes (Chusqueas). Tem ahi vulgarmente o nome de *Acuman* e não *Acumão* como dá Drude. Em Minas dão-lhe o nome de *Coqueiro do campo* ou *Coco da serra*, onde encontrei muitos principalmente na chapada da serra do Aguapé e suas immediações e na serra de S. José d'El-Rey. As folhas são aproveitadas para vassouras.

Esta especie afasta-se dos seus congeneres pelo facto de apresentar o endocarpo sempre pelo lado interior uma larga facha escura em vez de ser liso ou munido de tres, como nos Eu-cocos e Syagrus, pelo que, destacando-a dos verdadeiros Syagrus, estabeleci uma sub-secção para ella, como se verá da chave analytica que aqui apresento.

B. *Endocarpio lapideo intus trivittato, monospermo, albumine aequabile.*

※ ARIRY

3. C. PETRAEA Mart., *Palm. Orbign.*, p. 100, t. 9, f. 2, et *Hist. Nat. Palm.*, III, p. 290 et 324. — Walp. *Ann. bot. syst.*, I, p. 1009 n. 4. V, p. 823, n. 367. — Wendl. in Kerch. *Palm.*, p. 241. — Drude in Mart., *Fl. Bras.* III, p. II, p. 245, tab XCVII, fig. 1. — *Cocos rupestris* Barb. Rod., in *Prot.*— *App.* p. 45 et *Les Palmiers*, p. 29.

§ *Phatyphylla* Drude in *Mart. Flor. Bras.* III p. II, p. 426. Drupa enduviata ovoidea vel subrotunda acuta, $0^m,018 \times 0^m,015$ in diam., epicarpio fibroso tomento ferrugineo tecto, mezocarpio albofibroso, indocarpio tenue ovoideo intus trivittato; semine excavata.

Tab. VIII.

Explic. Tab. VIII. — 1. Porte muito diminuido. 2. Porte do peciolo e do rachis, tam. nat.. 3, Spathas exterior e interior e espadice com fructos, tam. nat.. 4. Flor macho, tam. nat.. 5. Calyce duas vezes augmentado.

6, 7 e 8. Petalas, tam. nat.. 9. Estames, quatro vezes augmentados. 10. Flor fem., tam. nat.. 11, 12 e 13. Petalas, tam. nat.. 14, 15 e 16. Petalas, tam. nat.. 17. Androceo abortivo e ovario, tam. nat.. 18. Os mesmos, duas vezes augmentado. 19. Fructo inteiro. 20. O mesmo, cortado verticalmente. 21. O mesmo, cortado transversalmente, mostrando as tres fachas, tudo de tam. nat.

Esta especie foi encontrada por Alcides d'Orbigny na Missão de S. Thiago, provincia de Chiquitos na Bolivia e descripta pelo sabio Dr. Martius. Achando-a em Minas Geraes, no alto da Serra da Tromba, proxima ao Rio Sapucahy e encontrando differença, na identificação com a descripção de Martius, que, no *Palmetum Orbignyanum* só apresenta desenhado o porte, considerei-a nova e lhe impuz o nome de *rupestris*. Mais tarde verifiquei ser o mesmo *petraea* de Martius. Razão, entretanto, eu tinha, tanto que Drude estabeleceu tres variedades a *genuina*, a *platyphylla* e a *alpina*. A especie de que me occupo é a variedade *platyphylla* de Drude.

Como nas descripções só sejam imperfeitamente conhecidos os fructos, que só foram vistos verdes, acima apresento a diagnose dos fructos maduros.

Encontrei pela primeira vez em Matto Grosso esta especie nos campos do alto da Serra da Chapada, completamente occulta pelas gramminеas, com as quaes se confunde inteiramente ; nas cabeceiras do Rio Coxipó, proximo ao Engenho Burity e depois em quasi todos os campos, com flôres e fructos maduros em fins do mez de Junho.

Em geral o pedunculo dos espadices ficam occultos no solo e só a parte florida e a dos fructos surgem á superficie. Esta mesmo as chuvas ou formigas algumas vezes cobrem de terra.

Tem em geral em Matto Grosso o nome vulgar de *Haryry*, do Karany *Haryb*, cacho e *y*, pequenino, que foi o nome que em geral os caipiras me deram.

Cresce tambem esta palmeira nos campos de Goyaz, onde tem o nome de *Acuman rasteiro*, assim como, segundo Gardner,

igualmente se encontra em Piauhy e Pernambuco. E' pois uma palmeira cuja área geographica é muito extensa.

Explic. Tab. IX. — 1. Porte muito diminuido. 2. Porção do rachis, tam. nat. 3. Spathas e espadice com fructos de tam. nat.. 4. Flor macho, tam. nat.. 5. Calyce, duas vezes augmentado. 6, 7 e 8. Sepalas, tam. nat.. 9. Estames, quatro vezes augmentados. 10. Flor fem.. 11, 12 e 13. Spalos. 14, 15 e 16. Petalas. 17. Androceo e ovario, tudo de tam. nat.. 18. Os mesmos, duas vezes augmentados. 19. Fructo. 20. O mesmo, cortado verticalmente. 21. O mesmo, cortado transversalmente, mostrando as tres fachas, tudo de tam. nat..

※ ※ UAPEREMA

4. COCOS COMOSA Mart., *Hist. Nat. Palm.* II, p. 122, t. 88, f. I–II.— Spreng., *Syst. Veg.*, II, p. 142. — Kunth., *Enum.*, *plant.* III, p. 284—Drude in Mart. *Fl. Bras.*, III, p. II, p. 410. Hook. *in Rep. R. G. Kew*, 1882, p. 72. — COCOS PLUMOSA (non Hooker) Lodd., Cat. — SYAGRUS COMOSA Mart., *Palm. Orbign.*, p. 134 it. *Hist. Nat. Palm.*, III, p. 292 e 324, tab. 166, f. V.—Wendl. in Kerch., *Palm.*, p. 257.—SYAGRUS COMOSA Wendl., *Ind. Palm.*, p. 382 ? — Becc. in *Malpighia* I, fasc. VIII. p. 23. n. 17.

Tab. VII.

Cresce esta palmeira socialmente nos campos arenosos da Serra da Chapada, campos estes que se estendem pelo planalto do Brazil até Goyaz, e ahi em varias localidades é encontrada. Vi em abundancia perto do Rio da Casca, nas proximidades do Rio Coxipó e do Aricá e tambem perto de São Romão.

Em geral é uma palmeira acaule, e pouco se desenvolve devido ao fogo que annualmente se lança aos campos, que a queima e atrophia, porém, em logares que o fogo não chega ou aquellas já muito adultas, apresentam um longo espique flexuoso com uma pequena fronde muito elegante.

Vi entre milhares de exemplares acaules alguns que se destacavam com espiques de 5 a 7 metros de alto, tendo

apenas 0,006 — 0,010 de diametro, que davam aos campos um aspecto de magnificencia.

Vulgarmente tem o nome de *Gariroba* ou *garyrobinha*, por ter o seu palmito amargo. O nome é corruptella do *Hary-rob* Karany, que quer dizer *talo*, *cacho*, *espadice*, e *palmito*, e *rob* amargo.

Não se deve confundir o nome vulgar que tem com o de uma outra especie que cresce isolada nos campos geraes de Minas Geraes, principalmente nos que marginam o Rio Sapucahy, perto das Serras da Tromba e Aguapé, que é o *Cocos oleracea Mart.* Esta é uma palmeira excelsa, de tronco grosso e fructos grandes, cujo nome é tambem *Gariroba*.

Cresce a especie de que me occupo, tambem em Goyaz, onde tem o nome de *Gariroba do Campo*. Os naturaes aproveitam o seu palmito para a arte culinaria e mesmo come-se crú, quando os pés são novos.

Em geral as crianças quando encontram um pé novo o arrancam para comerem o pequeno palmito, que é doce-amargo.

A *Gariroba* de Matto-Grosso, tem os fructos pequenos e a de Minas, grandes. Aquella é social e dos campos e esta solitaria, entrando tambem pelas mattas.

Encontrei a palmeira em questão, com flores e fructos verdes, em Junho.

Explic. Tab. VII. — 1. Portes da *Gariroba*. 2. Porção do rachis de uma folha de tam. nat.. 3. Spathas e spadice, reduzida a um quarto do comprimento. 4. Um ramo de tam. nat.. 5. Uma flor macho, tam. nat.. 6, 7 e 8. Petalas, duas vezes augmentadas. 9. Estames, duas vezes augmentados. 10. Flor fem., depois de fecundada, tam. nat.. 11, 12 e 13. Sepalas, tres vezes augmentadas. 14. Corolla. 15, 16 e 17. Petalas, duas vezes augmentadas. 18. Androecio e ovario, duas vezes augmentado. 19. Fructo inteiro, tam. nat.. 20. O mesmo, cortado verticalmente. 21. Endocarpio, mostrando as tres fachas externas. 22. O mesmo, cortado transversalmente, mostrando as tres fachas internas, de tam. nat..

Chave analyptica das secções e subsecções do genero COCOS, do Brazil

NOTA. — Os nomes em versalete são das especies adoptadas e os em italico os dos synonimos.

Gen. Cocos Linn.

Sect. Eu Cocos. Dr.

A Endocarpio *lapideo* intus *læve*, albumem æquabile.

:|: ***Arikury.*** Caudex mediocris.
Gynomicranthæ.
Fructos monospermos.

1. Cocos CAPITATA Mart, 2. LEIOSPATHA Barb. Rod., 3. SCHISOPHYLLLA Mart., 4. DRUDEI Bec. (C. *Weddellii* Dr.)

:|: :|: ***Butiá.*** Fructos 1 a 3-spermos.

5. C. ERIOSPATHA Mart. (C. *Blumenavii* Hort.), 6. ODORATA Barb. Rod., 7. PULPOSA Barb. Rod.

B. Endocarpio *lapideo* intus *gibboso*, monospermo, albumem æquabile

Gerivá. Caudex excelsus
Gynomicranthæ.

8. C. ROMANZOFFIANA Cham. (C. *Australis* Mart., *plumosa* Hook., *Datil* Mart., *Geribá* Barb. Rod. *Martiana* Dr. *acrocomioides* Dr,)

Sect. Syagrus Mart.

A. Endocarpio *lapideo* intus *monovittato*, monospermo, albumen *æquabile.*

Akumã. Caudex procerus.
Gynomacranthæ.

9. Cocos CAMPESTRIS Mart., 10. YUTAY Mart., 11. PICROPHYLLA Barb. Rod.

B. Endocarpio *lapideo* intus *trivittato*, monospermo, albumen *æquabile.*

⁂ ***Ariry.*** Acaulis.
Gynomicranthæ.

12. C. ACAULIS Dr., 13. PETRAEA Mart. (C. *rupestris* Barb. Rod.) 14. C. GRAMINIFOLIA Dr.

⁂ ⁂ ***Vaperema.*** Caudex mediocris.
Gynomicranthæ.

15. Cocos SYAGRUS. Dr. (*Syagrus cocoïdes* Mart.), 16. C. CORONATA Mart. (C. *Gartnerii* Hort.), 17 C COMOSA Mart.

⁂ ⁂ ⁂ ***Jará-rana.*** Caudex excelsus.
Gynomicranthæ.

18. Cocos ÆQUATORIALIS Barb. Rod. (C. Inajay Dr.) 19. CHAVESIANA Barb. Rod., 20. C. SPECIOSA.

⁂ ⁂ ⁂ ⁂ ***Guaryroba.*** Gynomacranthæ.

21. C. OLERACEA. Mart., 22. C. MACROCARPA Barb. Rod. (C. *Procopiana* Dr.), 23. C. FLEXUOSA Mart.

C. Endocarpio *crustaceo* intus *trivittato*, monospermo, albumen *æquabile.*

Glaziova. Caudex humilis.
Gynomicranthæ.

24. C. Weddelliana Wendl (*Glaziova elegantissima* Hort., *G. Martiana* Gl.), 25. C. insignis Barb. Rod. (G. insignis Dr.)

D. Endocarpio *osseo* vel *crustaceo*, intus *trivittato*, monospermo, albumen *ruminato*.

○ ***Arikuryroba.*** Caudex mediocris.
Gynomicranthæ.

26. Cocos Arikuryroba Barb. Rod. (*Arikuryroba Capanemæ*, Barb. Rod.)

○ ○ ***Barbosa.*** Caudex procerus.
Gynomacranthæ.

27. Cocos Mikaniana Mart. (*Langsdorffia pseudo-cocos* Raddi, *Barbosa pseudo cocos* Bec.)

Dou em seguida uma relação dos nomes vulgares, com que são conhecidas as differentes especies, nos Estados, em que ellas crescem expontaneamente. Alguns nomes são tambem levados para outras especies, por individuos que não as conhecem bem, ou não são naturaes dos logares.

Nomes indigenas com os seus correspondentes scientificos do genero

Cocos Linn.

Eu Cocos

1. Cabeçudo (Minas Geraes)......	*Cocos capitata* Mart.
2. Coqueiro do campo (Minas Geraes)...........................	*C. leiospatha* Barb. Rod.
3. Nikury (Bahia)......................	*C. schizophylla* Mart.
4. Paty (Goyaz)........................	*C. Drudei* Becc.
5. Butiá (Rio Grande do Sul).....	*C. eriospatha* Mart.
6. Butiá (Santa Catharina).........	*C. cdorata* Barb. Rod.
7. Butiá-açú (Santa Catharina).....	*C. pulposa* Barb. Rod.
8. Geribá (Minas, S. Paulo, Rio Grande e Matto Grosso).. Baba de boi (Rio de Janeiro). Coco de cachorro (Santa Catharina)........................ Datil (Buenos Ayres)......... Pindó (Assumpção)...... ..... Paty (Bahia).................... Coco de sapo (Ceará)......... Imbury de cachorro (Espirito Santo)........................	*C. Romanzoffiana* Cham.

Syagrus Mart.

9. Akumã (Matto Grosso)....... Coco da serra (Minas Geraes)............................	*C. campestris* Mart.
10. Yutay (Rio da Prata)............	*C. Yutay* Mart.
11. Coco da quaresma (Rio de Janeiro)...........................	*C. picrophylla* Barb. Rod.
12. Ariry (Matto Grosso)............	*C. petraea* Mart.

13.	?	*C. acaulis* Mart.
14.	?	*C. graminifolia* Dr.
15.	Pyririma / Pererema / Uaperema / Yatá — Amazonas	*C. syagrus* Dr.
16.	Arikury (Minas Geraes)	*C. coronata* Mart.
17.	Garyroba do campo (Matto Grosso)	*C. comosa* Mart.
18.	Jará-rana (Amazonas)	*C. æquatorialis* Barb. Rod.
19.	Pupunha-rana (Amazonas)	*C. Chaveseana* Barb. Rod.
20.	Pupunha de porco (Amazonas)	*C. speciosa* Barb. Rod.
21.	Garyroba (Minas Geraes)	*C. oleracea* Mart.
22.	Maryroba (Minas Geraes)	*C. macrocarpa* Barb. Rod.
23.	Arikury (Minas Geraes)	*C. flexuosa* Mart.
24.	Iká (Rio de Janeiro)	*C. Weddelliana* Wendl.
25.	Iká-açú (Rio de Janeiro)	*C. insignis* Barb. Rod.
26.	Arikuryroba (Pernambuco)	*C. arikuryroba* Barb. Rod.
27.	Paty (Rio de Janeiro)	*C. Mikaniana* Mart.

Gen. DIPLOTHEMIUM Mart.

1. DIPLOTHEMIUM LEUCOCALYX Drude in *Flor. Bras.* III, p. II, pag. 429 — 431. tab. XCVIII. f. 1.

DIPLOTHEMIUM JANGADENSE Moore. *Phanerog. bot of the Exp. Mat. Gros.* in Trans. of the Linn. Soct. of Lond. IV. p. 499. t. 86.

Tab. IX fig. A.

Esta especie foi descripta como nova pelo Professor Oscar Drude, pelos materiaes colhidos em 1845, pelo Dr. Weddell, companheiro de Castelnau, em Matto Grosso, do lado das margens do Rio Paraná. Esteve, pois, nos herbarios da Europa 37 annos, sem ser classificada.

Encontrei-a socialmente nos campos do Urucu, em Corumbá e nos das margens do Rio Paraguay, com flores, em Maio. Mais tarde encontrei-a tambem formando grandes soqueiras, nos campos da Serra da Chapada, principalmente nos cerrados ou nos logares em que haviam monticolos formados pelo cupins. Tem vulgarmente o nome de *Coco de vassoura* ou *Guryry*, uma abreviatura de *Guaryry*, corruptella de *haryry*, pela pronuncia castelhana, e que quer dizer o *cacho pequeno*.

Burchell, tambem a encontrou nos campos do Rio Grande do Sul.

Tem o porte mais desenvolvido do que o do *C. campestris Mart.*

A especie que, como nova descreveu o Dr. Spencer Moore, não é mais do que o *D. leucocalyx* de Drude. Varia muito na forma. Nos campos de Corumbá, quando se encontram socialmente, agglomerados dentro dos cerrados, tomam grande desvolvimento, alongam e multiplicam as folhas, dá longos espadices e quando nos campos descobertos, tornam-se menores e

pouco se desenvolvem, pelo que modificam tambem os foliolos. Nos campos da Chapada apresentam no porte um aspecto que dir-se-hia uma especie inteiramente differente.

2. D. CAMPESTRE Mart. in *Hist. Nat. palm.* III, p. 109, tab. 76 et 78, — Kunth., *Enum plant.* III p. 290. Walpers, *Ann. bot. syst.* V. pag. 824. Wendl. in Kerch. *Palm.* p. 242.—Drude in *Flor. Bras.* III, p. II, p. 432. tab. XXIII.

Tab. IX fig. B.

Encontrei esta especie nos vastos campos geraes da serra da Chapada, em Matto-Grosso, vivendo socialmente em alguns logares com o *D. leucocalyx*. Tem ahi o nome de *Aryry* modificação de *guryry*, e tambem o de *coco de vassoura.*

Esta especie estende-se pelos Estados de Espirito-Santo, de Minas Geraes, S. Paulo, Rio de Janeiro, Goyaz e Rio Grande e vai á Republica Argentina e á Bolivia.

Os naturaes empregam as folhas no fabrico de vassouras. Os seus fructos são comestiveis.

Explic. Tab. X. Fig. A. — *Diplotemium leucocalyx* Dr. 1. Porção do rachis, com um foliolo inteiro, tam. nat.. 2. Espadice, tam. nat.. 3. Spatha e espadice, muito diminuido. 4. Flor macho, tam. nat.. 5. A mesma, duas vezes augmentada. 6, 7 e 8. Sepalas. 9, 10, 10 *a* e 11. Petalas. 12. Estames, tudo duas vezes augmentado. 13. Filamento e anthera, quatro vezes augmentados. 14. Flor fem., antes da anthese. 15. A mesma, depois da anthese. 16. A mesma, duas vezes augmentada. 17, 18 e 19. Sepalas. 20. Corolla. 21, 22 e 23. Petalas. 24. Androceo e ovario, tudo duas vezes augmentado.

B. fig. B. — *Diplotemium campestre* Mart. 1. Flor macho, tam. nat.. 2. A mesma, duas vezes augmentada. 3 e 4. Sepalas, duas vezes augmentadas. 5 e 6. Petalas de frente e de costas, duas vezes augmentadas. 7. Estames, quatro vezes augmentados. 8. Filamento e anthera de frente, quatro vezes augmentada. 9. Flor fem., tam. nat.. 10. A mesma, duas vezes augmentada. 11. Sepala e 12 petala, duas vezes augmentadas. 13. Androceo e ovario, duas vezes augmentados.

Desmoncus Mart.

1. DESMONCUS RUDENTUM Mart. in *Palm. Orbign.*, p. 48, tab. 14 et 26. — Kunth. *Enum plant.* V, p. 819.— Walpers in *Ann. bot. syst.* I, p. 1.005, V, p. 819. — Wendl in Kerch. *Ind. Palm.* p. 243.—Drude *in Flor. Bras.* III, p. II. p. 305.

Tab. X.

Pelas margens dos Rios Paraguay e S. Lourenço, nos logares que se inundam pelas enchentes, sempre se encontra esta especie formando grandes soqueiras.

Seus espiques flexuosos se entrelaçam, agarrados pelas unhas, que terminam a continuação do rachis, ás arvores, attingindo, como grandes cipós, não só o cimo d'ellas como estirando-se para o lado a quasi vinte metros de distancia. Vulgarmente tem o nome de *Urumbamba* antes *yrumbamb*, do karany *yrú* cesto, e *mbamb* que torce, referencia ao longo espique que, em geral depois de rachado e feito em lascas, serve para se fazer *cestos*, por ser facil *torcel-as*. Com effeito, em geral, o emprego que tem essa palmeira é n'esse mister, porque é mais flexivel e mais duradoura que qualquer cipó.

E' commum na Bolivia e no Alto Paraguay. Eu a encontrei não só no Rio Paraguay, como nos rios S. Lourenço e Cuyabá, sempre pelas barrancas humidas das margens, em logares que vão ao fundo.

2. D. CUYABÁENSIS Barb. Rod. Caudex longissime scandens tenuis. Folia longe vaginantia, vaginâ versus petiolum et precipue ochreâ aculeis minimis rectis horridâ, petiolo sub nullo, costa aculeis nigris rectis longissimis dispersi armata versus flagellum aculeis destitutiem inermi, foliolis oblongis, acutis 2—4—jugis alternis utrinque 2—3 aculeis magnis portantibus, flagello quam costa duplo breviore

spinas e basi gibbosâ inferiores foliaceis superiore subulatis 5—jugis armato. Spatha exteriora longe envaginantia sub inermi, acuminata, interiora fusiformi basi invaginantia viridi fusco-tomentosa aculeis brunneis minimis rectis horrida. Spadix foliis triplo brevior, longe pedunculatus, pedunculo supra spathas aculeos minimos brunneos rectos per greges armato, rachi inermi ramos 14—contemporaneos densos graciles, 0^m,1 lg., floribus masc. sepala minima, petala lanceolata acuminata. Baccae ignota.

Tab. XI.

Caudex 0^m,01 in diam.. *Folia* pedunculi 0^m,02 lg., costa 0^m,60 lg. aculeis patentes v. deflexis 0^m,04—0^m,05 lg. flagello 0,40 lg. foliolis inferiores $0^m,18\times0^m,045$ lg., medio $0^m,14\times0^m,40$, superiores $0^m,15\times0^m,05$ lg. *Spatha* exteriora 0^m,28, interiora $0^m,45\times0^m,05$ lg..

Hab. *ad margines fluvii* Cuyabá. Massambará *incolorum. Floret Junio. Herb.* n. 220.

Explic. Tab. X. fig. A.—1. Spathas exterior e interior, tres vezes menor. 2. Flor macho, tamanho natural. 3. Calyce, muito augmentados. 4. Petala duas vezes augmentada. 5. Estames e antheras, duas vezes augmentado. 6. Anthera, quatro vezes augmentada. 7. Flor fem., cinco vezes augmentada, mostrando o calyce e a corolla.

Tab. XI.—1. Porção do rachis, mostrando os grupos dos foliolos, vistos pela parte superior, tamanho natural. 2. Ultimos foliolos, vistos pelo dorso e flagello, tamanho natural.

Quando em Junho nas minhas herborisações, pelo rio Cuyabá procurava as flores ou os fructos do *D. rudentum*, deparei com esta especie em flor que, á primeira vista, me pareceu ser a que procurava. Exame posterior me convenceu do contrario, e comparando-a com as especies até hoje descriptas não a vejo determinada. Tem vulgarmente o nome de *Massambará.*

Da região Matto-Grossense só são conhecidas os *Desmoncus rudentum* e *leptoclonos* de Drude porém ambos são mui differentes.

Poderia apresentar aqui as differenças que encontro comparada com as da secção *Eu desmoncus* de Drude, cujas especies são *acanthospathæ*, mas, torna-se superfluo ante a descripção e o desenho que apresento na Est. IV. Tendo-a como nova aqui a apresento, e os mais autorizados que decidam.

Com o nome de *Urubamba*, vulgar a todos os Desmoncus em Matto Grosso, como o é o *Jacytara*, no Amazonas, encontrou o Dr. Moore, em Santa Cruz, proximo da confluencia do Rio dos Bugres, no Paraguay, uma especie que descreveu (1) e dá como nova sem a determinar especificamente e que suppõe proxima ao *D. rudentum*. Mart.

Pela sua descripção não se identifica tambem com a que aqui apresento e constitue uma outra especie ou variedade.

---

(1) *Phanerog. bot. of the Matto Gros. Exp. p. 498.*

Gen. **Guillielma** Mart.

GUILLIELMA MATTOGROSSENSIS Barb. Rod. Caudex excelsus solitarius aculeis atris longissimis in enternodiis horride armatus annulatus, foliis 10-12 contemporaneis longis arcuatis crispulis infra albidis, petiolus albo tomentosus aculeis brunneis minimis densé armatus, rachi albo-tomentosa, aculeis brunneis minimis subtus et supra echinata lateraliter laevi ; foliolis divaricatis crispatis per acervos 3-4 — arum consociatis secus margines et nervo medio aculeolatis oppositis lineari acuminatis, v. bidentatis utrinque atroviridis. Spatha exteriora lanceolata intus bidentata extus quadri-dentata acuminata albo-tomentosa utrinque aculeis atro-brunneis minimis appresis interiora lanceolata acuminata mucronata extus densé aculeis atro-brunneis echinata. Spadices ferrugineo tomentosus.

Tab. XII.

Caudex 10^m-$12^m \times 0^m$,12 lg., internodiis ad basin, 0^m,30 lg. ad apicem 0^m,01, aculeis 0^m,02—0,08 lg. *Folia* 10-12 contemporanea, arenato patentia 2^m,90 lg. ; vagina et petiolo aculeis nigris horrido, 0^m,90 lg.; *foliolis* inferiores 0^m,65×0^m,025, lg., médio 0^m,60×0^m30 lg., superiores 0^m,35×0^m015 lg. ; secus margines setis densis ornatis, nervo medio utrinque prominentibus secundariis utrinque 3-4 suffulta. *Spadix* intra folia marcescentia, pedunculo laevi ferrugineo tomentoso, incurvo, spatha ventricosa. *Flores* et *drupae* coccineæ ignotæ.

Hab. *in silvis primævis.* Rio da Casca *in montibus* Capitão mór *ad* Serra da Chapada, Prov. de Matto Grosso. Ceryba *incolorum. Floret Aug. Herb. n. 212.*

Explic. Tab. XII. — 1. 1 a. 1 b. 1 c. 1 d. 1 e. Córtes transversaes do peciolo e do rachis, tamanho natural. 2. Porção do rachis com um foliolo inteiro, tamanho natural. 3 e 4. Spathas exterior e interior, vistas pelo dorso e pela frente, antes de desabrochar, seis vezes menores.

Nas suas viagens pela America o Barão von Humboldt, achou em Nova Granada uma palmeira ahi conhecida por *Gachipaes*, da qual os indios muito se utilisavam não só para seus instrumentos de guerra como para o seu alimento, visto como a madeira é excessivamente dura e os fructos muito saborosos e substanciaes, e, reconhecendo-a nova, levou-a para o genero *Bactris* dando para nome especifico o vulgar. Mais tarde o Dr. Martius estudando-a, pelos exemplares que encontrou no Amazonas, viu que se tinha muitos caracteres do genero Bactris comtudo apresentava outros que se affastavam, pelo que creou para ella o genero *Guillielma*, passando a ter o nome de *Guillielma speciosa*. Mais tarde d'Orbigny encontrou na provincia de Chiquitos, na Bolivia, outra especie a que Martius deu tambem o nome de *Guillielma insignis*.

Eram estas especies as unicas conhecidas, sendo que a primeira, no Brazil, nunca foi encontrada em estado selvagem e sim muito cultivada, tanto que Wallace (1) diz « This palm appears to be indigenous to the countries near the Andes. On the Amazon and Rio Negro it is never found wild», o que é exacto, porquanto tendo eu corrido quasi todo o valle do Amazonas até ás fronteiras do Perú e da Bolivia, nunca a vi senão muito cultivada.

Spruce (2) tambem diz: « And when I asked the people where they supposed the palm had originally come from, they pointed westward and said, «From the Cordilleras»; and I got a similar answer from the natives of the Uaupés ».

Assim como o Burity e o Murity indicam proximidade d'agua, assim esta palmeira sempre indica uma habitação ou uma tapera, quando encontrada nas mattas.

Como disse, eram conhecidas só as duas especies, quando á *Guillielma speciosa* addicionei mais tres variedades distinctas que descobri: as var. *flava*, *coccinea* e *ochracea*.

---

(1) *Palm trees of the Amazon*, pag. 95.

(2) *Palmæ Amazonicæ* in Journ. Soc. Lin. XI. pag. 81.

Era de crer que o genero não fosse brazileiro, e sim das raias do Perú e da Bolivia, porquanto a *Pupunha* do Amazonas ahi por emigração se acclimou.

Tenho agora a felicidade de mostrar que no Brazil tambem existe o genero, porque na minha expedição ao Estado de Matto-Grosso, encontrei nas mattas virgens do morro do Capitão-mór, á margem do Rio Casca, affluente do Rio Manso, que desagua no Cuyabá, na Serra da Chapada uma nova especie, que não desmerece da *speciosa* e da *insignis*. Não será d'esta especie, cujas sementes emigrando pelos rios Madeira ou Tapajós para o Amazonas, em tempos idos ahi se aclimasse, a ponto dos exemplares tomarem outro aspecto, perderem quasi os espinhos, avolumarem os fructos e atrophiarem as sementes ?

Conheço bem a *Pupunha* e suas variedades, e das suas sementes que trouxe do Amazonas, já obtive n'este Jardim lindos exemplares, entre os quaes um que breve florescerá pois não só já está com mais de cinco metros de altura, como dando rebentos a formar soqueira, como sóe fazel-o no valle Amazonico a G. speciosa.

Encontrei no centro da floresta virgem, a palmeira de que trato, apresentando individuos sempre solitarios e distanciados, levantando a sua fronde de folhas plumosas com todo o garbo acima das arvores visinhas, onde pela sua belleza tudo dominava.

Infelizmente não apresentavam nem flores nem fructos, mas, a meu lado estava um guia, maior de 60 annos, nascido e ahi criado que bem me informava. Tem vulgarmente o nome de *Ceryba* ou *Ceryva*, ainda corruptella do *haryb*, karany. Sem as folhas e sem os fructos, perguntava a mim mesmo, estarei ante a *Guillielma insignis* que não conheço de vista e que tem tambem entre os indios Guarayos da Bolivia o nome de Ceriva ?

— De que côr e de que tamanho são os fructos, me diga, já que conhece desde a sua infancia e annualmente os vê ? Perguntei eu ao meu guia.

— São *vermelhos* como pitangas e do tamanho de um *tucum*, respondeu-me.

Só isto bastou me para ver que não se tratava da Ceryva boliviana, porque esta tem os fructos *amarello de ouro* e são da fórma e quasi do tamanho de um *ovo de gallinha*: «Drupa formâ et magnitudine ovi gallinacei minoris aurantiaca» vinha-me á memoria este caracteristico dado por Martius.

Se não tinha flores nem fructos comtudo offereciam-me algumas spathas quasi a desabrochar, pelas quaes melhor podia me guiar.

O seu espique é fino e excelso, tendo os entrenós, que, na base têm 30 centimetros e gradualmente vão diminuindo para o apice a ter 10 centimetros, inteiramente ouriçados de aculeos negros, que vão de 2 a 10 centimetros de comprimento, desde a base até ao apice. As folhas são relativamente pequenas, graciosamente curvas e crespas, apresentando o todo uma fórma quasi globular, e tendo o aspecto de um gigantesco tucum ou bactris. A vagina, o peciolo e o rachis das folhas são cobertos de uma grande camada de tomento branco e inteiramente ouriçado de aculeos finos e pardacentos. Os proprios foliolos tem a nervura média, na parte superior, e as margens aculeadas. As spathas exteriores que nas *Guilielmas* conhecidas são curtas e agudas do lado interior e pouco aculeadas, nesta têm a spatha exterior quadridentada na parte externa e acuminada na interna, coberta de tomento branco na base e ferrugineo no apice, muito aculeada, sendo os aculeos na parte anterior ondulados e dirigidos para cima e na interior dirigidos para baixo. A spatha interior é tambem coberta de tomento ferrugineo e ouriçado de aculeos de mais de um centimetro a parecer uma pelle animal.

Em vez de ser aguda ou obtusa, como são as das especies conhecidas são acuminadas, terminando em uma ponta (nucro) de mais de 2 centimetros. Todas os aculeos são de um preto-castanho. Entre muitas differenças que encontro entre esta especie e as conhecidas noto as seguintes : O espique tem os entrenós tão cobertos de longos aculeos que se não vê a parte cortical, em vez de ter finos aculeos esparsos ; as folhas

são em numero de 10 a 12 e não de 6 a 10; o pedunculo das folhas não é quasi cylindrico, como na *speciosa*, os foliolos são de um verde escuro de ambos os lados, e não branco por baixo; os mesmos são dispostos em grupos de 3 e 4 e não de 4 a 6; os fructos são coccineos e quasi globulosos e não attingem a mais de 2 centimetros e não aurantiacos e quasi do tamanho de um ovo de gallinha.

Estas differenças são constantes em todos os exemplares que encontrei.

Breve terei occasião de completar a descripção, pois espero não só flores como fructos que me devem ser remettidos de Cuyabá, e mais tarde d'elles darei noticia.

Gen. **Bactris** Jacq.

1. B. INFESTA Mart. *Palm. Orbig. p. 54. t. 7 et 27 B. major* var. INFESTA, Mart.; *Drude in Fl. Bras.* III. p. II. pag. 359.

Encontrei esta especie, que d'Orbigny achou na Bolivia e proximo do forte Principe da Beira, nas mattas das margens dos rios S. Romão e da Casca na Serra da Chapada. Foi encontrada tambem em Goyaz, no sertão de Amaro Leite, por Weddell, com o nome de *Coco de vinagre.* Os habitantes de Matto Grosso, dão entretanto a esta especie o mesmo nome de *Tucum mirim.*

Cresce em grandes soqueiras, nos logares humidos e sombrios.

Dou aqui a descripção que apresenta Drude, na obra citada, afim que se compare com as que apresento das minhas especies *B. Matto Grossensis* e *Chapadensis.*

B. MAJOR var. INFESTA Mart. (Sub specie).

Caudex plrq. 2 m. altus aculeis compressis nigris armatus; petiolus et costa aculeis nonnullis longissimis sparsis vestita; spatha clavata acuta; pedunculus setosus ramos cc. 6 umbellatim exserens; drupa ovoidea ovo columbino major violaceo-nigricans laevigata.

2. BACTRIS MATTOGROSSENSIS Barb. Rod. Caudex 3-4 m. alt. aculeis atratis ad apicem internodiis armatus, tomento cinnamomeo vestitus. Petiolus et costa aculeis longissimis complanatis sparsis armata, foliolis 3 jugis aproximatis oppositis oblique acuminatis. Spatha, $0^{m},25$ lg., oblonga acuta-mucronata incurva aculeis atratis minimis adpressis armata, pedunculo inermi ferrugineo tomentoso, rachi sub nulla ramos 5 exserente. Drupa oblonga sub acuta laevigata.

Tab. XIII fig. B.

Caudex $3^m - 4^m \times 0^m,05 - 0^m,07$ lg., caespitosus, internodiis cinnamomeo-tomentosus, infra annulos aculeis erectis adpressis armatus. *Folia* 5 — 6 contemporanea, $1^m,60$ lg. inaequaliter pinnasecta, vaginâ brevi pauci aculeatâ, *petiolo* sparsé aculeis, $0^m,03 - 0^m,06$ lg. atratis complanatis armato, $0^m,40$ lg.; *foliolis* 3—8 congregatis, lineari-lanceolatis oblique acuminatis marginibus setulosis, $0^m,20 - 0^m,35 \times 0^m,020$ lg. *Spatha* exteriora lineari-lanceolata, tomentosa, interiora longe vaginata, $0^m,30$ lg., dein fusiformi aculeis minimis $0^m,01$ lg. atratis tenuibus appressus obtecta. *Spadix* $0^m,35$ lg., incurvus, pedunculo compresso, incurvo, tomentoso, $0^m,20$ lg.; *rachi* sub nulla; *ramos* $0^m,15$ lg., incurvos, rigidos. *Flores* non vidi. *Drupa* oblonga atro-violacea, $0^m,04 \times 0^m,025$ lg., epicarpio laevigato, mezocarpio fibroso-pulposo dulce, endocarpio ovoideo, $0^m,025 \times 0^m,018$ lg.

HAB. *in* Corrego Fundo *prope Cuyabá, prov.* Matto Grosso. TUCUM-MIRIM ab-incolis nominatur. *Fruct junio.* Herb. n. 225.

EXPLIC. TAB. XIII. fig. B. — Spathas exterior e interior, sendo esta cortada, faltando um pedaço, e espadice. 1. Porção do rachis, com um foliolo inteiro. 2. Calyce. 3. Fructo inteiro. 4. O mesmo cortado verticalmente, mostrando o embryão quasi no centro. Tudo de tamanho natural.

Entre as especies do genero Bactris, encontrei nas mattas dos terrenos humidos que marginam os rios S. Romão, da Casca e Cabral, quer em baixo, quer em cima da serra da Chapada, a especie em questão, sem flores, porém com fructos maduros, no mez de Junho. Não havendo trabalho algum mais moderno, sobre esta familia, do que a monographia do professor Drude, publicada na *Flora de Martius*, e ahi estando reunidas todas as especies, não encontrei nenhuma que possa se identificar com a minha. A que mais d'ella se aproxima é a *Bactris infesta* de Martius, que para Drude é simples variedade ou sub especie do *Bactris major* de Jacquin.

Comparando-a com a descripção original de Jacquin, do seu *Selectarum Stirpium Americanarum*, a pgs. 280 Est. 171 (ed. de MDCCLXIII) e não 135, Est. 263, como por engano Drude cita; estudando tambem a de Martius, no seu *Palmetum Orbignyanum*, á pags. 54 e Est. 7 e 27 e as de Drude, apenas encontro alguma analogia na forma do fructo.

Entre muitas differenças salientam-se as seguintes: No *Bactris major* e mesmo no *infesta* as folhas são *igualmente pinnatisectas* ou em grupos *pouco espaçados;* os ramos do espadice são em numero de *6 a 10 e levantados* (fastigiatus) o pedunculo é hirto; os foliolos das folhas são em numero de *25 a 35* e os fructos são *asperos* e SORDIDE FUSCA, emquanto que, na de que trato as folhas tem os foliolos dispostos *em grupos muito distanciados;* os ramos do espadice são constantemente em *numero de 5 e recurvados;* o *pedunculo é liso;* os foliolos são em numero *superior a 38;* e os fructos são *roxo-negro lisos e luzentes.*

Como synonima do *B. major*, refere tambem o autor citado, a minha *B. exaltata*, que é uma especie tambem muito distincta, como tambem é distincta a *infesta* de Martius. O facto de não poder o botanico europeu, estudar a planta viva, não conhecer o habitus da planta, e só lidar com plantas seccas, retalhos que não dão a minima idéa d'ellas, faz com que muitos erros e enganos appareçam. N'esta familia os enganos são faceis, porque a não se ter exemplares muito completos, os especimens se confundem e muitas vezes duas especies muito differentes se identificam e outras, as mesmas se afastam. Quem conhece a familia das palmeiras pelo vivo, ao lançar os olhos sobre uma a distingue logo, embora sem flores ou fructos, o que não acontece com os rebotalhos seccos.

E' conhecida entre os naturaes pelo nome de *Tucum mirim.* Tendo-a como nova e assim aqui a apresento. Ha muitos pontos de contacto, em certas especies do genero *Bactris*, que participam dos mesmos caracteres, comtudo a simples inspecção ocular da planta viva os distingue.

3. B. CHAPADENSIS Barb. Rod. Caudex arundinaceus, inermis, caespitosus, tomento brunneo adspersus; vagina tenuiter aculeata, aculeis setosis, petiolo albo tomentoso aculeato aculeis longissimis sparsis atratis complanatis; foliolis per acervos 3 congregatis oppositis lineari-lanceolatis oblique acuminatis marginibus setulosis. Spatha exteriora lineari-lanceolata fulvo tomentosa, interiora longe vaginantia dein oblongo-lanceolata acuta incurva aculeis tenuis brunneis echinata. Spadix incurvus 5 ramosus, pedunculus incurvus fulvo tomentosus setis minutissimis armatus, rachi sub nulla. Drupa oblonga atroviolacea-laevigata.

Tabula XIII, fig. A.

Caudex dense caespitosus, 5-30 contemporaneis, 1^m— $1^m,50 \times \times 0^m,10$ — $0^m,12$ lg., inermis. *Folia* elegantissima $0^m,95$ — 1^m lg., *vagina* et *petiolo* albo-tomentoso aculeis longissimis ($0^m,05$ — $0^m,07$ lg.) atratis armato, *rachi* albo tomentosa, similiter armata; *foliolis* lineari-lanceolatis, inferioribus 3-jugis, $0^m,20 \times 0^m,015$ lg., medio 6-8-jugis, $0^m,25 \times 0^m,15$ lg., superiores $0,^m12 \times 0^m,010$ — $0^m,012$ lg. *Spadix* $0^m,27$ — $0^m,35$ lg., *spatha* inferiore albo-tomentosa lineari-lanceolatâ, acuminatâ, superiore longe vaginantia dein oblongo-lanceolata, rostrata aculeolis tenuis brunneis echinata, *pedunculo* compresso, $0^m,20$ — $0^m,25 \times 0^m,006$ — $0^m,007$ lg., *rachi* sub nulla, *ramos* 5 pedunculo triplo breviores exserente. *Flores* non vidi. *Drupa* oblonga, $0^m,032 \times 0^m,029$ lg., epicarpio tenui, atroviolaceo, mezocarpio albo fibroso pulposo, endocarpio oblongo.

HAB. *in silvis* Rio Ariká, *in* Bocaina Serra Chapada *et in* Rio da Casca. TUCUM MIRIM DA MATTA nuncupatur *Fruct.* Junio. Herb. N. 250.

EXPLIC. TAB. XIII, FIG. A.—1. Calyce. 2. Corolla. 3. Fructo inteiro. 4. O mesmo partido verticalmente; tudo de tamanho natural.

Nas mattas proximas ao Ribeirão Fundo, nas do Ariká e nas do centro da *Bocaina* da Serra da Chapada e no Rio da Casca encontrei formando graciosas soqueiras esta pequena especie. Dir-se-ha uma variedade pequena da especie antecedente pela forma dos fructos e pelo numero de ramos do espadice, entretanto o habitus as separa á primeira vista e a posição dos operculos do endocarpo as distingue. O espique é pequeno, fino e inerme; a vagina das folhas é curta e finamente aculeada; os foliolos são dispostos em numero de 3 a 4 e muito proximos e o pedunculo e o rachis se bem que longamente aculeado é coberto de tomento branco.

Tem o nome de *Tucum mirim da matta*. Esta especie é de terrenos elevados e seccos e outra de terras baixas e humidas.

A comparação dos fructos da *B. infesta*, da *Matto Grossensis* e d'esta que apparentemente parecem ser de uma só especie, dá um bom distinctivo, a *forma do endocarpo e a posição dos póros.*

4. BACTRIS CUYABÁENSIS Barb. Rod. Caudex dense caespitosus 2—5^m alt. aculeis nigris appressis armatus. Petiolus et rachis aculeis longis rectis complanatis albescentibus nigro acuminatis armata, foliolis per acervos dispositis erectis linearibus oblique acuminatis longissime cuspidatis ad margines aculeolatis. Spadix amplus longe pedunculatus, spatha maxima aculeis flavis nigro acuminatis dense echinata mucronata, pedunculo fulvo tomentoso versus apicem aculeato, incurvo sub-compresso, rachi levi pedunculo paulo minore, ramis rigidis. Drupa subglobosa atroviolacea laevigata.

Tabula XIV.

Caudex 2^m—5^m × 0^m,03—0^m,04 lg., aculeis nigris ad apicem internodiis apressis armatus. *Folia* 5—7 contemporanea, 1^m,70 lg. pinnatisecta, aculeata, *petiolo* cylindraceo ferrugineo-tomentoso aculeis albescentibus nigro acuminatis(0^m,02—0^m,05 lg.) in greges confetis patentibus, *rachi* supra carinata subtus acu-

leis similiter pedunculum armata, *foliolis* inaequaliter dispositis per acervos 2—6 jugis alternis, inferiores $0^{m},70 \times 0^{m},035$ lg., medio $0^{m},65 \times 0^{m},030$ lg., superiores $0^{m},48 \times 0^{m},015$ lg., extimis latioribus. *Spadix* maximus $0^{m},70$ lg., *spatha* exteriora cinnamomeo-tomentosa, lineari lanceolata, acuminata, extus ad apicem argutè aculeata, $0^{m},20 \times 0^{m},04$ lg., interiora supra partem vaginantem lanceolata, concava, rostrata, incurva, dein fusiformi sulcata aculeis flavescentibus nigro-acuminatis ($0^{m},01$ — $0^{m},03$ lg.) basi gibbosis rectis vel ondulatis dense echinata; *pedunculo* $0^{m},40$ lg. tomentoso arcuato apicem aculeato, aculeis ondulatis; *rachi* $0^{m},30$ lg., *ramos* 25 — 30, flagelliformes $0^{m},20$ — $0^{m},25$ lg. *Flores*: *max.* non vidi, *foem.* lato ovoidei, *calyce* minimo, obtuse patelliformi tridentato, *corolla* subglobulosa, obtuse tridentata, minutissime aculeolata, quadruplo calyce majora, ovario lato ovoideo. *Drupa* subglobosa, parva, $0^{m},02 \times 0^{m},018$ lg., epicarpio atro-violaceo, mezocarpio pulposo dulce, endocarpio compresso.

HAB. *in ripas inundatas ad* Rio Paraguay, Rio S. Lourenço, Rio Cuyabá, Corrego das Areias de S. Miguel *ad* Serra da Chapada. Vulgariter TUCUM. *Floret et fruct. in Nov. extemporaliter Junio.* Herb. N. 231.

EXPL. TAB. XIV.—1. Porte, copiado do natural, muito diminuido. 2. Parte do rachis, com um foliolo inteiro, tamanho nat. 3. Spathas exterior e interior e espadice, tres vezes menor. 4. Flor femea, tres vezes augmentada. 5. Calyce. 6. Corolla. 7. Ovario, tudo de tamanho natural. 8. Fructo inteiro. 9. Endocarpio e albumen, mostrando a posição do embryão, tudo de tamanho natural.

Comecei a ver esta especie, rara, pelas margens do Rio Paraguay, já em terras brasileiras, mas onde fui encontral-a, bordando completamente as barrancas que se alagam foi nos Rios S. Lourenço e Cuyabá. No corrego das Areias de S. Miguel e nas margens do Aricá tambem o encontrei. E' uma especie commum. Entretanto eu que a tomei sempre pelo *B. setosa* do Rio de Janeiro, estudando-a vi que me enganava. Seria o *B.*

Brognartii da Bolivia, o *piscatorum* do Paraguay, o *pallidispina* ou o *Marajá* do Amazonas? Confrontei todas as descripções, comparei, mas, com nenhuma destas especies se identifica. O *B. piscatorum* de Weddell eu o encontrei no Paraguay ás vezes crescendo junto da especie de que me occupo. Tem quasi o mesmo porte, os espinhos iguaes na côr e na quantidade, as spathas são semelhantes, porém a folhagem o separa immediatamente. As folhas do primeiro são curvas e os foliolos estreitos e crespos, emquanto que os destas são quasi erectas, os foliolos são largos e erectos. Em Abril e Maio, tempo em que florescia o *piscatorum*, quando Weddell o encontrou, a especie em questão estava sem flores ou fructos, só em fim de Junho encontrei uma soqueira, no Rio Cuyabá, que extemporaneamente tinha flores e fructos verdes e maduros. A epoca da florescencia d'esta é em Outubro e Novembro, segundo me informaram. A *B. setosa*, que actualmente, Setembro, está em plena florescencia, e com fructos n'este jardim onde abunda, tem tambem grande semelhança, porém a disposição e largura dos foliolos, as flores e sobretudo os fructos a separam. Os fructos da *setosa* são muito maiores e o calyce desapparece completamente ficando enduviado só pela corolla, emquanto que na especie *Matto Grossense* os fructos são pequenos e o calyce é perfeitamente desenvolvido e muito visivel.

A *pallidispina* é um *Bactris* que sempre vi crescendo á sombra das florestas do Amazonas e que tem um habitus mui diverso, posto que com aculeos esbranquiçados. Quer os foliolos, quer os fructos são mui differentes.

Não será difficil a quem não conheça a planta viva, levado por exemplares seccos identifical-a com a *setosa*, por exemplo; se collocarem duas espathas juntas, uma de uma outra de outra especie, ninguem as tomará por diversas, identificam-se perfeitamente. Entretanto o habitus da planta qualquer individuo distingue e nunca as confundirá.

Tenho, pois, como novo este *Tucum*, como vulgarmente é chamado.

5. B. GLAUCESCENS Dr. in Mart. *Flor. Bras.* III, p. II. p. 345., *Index Kewensis* I. p. 262.

Tab. XV.

Encontrei esta especie, no Rio Paraguay em diversos logares, porém, onde a vi em abundancia foi na Bahia de Caceres, acima da cidade de Corumba. Nas margens do rio Aricá em Cuyabá, no logar denominado *Aricá da ponte*, os terrenos alagadiços estão cobertos d'esta especie formando grandes soqueiras, porém não attingindo a altura que desenvolve no rio Paraguay. Tem vulgarmente o nome de *Tucum mirim de fruta azeda*, segundo Weddell, a mim porém só me deram o de *Tucum mirim*, as folhas e os fructos approximam-se muito dos do *bidentula* de Spruce. E' um dos mais bellos entre os congeneres.

Explic. Tab. XV. — 1. Porção do espique. 2. Porção do peciolo. 3. Porção do rachis com um foliolo, tudo de tamnho natural. 4. Flor femea, tamanho natural. 5. A mesma, tres vezes augmentada. 6. Calyce. 7. Corolla, tres vezes augmentada. 8. Fructo inteiro. 9. O mesmo, cortado verticalmente. 10. Endocarpio visto por cima. 11. O mesmo, cortado verticalmente mostrando o embryão. Tudo de tamanho natural.

EMENDA

BACTRIS VULGARIS Barb. Rod. *Protesto-appendice ad Enum. Palm. nov.* 1879. p. 42. — Drude *Flor. Bras.* III. p. II. p. 348. — B. Glaziovana Dr., in *Flor. Bras.* III. p. II. 1882. p. 348. tab. LXXX.

Ha muito desejava fazer ver que a especie descripta pelo sabio Dr. Drude, na sua monographia, sob o nome de *B. Glaziovana*, não é mais do que a *B. vulgaris* descripta por mim tres annos antes, mas como se não me offereceu opportunidade deixei de o fazer.

Pelos exemplares remettidos pelo Sr. Glaziou, colhidos no Cosme Velho e nas visinhanças do Corcovado, foi feita a des-

cripção da Flora. Esta especie é *vulgar* (d'ahi o nome scientifico que lhe dei), não só nas fraldas do Corcovado, como nas mattas d'esse pico, nas da Tijuca, nas da Serra do Mar, sobre tudo em Palmeiras e Rodeio, onde vive com a *B. caryo taefolia* Mart. (1) Tanto são identicas que o proprio Dr. Drude, com a sua autoridade, achou tanta affinidade entre ambas que as collocou junto, uma n. 37 e outra 37 A. Esta especie forma grandes soqueiras, que segundo o terreno, tornam-se mais ou menos vigorosas, apresentando os espiques maiores ou menores, com os foliolos tambem mais ou menos longos. A separação d'estas duas plantas, consideradas como duas especies distinctas, prova que assim como se dá esse facto, dá-se o de reunirem-se especies differentes como synonymas, como aconteceu com grande numero de especies minhas que foram levadas á synonymia, quando são perfeitamente distinctas. Os rebotalhos dos hervarios levam a isso, o que não acontece quando o botanista confronta os especimens vivos, como eu faço. Folhas e spadices que separados dos espiques e reduzidos a pedaços seccos são confrontados, poder-se-hão identificar, mas si se observar essas mesmas folhas e spadices no espique preso ao solo nos logares em que crescem, qualquer individuo, por menos illustrado que seja, verá que são especies mui distinctas. A estampa do Professor Drude é bem fiel, representa exactamente a planta que denominei *B. vulgaris*.

N'este jardim tenho exemplos do que affirmo, nos exemplares cultivados.

Aproveitando a opportunidade de relacionar aqui diversas palmeiras, consigno o facto, para que de hoje em diante, não sejam tomadas como distinctas as duas especies e sim como sendo synonyma da *Bactris vulgaris* Barb. Rod. a *Bactris Glaziovana* de Drude.

---

(1) Quando em 1878 communiquei ao Sr. Glaziou que esta especie era nova, elle me affirmou o contrario e disse-me que tinha tinha sido colhida por Langsdorff e Riedel, e que na Imperial Quinta da Boa Vista, haviam exemplares cultivados, mas não me deu o nome scientifico. Posteriormente enviou exemplares, que deram em resultado a B. Glaziovana.

Gen. Acrocomia Mart.

1. ACROCOMIA MBOKAYÁYBA Barb. Rod. in *Plant nov. cult. Jard. Bot. Rio de Jan.* V, 1896, p. 11, Est. IV.

No fasciculo das minhas *Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro*, publicado em Dezembro de 1896, á pags. 11, Est. IV, publiquei a descripção de uma nova especie, descripta por exemplares seccos que me haviam sido remettidos de Corumbá, em Matto Grosso, e como depois d'esse facto tenha eu estado na mesma localidade e ahi examinado centenas de pés, principalmente no Bacayuval dos campos do Urucu, em Corumbá, completo aqui a noticia passando a descrever outra especie.

O espique é cinzento, liso, na base sem aculeos ou com muito poucos e esparsos, e no apice com a cicatriz da queda das folhas vizivel e com os restos das vaginas aculeadas persistentes, com 6^{m}—7 × 0,10 — 0,15 lg.

O gado gosta dos fructos, do qual se alimenta no tempo proprio, engordando e dando muito bom leite.

Esta especie é muito semelhante ao *Mbokayá-Çayieté*, o *A. Totaï* de Martius, que abunda no Paraguay. Nos arredores de Assumpção vi em grande quantidade. Tem os espiques muito aculeados e os fructos são maiores.

Vi na estrada da Recoleta dois exemplares, com os espiques, inteiramente cobertos por grandes aculeos negros, que estavam todos virados para cima e embricados uns sobre outros, a ponto de não se ver a côr da parte cortical, sendo estes espinhos, alguns de quasi dous decimetros, maiores do que o comprimento dos entrenós.

Entre os exemplares que estudei devo aqui citar um que vi plantado na Quinta *Iduna*, do consul da Allemanha Henrique Mangels, no districto da Recoleta. Crescia naturalmente esse individuo em S. Bernardino, junto da Laguna Ypacaráyba. Apresentando uma fórma fóra do commum, muito original,

apezar da sua altura, mais de 7 metros, e de ser já adulto, o mesmo senhor, com grande custo e dispendio, transportou-o para sua quinta, tendo feito assim uma viagem de muitas leguas. Apezar, porém, de tudo, pegou, medrou e hoje é um bello exemplar. Possuo d'essa palmeira uma photographia, da qual reproduzo o desenho, que se vê na Est. XVI, fig. B.

Os Paraguayos conhecem as outras especies de Acrocomias, tanto que designam, a que na Bolivia tem o nome de *Totay*, por Mbocayá-*çayieté* (1). Em outro logar (2) já dei a etymologia da palavra *Mbocayá*, e por isso aqui apenas dou a de *çayieté*. Esta palavra significa: *verdadeiro grão redondo*, de *Hayi*, que pela aspiração fazem *çayi* grão, cousa redonda, e *eté*, verdadeiro allusão á fórma globulosa dos fructos.

2. A. ODORATA Barb. Rod. Caudex cylindricus, inermis lævis, folia cernua crispata, inermis, foliolis inæqualiter laxo-insertis-linearibus acuminatis. Spadix nutans spatha cymbiformi rostrata extus lana molli ferruginea velutina dense tecta, ramis rigidis flexuosa quam spica masc. paulo breviore flores fem. inter se approximatos gerentibus ovoideo-oblongos, germine intra petala longa incluso, drupis parvis subglobosis.

Tab. XVI, fig. B.

Caudex 3^{m}—$5^{m}\times 0^{m},10$—$0^{m},15$ lg., cinereus. *Folia* omnia inermi, 20—22 contemporanea, arcuata, crispata, $2^{m},30$ lg.; foliolis laxe dispositis, divergentibus, utrinque ad apicem incurvis, inferiores $0^{m},30\times 0^{m},005$ lg., medio $0,75\times 0,^{m}018$ lg., superiores $0^{m},50\times 0^{m},006$ lg. *Spadix* $0^{m},90$ lg., inermis, *pedunculo* ($0^{m},30$ lg.) erecto dein incurvato, spatha ($0^{m},95$ lg.) supra-ramos incurvata persistente, *rachi* 0,60 lg., *ramis* $0^{m},20$—$0^{m},25$ lg., dense undique exsertis: *Flores* masc. $0^{m},006$ lg., *sepala* basi connata, lanceolata-acuta; *petala* basi connata,

(1) Carlos Santos, *La Republica del Paraguay*, p. 18.
(2) *Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico*, V. pag. 12.

oblonga, acuta, concava, incurva; *filamentis* corolla aquantibus; *foem.* sepala ad basin connata, lanceolata, acuta; petala latissimé lanceolata, imbricata, vel basis connata, acuta; calyce triplo majora, androeceo abortivo corolla paulo minori, sexdentato; ovario ovato pulverulento. *Drupa* subglobosa, monosperma, 0,022 × 0,023 lg., epicarpio, viridibrunneo vel flavo, mezocarpio, fibroso, gommoso, aurantiaco, odoratissimo, endocarpio lapideo, nigro, $0^m,016 \times 0^m,014$ lg., utrinque acuto.

HAB. *in locis humidis silvis* Rio S. Lourenço, *prov.* Matto Grosso. BACAYUVA DE S. LOURENÇO *vel* BACAYUVA DOS PANTANAES *nominatur. Floret et fruct. Junio.* Herb. n. 216.

EXPLIC. TAB. XVI. *A.* Porte, muito diminuido. *B. Acrocomia Totay* Mart. A. 1. Porção do rachis. 1 *a.* Extremidade de um foliolo. 1 *b.* Parte média de um foliolo. 2. 2 *a.* 2 *b.* 2. *c.* Cortes transversaes do peciolo e do rachis, tudo de tamanho natural. 3. Spatha interior muito diminuida. 4. Uma porção de um ramo, mostrando as disposições das flores machos e femeas. 5. Um ramo, com fructos maduros, tudo de tamanho natural. 6. Uma flor macho, tamanho natural. 7. Calyce, quatro vezes augmentado. 8. Flor macho aberta e vista interiormente, tres vezes augmentada. 9. Um estame e anthera, muito augmentado. 10. Flor femea, tres vezes augmentada. 11. Calyce, tres vezes augmentado. 12. Corolla aberta vista pelo lado exterior. 13. A mesma vista pelo interior, mostrando o androceo abortivo, tres vezes augmentadas. 15. Calyce e corolla, do fructo. 16. Fructo inteiro. 17. O mesmo cortado verticalmente, tudo de tamanho natural.

Nos terrenos alagadiços das terras do Rio S. Lourenço, cresce uma outra especie propria d'esse rio, pelo que tem o nome de *Bacayuva do S. Lourenço* ou dos *pantanaes.* Vi ahi diversos exemplares, como tambem ahi encontrei a especie de Corumbá que descrevi. Seus fructoss ão muito pequenos, e com a casca amarella e luzente, tão fina, que apertada entre os dedos se quebra facilmente despegando-se do mezocarpo, que é côr de laranja, e muito aromatico. O espique completamente liso e fino é inteiramente despido de espinhos; as folhas, vaginas, peciolos, rachis e foliolos são tambem inermes; spadice, ramos

tudo emfim inerme, só a spatha é coberta de cerdas pequeninas e tão finas e unidas que parece uma pelle sedosa de animal. Entretanto o habito é o mesmo da *B. Mbocayáyba* Barb. Rod., porém mais esbelto e gracioso. Em uma chacara de Cuyabá existe já um grande exemplar, cultivado, que em Junho estava com fructos maduros.

Poderia considerar esta fórma uma variedade, se, além do facto de ser totalmente inerme, não apresentasse as flores differentes, assim como tambem os fructos. Em Matto Grosso tem grande reputação esta especie pelos seus bons fructos.

3. A GLAUCOPHYLLA Dr. in Mart. *Flor. Bras.* III. p. II. p. 393. — *Index Kewensis* I. p. 33.

Entre as Acrocomias que encontrei e Matto-Grosso, vi perto de Cuyabá e em alguns logares cultivados a especie acima, que muito se approxima da *A. sclerocarpa* Mart., não só pela persistencia dos restos das vaginas, como por ser muito espinhosa e ter o mesmo porte. Apenas a spatha, não é aculeatissima, e sim coberta de um grosso tomento aspero mais ou menos armada de aculeos. Os fructos são iguaes aos da sclerocarpa, com a parte pulposa esbranquiçada, pouco aromatica e com o epicarpo duro.

Tem tambem o nome de *Bocayuva.*

Gen. **Astrocaryum** Meyer.

Sect. Leiocarpeae Barb. Rod.

1. ASTROCARYUM ECHINATUM Bar. Rod. Acaule vel caudescens. Caudex brevius proximé annulatus, pauci aculeatus. Folia arcuata aculeatissima, petiolus subcylindraceus antice sulcatus obscure-ferrugineo tomentosus, aculeis longis atratis compressis basi gibbosis armatus, rachi supra tomento albo adspersi et subtus ferrugineo tomentosi, utrinque aculeatissimi, aculeis longis; filiolis duro-divivaricatis incurvatis, per acervos 3-6-jugis, suboppositis, lineari-lanceolatis obliqué acutis subtus albo-tomentosis, marginibus ciliolatis, *Spadix* erectus, longi pedunculatus rachi inermi albo tomentosi quam pedunculus fulvo-tomentosus breviore spathâ lanceolatâ rostratâ obscure-ferrugineo tomentosâ incurvatâ; aculeis crebris echinatis vestitâ; ramis gracilis erectis albo-tomentosis infra in scrobiculis 2-3 flores foem. Flores masc. non vidi; foem. oblongo-ovoidei calyce laevi quam corolla minuté setulosa aequante tridentati marginibus fimbriati, urceolo triplo corolla breviore, germine ovoideo. Drupa obovoidea ad basin induviis parvis fulta in vertice acuminato rostrata, epicarpio armeniaco, mezocarpio flavo, endocarpio nigro oblongo subacuto.

Tab. XVII.

Caudex 1^{m}—1 1/2^{m} lg., 0^{m},15 aculeis nigris sparsis armatus. Acaule vel caudescens. *Folia* 7 contemporanea, 2^{m} lg., paginis ad insertionem valde intumescentibus valide aculeatissimis; petiolo 0,^{m}70 lg. ferrugineo, tomentoso, aculeis validis ad basin gibbosis, (0,^{m}007—0,^{m}09 lg.) atratis horrido *rachi* supra albo tomentosi, subtus ferrugineo tomentosi, aculeis longis utrinque horridi; *foliolis* 0,^{m}80 $\times$ 0,^{m}035 lg., superiores abrupte minoribus et angustioribus, 0,^{m}2 lg.. *Spatha : exteriore* lanceolata, obtusa, 0,^{m}30 lg., ferrugineo

tomentosa setis minimis et aculeis sparsis extus armata, *interiore* $0^m,70 \times 0^m,15$ lg. ferrugineo tomentosa, aculeis parvis (0,01—0,04 lg.) atratis retrospectantibus ad basin, et majoribus echinatus ad apicem; *pedunculo* in spatha et in ramis insertiones aculeis minimis compactis areolatis, compresso 0,40 lg., ferrugineo tomentoso, raro aculeis sparsis armato, *rachi* $0^m,35$ lg. albo tomentosa *ramis* plurimis erectis albo tomentosis, $0^m,15$ — $0^m,90$ lg.. *Drupa* $0^m,42 \times 0^m,35$ lg..

HAB. *in campis* Serra da Chapada, prov. Matto Grosso. *Floret Mai.* TUCUM DO CAMPO *nominatur. Herb.* N. 221.

EXPLIC. TAB. XVII. — 1. Uma porção do rachis, vista pelo lado superior, mostrando a disposição dos grupos de foliolos, de tamnho natural. 2 e 3. Uma porção média de um foliolo e a extremidade do mesmo, de tamanho natural. 4, 4 a, 4 b, 4 c, córte transversal do peciolo e diversos do rachis, de tamanho natural. 5. Spatha e espadice, oito vezes menor. 6. Flor femea. 7. Calyce. 8. Corolla. 9. Ovario e androceo esteril, tudo de tamanho natural. 9 a. Corolla, duas vezes augmentada. 10. Fructo inteiro. 11. O mesmo cortado verticalmente, de tamanho natural.

Nos campos pedregosos, entre Burity e a povoação da Chapada, encontrei alguns especimens desta palmeira, com o o nome vulgar de *Tucum do campo*, *Tucum vermelho*. E' uma especie acaule, porém, que, com os annos torna-se caulescente. Vi exemplares com caules de mais de 1 ½ metro de altura. Entre o *A. Weddellii* e esta especie, logo á primeira vista se notam differenças. Posto que sejam ambos acaules, entretanto, o primeiro é pequeno, com poucas folhas e este robusto, com muitas folhas, sendo mesmo a disposição dos foliolos diversa. O proprio gado os distingue, não deixando uma só folha inteira do primeiro e não tocando nas deste, ainda que os dois se encontrem juntos. E' que as folhas não têm, talvez, o mesmo gosto.

Será o *A. campestre* de Martius, que se encontra em Goyaz, Minas Geraes e Paraná?

Creio que não, pelas differenças que vou apresentar. Differenças que encontro comparando os meus especimens com a

minuciosa e bem feita descripção de Martius, na sua notavel *Historia Nat. Palmarum* e com a posterior de Drude, na *Flora Brazileira*, sendo que a descripção Martiana é acompanhada de uma estampa (63 fig. IV). Só se admittindo que o trabalho de Martius seja mal feito poder-se-ha identificar a minha especie com a sua, o que não posso acceitar.

Astr. campestre	A. echinatum
Folha, rachis com espinhos raros de 2—3 cm. lg. spatha exterior com 6 a 7 polleg.	*Folha, rachis* aculeatissimo, com espinhos de 0,03 a 0,10 lg., spatha exterior com 0^m,5 de lg.
Spadice pequeno com 2 — 3 dc. × 1 cm. lg.	*Spadice* grande, com 8 dc. lg. × 0,035 lg.
Pedunculo albo pulverulento armado de aculeos longos e pretos, aculeos de 1 — 1 1/2 cm. de compr. em feixes.	*Pedunculo* ferrugineo pulverulento, com poucos aculeos dispersos, sendo na inserção das spathas aculeado com aculeos pequenos.
Corolla glabra.	*Corolla* pouco aculeata.
Drupa esverdeada.	*Drupa* armeniaca.
Fruct. em Setembro e Outubro.	*Fruct.* em Julho.

Bastam estas differenças para separal-as inteiramente e poder consideral-a não classificada.

Quer o caule, quer as folhas, são completamente ouriçadas de longos aculeos muito picantes, em diversas direcções, de maneira que difficil é se tocar em um fructo. Não é possivel colher-se uma só folha sem que se fique ferido.

Os espinhos são agudissimos e facilmente deixam, sempre, na carne uma ponta, que produz dores por muitos dias.

2. A. ARENARIUM Barb. Rod. (A. WEDDELLI Drude ?) *Flor. Bras.* III. p. II. pag. 383. Acaule. Folia arcuata aequaliter pinnatisecta aculeata, petiolo ferrugineo pulverulento aculeis atratis longis basi gibbosis sparsis armato, rachi utrimque armati, foliolis 2—3—jugis inaequaliter dispositis, ang. 30.°, inermibus rectis, lineri-lanceolatis oblique acutis. Spadix parvus pedunculo albo-cinnamomeo pulverulento inermis, spatha basi vaginantia dein lanceolata incurva lana cinnamomeo ferruginea dense intertexta velutino tomentosa, rachi albo-pulverulenta ramos dense exserente quam ipsa demidio breviores: floribus fem. in parte inferiore 2—3

evolventes dein in spicas masc. longiores excurrentes muticos; floribus masc. non vidi., fem. ovoideorum, calyx parum appresse setulosus tridentatis fimbriatis corolla tridentata fimbriata paulo brevior androecei rudimentarii annulo argute sexdentato basi corollæ inserto; drupa subglobosa flava in vertice rostellata, endocarpio obovoideo a basi acuto.

Tab. XVIII.

Folia 3—6 contemporanea, $1^m,40$ lg., *petiolo* $0^m,25$ lg., *rachi* antice bifaciali postice carinata, albo-tomentosa, setis minutissimis et aculeis nigris complanatis $0^m,05$—$0^m,06$ lg. utrinque armata; *foliolis* utrinque 20—25 in greges irregulariter 1—3 dispositis, apicem versus 4—6 consociatis, inferiores $0^m,30 \times 0^m,011$, medio $0^m,05 \times 0^m,24$ lg., superiores $0^m,20 \times 0^m,12$ lg., nervo medio super prominente flavo. *Spadix* $0^m,26$—$0^m,60$ lg., *spatha* int. $0^m,30 \times 0^m,10$ lg., ferrugineo-lanata, lanceolata, incurva, mucronata; *pedunculi* laeviter ferrugineo lanati, inermi, subcompressi, $0^m,02$ lg.; *rachis* $0^m,10$—$0^m,15$ lg., *ramis* 25—40 contemporaneis, albo-tomentosis, $0^m,08$—$0^m,10$ lg., brevissime pedicellatis, flores fem. 1—3 evolvit, spicis masc. $0^m,06$ lg. *Flores* masc. non vidi. *Flores* fem. $0^m,01$ lg., calyce tridentato fimbriato, minutissime aculeato corolla inclusa breviter tridentato fimbriato, androcei annullari, ovario ovoideo in stigmata excurrente. *Drupa* $0^m,035 \times 0^m,033$ lg., flava, rostrata, rostro $0^m,003$—$0^m,004$ lg., mezocarpio flavo, $0^m,004$ lat., endocarpio $0^m,03 \times 0^m,024$ lg., nigro, lineis irregulariter reticulatim connexis.

HAB. *in campis sablonosis ad* Serra da Chapada, *Prov.* Matto Grosso. TUCUM LISO v. TUCUM RASTEIRO vicanorum. Fruct. Junio. Herb. n. 214.

EXPLIC. TAB. XVIII. — 1. Pórte, muitissimo diminuido. 2. Uma porção do rachis, vista pela parte superior, mostrando a disposição dos foliolos, de tamanho natural. 3. Córte transversal do peciolo, 3 *a*, 3 *b*, 3 *c*, 3 *d*, córtes

transversaes do rachis. 4. Uma parte média de um foliolo. 5. Parte terminal do mesmo, tudo de tamanho natural. 6. Spatha e spadice com fructos, reduzidos a um quarto. 7. Um ramo, com flores femeas e destituido das masculinas, de tam. nat. 8. Calyce. 9. Corolla. 10. Androceo e ovario, tudo de tam. nat. 11 Fructo inteiro. 12. O mesmo, cortado verticalmente. 13. O mesmo, cortado transversalmente, tudo de tam. nat.

Sempre que encontrava esta especie, a considerava como sendo o *Astrocaryum Weddellii* que Drude descreveu, depois de ter sido descoberto por Weddell em 1845 e de dormir por conseguinte nos herbarios por espaço de 37 annos. Tinha-a como tal, não só por ter sido descoberto em Goyaz, em campos da natureza dos da Chapada, como por ter o mesmo nome vulgar de *Tucum rasteiro*, mas, não obstante esta mesma prevenção, comparando a minuciosa descripção de Drude, feita por bom exemplar e varios exemplares com os desenhos do mesmo autorizado professor, (Est. LXXXIII da Flor Bras.) sou obrigado a dar como nova a de que me occupo, considerando bem feita a descripção do mesmo palmographo, como os seus desenhos, que são por assim dizer herbarios graphicos.

Notaveis são as differenças que encontro não só nas folhas, como no espadice, nas flores e nos fructos. Serão estas differenças motivadas pelo meio? O vulgo mesmo distingue dando o nome de *Tucum liso do campo*, para mostrar que as folhas não são crespas. E' verdade que o sertão de Amaro Leite, onde Weddell encontrou a especie, fica dois gráos ao norte e quatro ao nascente, isto é, mais ou menos retirado 80 a 100 leguas para um lado e quarenta para o norte, mas esse espaço que separa os dois especimens, não é sufficiente para fazer variar uma especie que se desenvolve sem cultura, tanto que, temos especies mesmo n'esta familia, cuja distancia quer em latitude e longitude sendo muito maior não se modifica e como exemplo temos o *Cocos campestris*, o *Diplothemium campestre* para só citar especies campesinas e da mesma região.

As differenças principaes que encontro e me levam á duvida são as seguintes, que aqui comparo.

Ast. Weddellii Dr.	Ast. arenarium B. Rodr.
Folhas crespas.	*Folhas* lisas e erectas (1).
Rachis com um avelludado ferrugineo armado de cerdas e aculeos.	*Rachis* com tomento, sem cerdas e só aculeado no dorso e na frente.
Foliolos longe caudato-acuminados.	*Foliolos* obliquamente agudos.
Pedunculo do espadice picante pelas cerdas ferrugineas (de 1 a 3 milimetros) de que é coberto.	*Pedunculo* glabro, tomentoso *aculeos esparsos*.
Spatha obtusa.	*Spatha* aguda com ponta.
Drupa obovoidea.	*Drupa* subglobosa.

Não menciono aqui a differença das flores, que se podem apreciar pela comparação das descripções e das estampas.

E' uma palmeira de vida social, muito procurada pelo gado, que é avido de suas folhas e pelos homens, que d'ellas tiram uma fibra fortissima com que preparam linhas e cordas para diversos misteres.

Encontrei nos logares arenosos e seccos dos campos da serra da Chapada e nos campos em baixo da serra, nas proximidades do rio S. Miguel das Areias, proximo á serra de Melgaço e do Rio Cuyabá. Em Junho tinha fructos maduros e raras flores.

Attendendo-se aos pontos de contacto que existe, poder-se-ha tomar por uma subespecie do A. Weddellii, mas creio que se não identificam, entretanto curvar-me-hei ante juizo mais autorizado.

3. A. LEIOSPATHA Barb. Rod. Caudex caespitosus gracili speciosus albo-cinereus subtus annulos dense aculeatus, aculeis longissimis divergentibus, foliis sub-arcuatis aculeatissimis, in facie inferiora pallidis, petiolo albo-pulverulento aculeis nigris varia magnitudine ad basin gibbosis horridissimo, rachi albo-pulverulenta aculeis sparsis nigris longissimis horrida, foliolis per acervos irregulares dispositis

(1) D'ahi o nome de *Tucum liso*, dado pelos naturaes.

patentibus erectis lineari-oblique acuminatis secus margines setigeris et supra nervo medio aculeis longis armatis. Spadix erectus longi pedunculatus pedunculo inermis, albo-pulverulento quam rachis aculeatis minora spatha fusiforme acuta laevi albo-pulverulenta, rarissime ad basin pauci aculeata ad apicem dorsaliter bicarinata, ramis plurimis erectis albo-pulverulentis laevis in porte inferiore pedicelliformi recta vel parum flexuosa, flores fem., 2-3 inter se distanti. Drupa ex induviis brevis oblonga in vertice rostellata, endocarpio utrinque acuto.

Tab. XIX.

Caudex 2—$4^m \times 0^m$,80—0^m,90 lg., ad apicem internodiis aculeis nigris 0^m,1—0^m,12 lg., horridus. *Folia* 5—7 contemporanea, 2^m—2^m,50 lg., cinereo-ferrugineo pulverulenta, aculeis nigris compressis divaricatis 0^m,050—0^m,15 lg., horrida, pedunculo sub-cylindraceo aculeatissimo; *foliolis* gregis irregulariter aproximatis, supra nervo medio aculeis nigris 0^m,02—0^m,06 lg., armatis, inferiora 0^m,40 $\times$ 0^m,20 lg., superiora 0^m,10—0^m,15$\times 0^m$,010 lg., aculeis marginibus fere 0^m,01 lg. *Spatha exteriora* lineari-lanceolata, acuta, 0^m,50$\times 0^m$,04 lg., utrinque setis nigro-ferrugineis minibus densissime vestita, *interiora* 1^m,10—1^m,30$\times 0^m$,13—0^m,15 lg., erecta, albo-pulverulenta, inermi vel aculeis minimis ad basin armata; spadix 1^m,30—1^m,40 lg., pedunculo 0^m,40—0^m,50 lg., inermi, rachi ad basin sparsi aculeata, ramis 0^m,20—0^m,30 lg., sursum decrescentibus. *Flores* masc. non vidi; *fem.* calyce corolla triplo minora, edentato, corolla tridentata, androcei annuliformi vix ad demidio corolla adnato; ovario obovoideo. *Drupa* 0^m,04—0^m,025 lg., lutea.

HAB. *in* Cachoeirinha, *ad ripas* Rio Cuyabá, et *in silvis humidis ripas* Rio Sumidouro, Rio Cabral, *in* Bocaina, Serra da Chapada. TUCUM AÇU *in vernacule audit et incolis utilissima ut propter fila ex foliis adolescentibus præparanda in usum funium, etc. Fruct. Junio-Jul. Herb. n.* 206.

8

Explic. Tab. XIX. Fig. A.—1. Uma porção do espique, dez vezes diminuido. 2. Córte transversal do peciolo, de tam. nat. 3. Uma parte do rachis da folha, vista do lado superior, mostrando a inserção dos foliolos, tendo um inteiro de tam. nat. 4. Parte inferior de um ramo, mostrando a disposição das flores fem., de tam. nat. 5. Spathas e espadice, seis vezes reduzidos. 6. Extremidade da spatha interior, vista pelo dorso, de tam. nat. 7. Uma flor femea. 8. Calyce. 9. Corolla. 10. Corolla vista interiormente, mostrando o androceo. 11. Ovario, tudo duas vezes augmentado. 12. Calyce e corolla, que persiste no fructo, visto pelo lado externo, de tam. nat. 13. Fructo inteiro. 14. O mesmo, cortado verticalmente, de tam. nat.

Encontrei esta bella palmeira em diversos pontos, sempre com o nome de *Tucum-açu*.

No logar denominado Cachoeirinha, no Rio Cuyabá, achei uma grande soqueira em terreno arido, no meio de *bromelias pinguins*, e depois nas serras da Bocaina, de Manoel Antonio, nas cabeceiras do Rio Sumidouro, nas margens do Rio da Casca, nas do Rio Cabral, sempre em logares humidos e á sombra das mattas.

Fórma grandes soqueiras e torna-se notavel pelo seu aspecto. Os caules esbranquiçados, as vaginas, os peciolos, os rachis, a parte inferior dos foliolos, as spathas, tudo é branco, que faz sobresahir o ouriçado de grandes espinhos negros e luzentes e o verde escuro da parte superior dos mesmos foliolos, contribuindo para que se destaque e chame a attenção. A não ser o *A. Murumuru*, não conheço especie alguma, que seja mais espinhosa e que tenha aculeos tão grandes.

Nas proximidades do Forte Principe da Beira e do Rio Itenez, no Guaporé, e na Bolivia, Alcides d'Orbigny encontrou com um nome indecente, não sei por que, dado pelos Guarayós, *Huaimy-tacoca*, uma palmeira que muito se approxima d'esta, é o *Ast. Huaimi*, que Martius descreveu. Pareceu-me dever identificar a especie por mim encontrada com a de d'Orbigny, mas, taes differenças encontro nas descripções e nos desenhos, que sou obrigado a considerar nova especie.

Infelizmente não encontrei, em Maio e Junho, senão flores femininas e fructos maduros.

Apresento aqui, comparativamente, as differenças principaes que encontrei. O facto de ter a corolla maior do que o calyce, não é caracteristico bastante, porque outras especies congeneres como o *Ast. tucuma* Mart., *Yauperiense*, Barb. Rod. e *acaule* Martius tambem tem este distinctivo.

A. Huaimi	Ast. leiospatha
Caule com aculeos voltados para baixo.	*Caule* com aculeos divergentes só na parte inferior do circulo da cicatriz da quéda das folhas.
Peciolo com duas pollegadas de comprimento.	*Peciolo* de $0^m,60 - 1^m$ de comprimento.
Foliolos equidistantes linear-acuminados, regularmente dispostos, com cerdas nas margens.	*Foliolos* irregularmente divergentes lineares, obliquamente acuminados, com cerdas nas margens e ornado de 2—3 aculeos grandes, na parte superior da nervura média.
Espadice com pedunculo curto e aculeado, de 1^m de lg.	*Espadice* com longo pedunculo inerme, de 1^m a $1^m,60$ lg.
Spatha aguda, vestida de expessos aculeos.	*Spatha* lisa, coberta de tomento branco, pulverulento, tendo em alguns individuos (raros) alguns (poucos) pequenos aculeos exparsos na parte inferior.
Fructos de $3\,^1/_2$ cm. de comprimento.	*Fructos* de 4 cm. de comprimento.

Os caracteres differenciaes que apresento são tirados das descripções de Martius e de Drude. Outras differenças encontrar-se-hão cotejando as descripções.

Certo de que não serão modificações occasionadas pelo clima e pelo meio, visto como encontrei outras plantas de zonas mais longinquas e sempre com os mesmos caracteres, não trepido em apresentar esta nova especie.

Var. SABULOSUM Barb. Rod. Caudex roseo-ferrugineo pulverulentus, caespitosus, inermis; folia multo minus aculeis armata, pedunculo dorsi inermi lateraliter aculeis armato, foliolis-lineri-lanceolatis, in acervos remotis, dispositis. *Drupa* $0^m,04$—$0^m,034$ lg.

Explic. Tab. XIX. Fig. B. — 1. Fructo cortado verticalmente, de tam. nat. 3. Córte transversal do peciolo, de tam. nat.

Nos campos humidos e arenosos das margens do Rio S. Miguel das Areias, proximo affluente do Rio Aricá e nas bocainas da serra da Chapada, encontrei grandes soqueiras

d'esta variedade, que se distingue da especie typica, não só pelo caule que é inerme e coberto de tomento pulverulento roseo-ferrugineo, como tambem pelas folhas que têm os foliolos mais largos, com os grupos muito mais distanciados, e com poucos aculeos, como tambem pelos fructos, que são maiores.

Uma differença pratica apresenta. Da especie typica os naturaes extrahem dos foliolos uma fibra longa e muito forte, com que fazem linhas e cordas, sendo que o gado é avido das suas folhas, emquanto que esta variedade não só não dá fibras boas, como tambem o gado a regeita. Tem o mesmo nome de *Tucum açu*, ou mais vulgarmente *Tucum da serra*.

Tratando dos Astrocaryuns, não posso deixar de aqui apresentar algumas especies, que perpetuam um engano. A primeira é synonyma de outra e a segunda não é um Astrocaryum e sim um *Bactris*.

EMENDA

ASTROCARYUM TUCUMA Mart. in *Palm. Bras.* 77 t. 65 f. Kunth. *Enum. plant.* III. p. 274;—Wath. Ann. bot. syst. V. p. 822. II; Wallace *Palm. tree Amaz.* 107 t. XLI et II f. 5; Drude in *Flor. Bras.* III. p. II. p. 380. n. 15; Wendl. in Kerch. *Index Palm.* p. 232. *Index Kewensis* I. p. 240. *Ast. tucumoides* Drude in *Fl. Bras.* III. p. II. p. 381. tab. LXXXI. fig. VI (analysis).

Entre as plantas cultivadas no *Passeio Publico* do Rio de Janeiro, existe uma soqueira do *Astrocaryum tucumá* Mart. cujas sementes vieram do Pará. D'esta especie o Snr. Glaziou, remetteu para a Europa amostras, que deram em resultado a nova especie descripta por Drude, que não é mais do que o *Tucuma-piranga*, tão vulgar e tão conhecido em todo o Estado do Pará.

Quem conhece e estudou o *tucumã* Paraense, não se engana ante a palmeira do Passeio Publico. Tanto isso é ver-

dade, que é o proprio monographo Drude quem diz na Flora Brasiliense:

« *Crescit in Brasilia æquatoriali: Glaziou! n.* 8060 *(specim. cultum in Rio de Janeiro); In cultura (Rio) floret Novembri (Glaziou in litt.)*

Esta especie apezar de passar da zona equatorial para a tropical, apezar da cultura, não modificou os seus habitos. Informações inexactas levaram o illustre professor a crear uma especie, quando é a mesma descripta por Martius. O *A. tucumoides* de Drude é synonymo de *A. tucumá* de Martius. O mesmo professor baseia-se tambem na opinião de Wallis, quando diz: « TUCUMÁ *incolorum, qui (ex nota Wallis) hanc speciem ab antecedente e sequente discernunt).* Conheço todos os astrocaryuns do Amazonas e do Pará, estudei-os todos, se existisse esta nova especie, com certeza durante a minha estada no Amazonas, de 1872 a 1875 e de 1883 a 1889 havia de a ter encontrado. A especie *tucumoides* (do Rio) conheço-a tambem, é simplesmente o *Tucumá-piranga*, apezar da opinião de Wallis.

BACTRIS INTERRUPTE-PINNATA Barb. Rod.—*Astrocaryum humile* Wallace, Palm-trees Amaz. 115. t. XLV. — Drude in *Flor. Bras.* III p. II p. 386.

Esta especie é mui commum nas capoeiras e nas mattas das proximidades da cidade de Belem, no Pará e em muitas outras localidades do mesmo Estado, onde cresce sempre á sombra das arvores, em logares em geral humidos. E' uma palmeira quasi acaule, e que dá em soqueiras. Quando os exemplares são velhos criam troncos muito espinhosos, em geral curvos, mas que não excedem a 1 $^1/_2$ de altura. Tem os fructos cinnabarinos e com pequenos aculeos caducos. E' semelhante ao meu *Bactris Tarumanensis* e tambem ao meu *Bactris acanthocarpoïdes*, porém esta se afasta da de Martius em ter longo caule, fructos amarellos e as spathas inteiramente diversas, assim como as flores.

Reivindico aqui ainda uma vez (1) esta especie, que sem razão foi levada por Drude para synonyma da *acanthocarpa*.

Creio que o professor Drude, apresentou a especie de Wallace, sem ver os materiaes, porque se os tivesse visto, estou certo que não confundiria os dois generos. O desenho de Wallace, caracterisa bem um bactris e bem representa a especie. Com quanto já em 1882 (2), fizesse esta correcção, ainda aqui a faço para que não continue perpetuado o engano.

A proposito d'esta especie devo aqui registrar um facto, que observei em um *A. Mumbaca* Mart., que cresce socialmente com esta.

Nas mattas do Curro, no fim da Estrada de S. João, em Belém do Pará, encontrei em 1872, um pé de *Mumbaca*, que teria tres metros, e que na altura de dous metros, mais ou menos, tinha tido o tronco partido, perdendo, por conseguinte, completamente a fronde.

Assim decepado, o espique apresentava em roda da cicatriz dezesete rebentos, de varios tamanhos, muito unidos e incurvados. Os maiores tinhão seis decimetros de altura, com as folhas desenvolvidas e bem caracterisadas. Este exemplo é uma boa contribuição para o estudo anatomico da structura e evolução dos espiques das palmeiras.

---

(1) Já fiz esta reivindicação no meu trabalho *Les Palmiers*, á pag. 16.

(2) Obr. cit. pag. 18.

Gen. Scheelea Kartr.

1. SCHEELEA ANIZITZIANA Barb. Rod. Acaule excelsa; foliis elongatis erectis subarcuatis, pedunculo marginibus laceratis, foliolis per greges 2-3 aggregatis sub oppositis, lineari-lanceolatis acuminatissimis. Spadix monoecis, masculis et androgineis simul evolutis, spatha int. ventricosa crasse lignosa profunde sulcata longe rostrato-acuminata. Flores masc. parvi calyce vix conspicuus, petalis teretibus carnoso-clavatis roseis post nigro-violaceis stamina feré dimidium corollae attingentia; fem. multo majores ovoidei sepalis petalisque lato cordiformis acütis ad apicem nigro-violaceis sub aequilongis convolutis, androcei abortivi cupula basin germinis cingente, stigmatibus exsertis.

Tab. XX.

Folia 10–12 contemporanea, 5^m,30 lg. petiolo concavo, 0^m,70 lg.; *foliolis* per greges aggregatis, gregibus ad basin remotis dein approximatis, inferiores 1^m,32 $\times$ 0^m,015 lg., lineari-pendentibus, medio 0^m,90 $\times$ 0^m,45 lg., divaricatis, superiores 0^m,20 $\times$ 0^m,006 lg., subоppositis. *Spadices* 2–3 evolventis, spathis rubiginoso-tomentosis, masc. 0,90 $\times$ 0,24 lg., rostrato, androg. 0,70 $\times$ 0,26 lg., longi-rostrato, minoris; rami masc. 0,09 lg., gracilis ad iman basin flexuosis, floribus denudati. *Flores* rami fem. 0,01 — 0,04 lg.; *fem.* 1–4 consociati, inter se 0,105 — 0,01 distantes, scrobiculis patelliformibus unilateralibus inserti, 0,02 $\times$ 0,015 lg., calyce et corolla aequali structura, stylo brevi in stigmata tripartita excurrente. *Drupa* non vidi.

Hab. *in* Matto Grosso, *et culta ad* Assumpção, Paraguay, *Floret Mayo.* Herb. n. 223.

Explic. Tab. XX. — 1. Porte muito diminuido. 2, 2 *a*, 2 *b*, 2 *c*. Cortes transversaes do rachis da folha; de tam. nat. 3. Uma parte do rachis mostrando a disposição dos foliolos, de tam. nat. 4. Flor masculina de tam. nat.

5. Uma petala e um estame, duas vezes augmentados. 6. Estame e anthera, quatro vezes augmentada. 7. Flor femea, de tam. nat. 8, 9, 10. Sepalas de tam. nat. 11, 12, 13. Petalos de tam. nat. 14. Androceo e ovario, de tam. nat.

Entre as plantas cultivadas na bella quinta *Iduna* do consul allemão Mangels, no districto da Recolleta, em Assumpção do Paraguay, encontrei este soberbo especimen, com dois grandes espadices de flores um masculino e outro feminino. Ahi levado pelo meu amigo o professor hungaro João Daniel Anizitz, nem este, nem o proprietario da quinta me souberam informar com exactidão qual a localidade propria d'essa palmeira, sabendo apenas que era originaria de Matto Grosso.

O genero Scheelea nunca tinha sido encontrado no Brasil e só se fez representar depois de 1891, epoca em que nas minhas *Plantas Novas*, publiquei a descripção de duas especies e mais tarde em 1896, no V. fasciculo, tornei a tratar das mesmas e lhe dei a patria. Entretanto vejo hoje que não só no norte do Brazil se encontra este genero como tambem no sul, em Matto Grosso. Ahi cresce uma especie, commum tambem á Bahia e esta, que se suppõe ser dos lados do Rio Paraná.

E' uma especie acaule, porém gigantesca. Approxima-se na inflorescencia da minha Scheclea amylacea (1), porém afasta-se em ser acaule, ter as folhas muito maiores e as flores differentes. Procurei esta especie em Matto Grosso e não a encontrei, não se podendo confundil-a com o *Akury* ou *Motacu*, que aos milhares encontrei não só em Matto Grosso, como na Bolivia.

Considerando-a nova imponho-lhe o nome de *Scheelea Anizitziana*, como homenagem prestada ao meu companheiro de excursões no Paraguay, o professor hungaro João Daniel *Anizitz* que tão bons serviços tem prestado á botanica e particularmente á minha expedição prestou.

2. S. PRINCEPS Karst. in Linnaea XXVIII (1856) p. 269. — Wendl. *in Kerch. Les palm.* Index. p. 256.—Walp. *Ann. bot. syst.* V. p. 855 n. 5. *Hort. Kew.* IV p. 823.

(1) Plant. nov. cult. no Jardim Bot. I fasc. 1891, pag. 17 Est. IV

ATTALEA PRINCEPS Mart. *in Palm. Orbign.* 113. t. 4. f. 2 et 31.; *Hist. nat. palm.* 298. t. 167. f. 1.—Kunth *in Enum. plant.* III. p. 277.—Walp. *Ann. bot. syst.* I. p. 1008., V. p. 824. Drude *in Flor. Bras.* III. p. II. p. 442.

Tab. XXI. fig. B.

Encontrei esta bella palmeira nas margens dos rios S. Lourenço, e Cuyabá, assim como nas mattas da Chapada, crescendo socialmente, apresentando grandes caules, tornando-se mesmo uma palmeira excelsa.

Achei em Junho, com fructos maduros. E' a palmeira mais commum em Matto Grosso, onde tem vulgarmente o nome de *Acury*, *Uacury*, *Guacury* e *Rucury*. Na Bolivia, Bahia de Caceres, os indios Chiquitanos me deram o nome vulgar de *Motacu;* que concorda com o que deram a d'Orbigny, em Santa Cruz de la Sierra, onde foi encontrada pela primeira vez. Cresce tambem na Bolivia, nas provincias de Moxos e de Chiquitos.

Os fructos quando maduros são amarellos e cobertos de tomento fusco. Comem-se cozidos. As sementes dão oleo que os indios empregam contra a calvicie. Quando os fructos são novos empregam em Matto Grosso, a agua contra as ophtalmias. Depois de seccos, na Bolivia, servem-se d'elles para defumar o Cáucho ou borracha.

Spencer Moore que encontrou esta especie com o nome de *Goacury* e d'ella levou fructos para Londres, diz á p. 500 do vol. IV das *Transations of the Linnean Society of London* o seguinte: «The fruits differs from all described by Drude, and belongs in all probability to a new species».

A desconfiança do illustre botanico inglez de que não seja a mesma especie é baseada no facto que observei; não só o porte da planta, como o tamanho do cacho e dos fructos e sua quantidade varia segundo as localidades. Encontram-se exemplares com grandes fructos e com pequenos, mais ou menos oblongos ou alongados, porém, todos pertencem á mesma especie.

3. SCHEELEA PRINCEPS var. CORUMBAENSIS Barb. Rod. Acaulis, raro caudice humili crasso, foliis erecto-arcuatis, foliolis per acervos 2—6 oppositis divaricatis, linearis, oblique acuminatis. Spadix tabacino tomentosus erectus, fructifer denique cernuus, ramis androgynis flores fem. 1 exserente. Drupa longi-oblonga vel ovoidea rostellato-acuminata, trisperma.

Tab. XXI fig. A.

Caudex. O vel usque 1^m—$1^m,50 \times 0^m,20$ lg., *Folia* 10—15 contemporanea, 3^m—4^m lg., *foliolis* inferiores $0^m,80 \times 0^m,005$ lg., acuminatissimis, medio $0^m,55 \times 0^m,022$ lg., superiores plures aproximatis, sub oppositis, multi minoribus, extimis $0^m,15 \times 0^m,007$ lg. *Spatha* interior masc. lignosa $0^m,70 \times 0,^m,10$ $0^m,12$ lg., abrupte rostrato-acuminata, sulcata, tomento ferrugineo vestita, *fem* crasse lignosa, rostrato acuminata, longitudinaliter sulcata, $0^m,40 \times 0^m,12$, tomento ferrugineo vestita. *Drupa* $0^m,65 \times 0^m,24$ vel $0^m,55 \times 0^m,30$ — $0^m,32$ lg., epicarpio fibroso, flavo, ferrugineo-tomentoso, mezocarpio flavescenti, farinaceo, endocarpio brunneo, lapideo, 1-3 spermo.

HAB. *in locis humidis ad* Corumbá. GUACURY vel AKURY *ab indigenis appellatur. Flor. et fruct. May. Herb.* n. 218.

EXPLIC. TAB. XXI.—*A.* 1, Porte muito diminuido. 2, Extremidade de um foliolo. 3, 3 *a*, 3 *b*, 3 *c*, 3 *d*, Córtes transversaes do rachis da folha, de tam. nat. 4. Extremidade da spatha interior, de tam. nat. 5, Porte do rachis do spadice, com flores masculinas, de tam. nat. 6, Uma flor masc. de tam. nat. 7, A mesma, duas vezes augmentada. 8, Uma petala, com dous estames, duas vezes augmentada. 9, Uma parte do ramo com uma flor femea, de tam. nat. 10, 11, 12, Sepalas. 13, 14, 15, Petalas. 16, Androceo e ovario, com quatro estigmas, tudo de tam. nat. 17, Um fructo inteiro. 18, Um outro fructo, para mostrar as duas fórmas que apresenta. 19, Córte vertical do mesmo. 20, Córte transversal do mesmo, tudo de tam. nat.

B. Porte da *Scheelea Princeps*, muito diminuido.

Nos terrenos humidos e calcareos que circundam a cidade de Corumbá, encontrei centenas de exemplares todos acaules, em plena florescencia no mez de Maio.

Tres ou quatro exemplares vi com caules de um metro, mais ou menos, porém, pelo seu estado mostravam ser muito velhos. Encontrei tambem alguns cachos de fructos maduros. Não sei se devido ao terreno, o certo é que o aspecto é diverso; não só a planta é menor como os espadices das flores. Os cachos n'esta variedade são pequenos e os fructos muito oblongos e acuminados, emquanto que na especie caulescente os troncos são altaneiros, os cachos de alguns, de mais de metro de comprimento, com os fructos grandes. As petalas das flores masculinas quando novas são de um bello roseo e depois roxas e as sepalas e petalas das femininas de um branco de marfim com as extremidades tambem roseas e depois roxas. Tem vulgarmente o nome de *Akury*, *Guacury* ou *Uakury*, que não é mais do que uma corruptela de *Uakuriy*, de *uá* fructa e *kuriy* do formato de *pinhão*, alongados.

Considerando uma variedade distincta aqui a consigno.

Gen. **Orbignia** Mart.

1. ORBIGNIA MARTIANA Barb. Rod. sub. pr. tab.— ATTALEA SPECIOSA Mart. *Palm. Bras. 138. t. 96 f. III. 3. 4. 5. 6. (sub nom. A. excelsæ); Hist. nat. palm. III. 298. t. 169. f. IV. et Palm. Orbign.* 117; Wallace *Palm.-trees Amaz. p. 117. Tab. 46;* Kunth. *Enum. plant.* III. p. 277; Walpers *Ann. bot. syst.* V. p. 824; Wendl. *in Kerch. Les Palm.* p. 233; Drude *in Flor. Bras.* III. p. II. p. 444.; *Index Kew.* I. p. 248. — Coco Nayá, M. Arruda Camara, *Disc. sobre a util. dos jard. p. 35.*—ORBIGNIA LYDIÆ Drude *in Flor. Bras.* III, p. II, p. 448, Tab. CII. Caudex procerus recte cylindricus lævis, foliis erecto-patentibus amplis concinnis tortis ad apicem flexuosis recurvis, foliolis elongatis rigidis inter se approximatis oblique acuminatis, in plano verticaliti patentibus. Spadix validissimus ramosus pendulus, ramis rigidis bracteatis dense exserentes, androginis flores fem. multos sessiles gerentibus dein in spicam masc. abortivam paucifloram excurrentibus; flores masc. calyce exiguo petalis 2 rarissime 3, biquadridentatis incurvis imbricatis; staminibus 24 per greges 8 divisas, antheras loculis irregulariter inter se pluries contortis, germinodium sub nullum; flores fem. plurimo majores ovoideo-oblongis, bibracteatis, ferrugineo tomentosis, sepalis lato oblongis obtuse, carinato-acuminatis, petalis paulo minoribus oblongis marginibus irregulariter serratis ad apicem longi tridentatis, androecei abortivi cupula petalis dupla minore germen in stylum crassum ferrugineo-tomentosum sensim excurrens cingente, stigmatibus 3–6. Drupa magna obovali-oblonga conico-rostrata fere ad dimidium induviata ad basis ferrugineo-tomentosa et ad apicem albo-tomentosa aureolata 3–6 sperma.

Tab. XXII et XXIII. fig. A.

Caudex 15–20^{m} × 0^{m},45 lg., « superne, vaginis diutius persistentibus involutus, denique denudatus. *Folia* 15–20 congesta

comam formantia, exteriora patentia », dum nova flavo-striata, albo-tomentosa, 9^m,40 lg., *rachis* 8^m lg., *foliolis* inferiores majoribus, angustis, medio 1^m,20 × 0^m,038 lg., superiores minoribus, glauco-tomentosis ; *spadices* intra-folia, 4–6 simul evoluti, androgyni 2,20 lg., pedunculo 1^m,10 × 0^m,07 lg., compresso, *spatha* exterior lanceolata, apice rotundato, 0^m,15 lata ; interior magna, erecta, incurva, lanceolata, sulcata, apice in rostrum anceps 0^m,50 attenuato, dorso bicarinata, ferrugineo-tomentosa, ad basin vaginantia. *Drupa* cum acumine conico, 0^m,11 × 0,^{m}077 lg., epicarpio fibroso, mezocarpio pluposo-farinaceo, endocarpio lapideo, brunneo, oblongo, ad apicem acuto, 0^m,605×0^m,062 lg., semina irreguriter oblonga sub-vertice incrassata, 0^m,043 – 0,050 × 0^m,012 – 0^m,019 lg..

HAB. *in Brasilia æquatoriali et orientali, in silvis* Rio Arinos, serra dos Parecis, Rosario, Rio Cuiyabá, S. Miguel das Areias, Tombador, *in* Matto Grosso. AGUAÇU, GUAGUAÇU vel BAGUAÇU *ab incolis nominatur ; etiam in silvis prope flumen* Tapajós, Madeira, Purus, *prope flumen* Amazonum *superius*, UAUAÇU *incolorum. Culta in* Jardim Botanico Rio de Janeiro, n.° 1398.

Flor. et fruct. Junio.

EXPLIC. TAB. XXII. — 1. Porte, muitissimo reduzido. 2. Peciolo, muitissimo reduzido. 3. Fructo inteiro. 4. O mesmo, cortado verticalmente. 5. O mesmo, cortado transversalmente, tudo de tam. nat.

TAB. XXIII. A. 1, 2, 3, 4 e 5. Córtes transversaes do rachis da folha, de tam. nat. 6. Parte superior do rachis da folha, visto do lado superior, mostrando a inserção dos foliolos. 7. Uma parte de um foliolo. 8. Apice de um foliolo, tudo de tamanho nat. 9, 10. Duas flores masculinas, de tam. nat. 11 e 12. Duas petalas, vistas de frente, de tam. nat. 13 e 14. Dois estames quatro vezes augmentados. 15. Uma flor femea, depois da anthese, de tam. nat. 16. A mesma, mostrando só a corolla, de tam. nat. 17. Androceo e ovario, de tam. nat.

Occupar-me-hei agora de uma das mais bellas, mais excelsa e mais graciosa das palmeiras do Brasil. Malfadada entretanto tem sido ! Estende-se desde as Guyanas, pelas florestas do Amazonas, entra no Matto Grosso e vae á Bolivia. É o *Uauaçu*,

do Amazonas, *Aguaçu*, *Baguaçu*, ou *Guaguaçu* de Matto-Grosso. Encontrei-a não só cultivada em Cuyabá, como fui depois vel-a em estado selvagem, formando grandes florestas, em que se via desde a semente que germinava até aos velhos troncos centenarios. Encontrei felizmente com flores e fructos, não só verdes, como maduros.

Esta palmeira, noticiada por Martius em 1823 (1), em pequena diagnose só do fructo, foi mais tarde em 1847 (2), detalhadamente descripta pelo mesmo monographo, que deu então alguns caracteristicos do caule, descripção que repetiu em 1850 (3).

Esta foi baseada por exemplares colhidos no Valle do Amazonas, onde Martius penso que não viu a planta e sim só os fructos. Martius conhecia, sob o nome *Guaguaçu*, a especie de Matto Grosso, pela noticia que das palmeiras lhe deu em carta o Dr. Silva Manso e que identificou com o Uauaçu do Amazonas, a *Attalea speciosa* (4).

Mais tarde, de 1848 a 1852, Alfredo Wallace, percorrendo o Amazonas, encontrou-a, mas tambem, apezar de ter visto a planta, da qual deu um bem feito desenho do porte (5), todavia tambem não viu as flores.

O Dr. Spruce, que tambem explorou o Amazonas na mesma epoca, não a noticía, e eu, que por tantos annos percorri o Amazonas, que vi centenas de exemplares, nunca tambem pude encontrar flores, tendo, comtudo, desenhado não só o porte, como os fructos, esperando sempre ver as flores, o que não me foi possivel. Depois de mim, o professor Trail tambem percorreu parte do Amazonas, e não se occupou d'ella, e assim todos os botanicos que percorreram o valle do Amazonas, por não ter visto as flores deixaram que corresse mundo um engano, que

(1) Mart. *Palm. Bras.* loc. cit.
(2) Mart. *Palm. Orbign.* loc. cit.
(3) Mart. *Hist. Nat. Palm.* loc. cit.
(5) Wallace *Palm.-trees of the Amazon. 1853, p. 117, tab. XLVI.*
(4) *Hist. Nat. Palm.* I, pag. CLXXIX.

se perpetuou até hoje, isto é, por mais de 74 annos. Em Matto Grosso, posto que percorrido tambem por alguns botanicos, nenhum a mencionou, mesmo o Dr. Spencer Moore. Cabe-me, pois, a ventura de destruir hoje o engano e levar a especie para o genero a que pertence.

A Attalea *speciosa* de Martius é uma Orbignia !...

Drude, com razão, na sua monographia da *Flora Brasiliense*, a incluiu nas *species insertæ sedis*. É a especie que maiores fructos dá no Brazil, e d'ahi o motivo pelo qual os nossos indigenas deram o nome de *Uá-uaçu*, fructo grande, corrompido pela pronuncia castelhana em *Aguaça*, *Baguaçu*, *Guaguaçu*. Os maiores fructos que vi, foi no alto Tapajós, proximo á *Cachoeira da montanha*. Ahi vi exemplares quasi do tamanho de um *Cocos nucifera* ou *Coco da Bahia*. Com estes fructos, assim como com os do *Urukury* (*Attalea excelsa* Mart.), os seringueiros defumam a borracha. O tamanho mais vulgar é o que representa na Est. XXII, sendo que pelo grande numero que dá em cada cacho, que dois homens não carregam, quasi sempre são comprimidos pela pressão que uns exercem sobre outros.

Como disse, é das palmeiras uma das mais bellas e das mais graciosas, vista de longe, porém de perto, quando nos collocamos junto á ella, é bruta, pelo tamanho e grossura do caule, pelo tamanho das folhas, das espathas e dos espadices, e mesmo pelos fructos.

Cresce nos logares humidos e nas florestas. Encontrei entre villa Mendes e as Areias de S. Miguel uma grande floresta composta só d'esta especie, que apresenta de longe um lindo aspecto. As *vanillas* amam esta palmeira; por ella sobem e estendem-se até pelo rachis das folhas.

Devo observar que esta palmeira, em 1827, foi encontrada tambem pela commissão Langsdorff, quando passou por Matto Grosso.

Desfazendo, pois, o engano em que todos laboravamos, denomino-a *Orbignia Martiana*, dedicando-a á memoria do sabio palmographo que primeiro a descreveu, cumprindo um dos

dos artigos da lei botanica e rendendo uma homenagem ao mestre.

Devo observar que na minha descripção aproveitei o que na de Drude havia de exacto.

Agora devo corrigir outro engano.

Na monographia citada, da *Flora Braziliensis*, vem descripta, como especie nova, pelo illustre Professor Oscar Drude, a *Orbignia Lydiae*, que pelas informações do collector Glaziou é originaria da região do Pará e introduzida no Passeio Publico do Rio de Janeiro. Dos exemplares d'este Passeio, foi remettido o material que serviu de base para o estudo do Professor de Dresda.

Por muito tempo procurei conhecer *de visu* a Orbignia Lydiae, porém, nunca a encontrei. Conhecia alguns pés de *Uauassu*, que os tinha por *Attalea speciosa*, porém, nunca vi no mesmo Passeio Publico especie que pudesse tomar pela que procurava. Conhecia tambem um magnifico exemplar que existe n'este Jardim, ha mais de 40 annos, verdadeiro *Uauassu*, e que se identificava com os exemplares do Passeio Publico e Campo da Acclamação, porém, nunca suppuz que esses exemplares fossem os que forneceram material para a apparição da *Orbignia Lydiae*.

Depois de ter determinado o *Baguaçu* de Matto Grosso, e o identificado com o *Uauassu* do Amazonas, desconfiei que a *O. Lydiae*, que não encontrava, talvez fosse o mesmo *Uauassu* e para certificar-me dirigi-me ao mesmo Passeio e ahi pedi ao Sr. Mallemont, jardineiro-mór, companheiro do Sr. Glaziou, que me mostrasse os exemplares da *O. Lydiae*. Qual não foi a minha admiração vendo-me ante á antiga *Attalea speciosa*, que outr'ora, quando nova, foi acaule, mas que hoje já tem um espique de 8 metros de comprimento !...

O facto de ter sido dada por acaule pelo Sr. Glaziou não é novo, e, entre muitos, citarei o da *Manihot Glaziovii*, cuja descripção foi tambem feita sobre informações do mesmo senhor. A *Maniçoba*, (M. Glaziovii) é uma arvore excelsa dos

Estados do Norte, entretanto a descripção diz que é do Rio de Janeiro e que só attinge a altura da mandioca vulgar. *Habitus speciminum ut in* M. utilissima *et in* M. palmata, *v.* Aipi. (1)

O exemplar que serviu para esta informação é hoje uma das arvores mais altas d'este Jardim.

Não conhecendo o collector Glaziou exemplar algum com espique, tomou-a por acaule e remetteu logo para a Europa, material para uma nova especie. Depois de publicada na *Flora*, o mesmo administrador a mencionou em uma relação de plantas por elle cultivadas no Passeio Publico e Praça da Acclamação e que foi publicada em um dos Relatorios do Ministerio da Agricultura. Então ainda a planta era acaule.

Felizmente, além da affirmativa do jardineiro, a especie estava com flôres e fructos que corroboraram a minha opinião.

A *Orbignia Lydiae*, do Passeio, era a *Attalea grande*, nome com que outr'ora era conhecido o exemplar d'este Jardim, e se identificava com o *Baguaçu* de Matto Grosso e com o *Uauassu* do Amazonas. Em vista, pois, d'isso sou obrigado a levar para synonymia da *O. Martiana* a *O. Lydiae.*

Parece que devera conservar o nome *Lydiae* para a *Attalea speciosa*, visto ser nome mais antigo, mas como não foi o autor da *Orbignia Lydiae* que reconheceu o genero do *Uauassu* e applicou este nome a uma especie que julgava inteiramente distincta, entendo dever conservar o nome que impuz por ser elle applicado á propria especie descripta por Martius, passando a *O. Lydiae* a figurar como synonyma. Além disso o nome *speciosa*, já eu o tinha empregado em outra especie, (2) pelo que não póde d'esta ser tirado.

Se o nome *Lydiae* fosse dado por engano ou por outro autor á mesma palmeira, convenho que devera ser o nome adoptado, mas, tendo sido dado a outra planta que o proprio

(1) Flor. Bras. XI. p. II. p. 446.

(2) *Plant. nov. cult. no jard. Bot. 1891. I. p. 32. tal. IX.*

autor considerava distincta, tanto que conservou a *Attalea speciosa*, na mesma monographia, não posso admittir.

O autor teve em suas mãos os originaes de ambas e as distinguiu, portanto não póde o seu nome ligar-se á especie que não reconheceu nem separou.

Assim penso, entretanto os mais versados que decidam se a *Attalea speciosa* de Martius, deve ser *Orbignia Martiana* de Barbosa Rodrigues, que reconheceu o genero e identificou as duas especies, ou se *O. Lydiae* de Drude, que conservou especies distinctas de dois generos differentes.

Devo dar algumas explicações sobre a *O. Lydiae*. Por ter tido um material incompleto e falsas informações o illustre Professor Drude cahiu no engano. Este professor não viu as spathas, nem os espadices, apenas examinou a porção superior de um espadice androgyno, que lhe foi remettida e por isso disse que os ramos têm 1-2 flôres femeas, quando têm muito mais, nos médios e nos inferiores.

As flôres masculinas que examinou foram as poucas que dão nas espigas terminaes dos ramos superiores, que são quasi sempre differentes, não só das que acompanham as flôres femeas, como as dos ramos dos espadices masculinos. Deram-lhe tambem um desenho do porte de um individuo novo, que provava ser acaule, e por esse e outros motivos cahiu no engano, não suppondo que se occupava com o material da *Attalea speciosa*.

2. O. MACROCARPA Barb. Rod. Acaulis vel caudice mediocri superne petiolorum basibus coronato, foliis per quinques spiras dispositis, elongatis, robustis, foliolis decrescentibus, ad basim in acervos 2—3 aggregatis et ad apicen aggregatis oppositis, lineari-lanceolatis, oblique acuminatis, subtus glaucis; Spadices monoeci, masculi it androgyni 2—3 simul evoluti spathis int. lanceolatis sulcatis rostrato-acuminatis, masc.: ramos plurimus unilateraliter evolventes ad basim minuté bracteatos; masc. androg.:

ramos unilateraliter in spiras dextrorsas dispositos, brevissimis flores fem. secundi singulos, dein et spica mas. apicale abreviata evolventes. Flores masc. secundi parvi calyce conspicuo, petalis geminatis, incurvis, irregulariter lanceolatis concavis bi-tridentalis staminibus 20 densi insertis ; flores fem. oblongo-ovoidei sepalis cucullato-obtusis quam petala tridentata marginibus serrulatis longioribus, androecei abortivi cupula inaequali germen in stylum nullum cingente, stigmatibus 6.

Tab. XXIII, fig. B. XXIV.

Caudex 2^m—$5^m \times 0,^m25$ lg., *Folia* 8 contemporanea, in spiras dextrorsas 5 disposita, densa congesta 5^m lg. ad caudicem marcescentia, petiolis diu persistentibus, petiolo albo-tomentoso viridi-punctato, $0^m,90$ lg., *folioli* inferiore $1^m,50 \times 0,016$ lg., media, $0^m,80 \times 0,^m05$ lg., superiore $0^m,35 \times 0^m,001$ lg., *spadices* 2—5 simul se evolventes, erectus, masc. : *spatha* lanceolata, mucronata, dorso sulcata, $0^m,60$—$0^m,90 \times 0^m,10$—$0^m,13$ lg. ; *pedunculo* compresso, $0^m,20$—$0^m,45 \times 0^m,015$—$0^m,018$ lg., laevi, *rachis* $0^m,15$—$0^m,30$ lg., postice plana, antice convexa, *rami* secundi, $0^m,10$—$0^m,11$ lg., ad imam basin floribus denudati, ad apicem densissime scrobiculati, scrobiculis secundis, minimi bi bracteolatis purpureo-nigris. *Flores* $0^m,01$ lg. *Spadix fem.* erectus, crassiore, *pedunculo* $0^m,25$ lat., compresso, *rachis* $0^m,40$ lg. postice plana, antice convexo, *rami* minimi. *Flores fem.* singuli, ad basim tribracteati $0^m,03$—$0^m,04$ lg. *Drupa* ad basin induviata, 5-7 sperma, epicarpio fibroso, viridi-flavo, ferrugineo, endocarpio osseo, cinnamomeo, $0^m,09 \times 0^m,066$ lg.

HAB. *ad* Capão Bonito *prope* Serra Quebra Cabeça *in Prov* Matto Grosso. INDAYÁ-AÇU, *incolarum. Flor et fruct Junio.* Herb. n. 217.

EXPLIC. TAB. XXIV. — 1. Córte tranversal do peciolo. 2. Uma parte da extremidade do rachis, vista superiormente. 3. Uma porção de um foliolo.

4. Extremidade do mesmo, tudo de tam. nat. 5. Córte transversal do pedunculo do spadice, de tam. nat. 6. Parte inferior do rachis do spadice, de tam. nat. 7. Spatha interior, reduzida a um decimo. 8. Uma flor femea, de tam. nat. 9. A mesma, duas vezes augmentada. 10, 11. Duas petalas, duas vezes augmentadas. 12. Um fructo inteiro. 13. O mesmo cortado verticalmente. 14. O mesmo cortado transversalmente. 15. Androceo, que acompanha o fructo, tudo de tam. nat.

Acham-se descriptas, até hoje, apenas oito especies d'este genero, sendo tres, a *humilis*, a *phalerata* e a *dubia*, de Martius, da Bolivia e todas as outras do Brazil. Estas foram classificadas, tres por Martius, tres por Drude e duas por Barbosa Rodrigues. A este numero accrescento agora, mais quatro especies, sendo tres novas que descobri em Matto Grosso, e uma Attalea, de Martius, que passei para este genero, o que eleva o numero a doze.

Tratarei aqui da primeira, do *Indayá-açú* como vulgarmente é conhecida em Matto Grosso.

O sabio Dr. Martius, conhecia pelos nomes vulgares algumas palmeiras de Matto Grosso, conhecimento adquirido pelas informações, que, por cartas, o Dr. Silva Manso lhe dava. Este *Indayá* lhe era assim conhecido, e o tinha pela *Attalea compta*, como nol-o diz em uma nota (1).

O nome vulgar levou-o a este engano. Com os nomes vulgares de *Ndayá*, *Indayá*, *Inayá*, *Nayá*, *Inajá*, *Anajá* e *Pindobas*, são conhecidas, em todo o Brazil diversas palmeiras dos generos Maximiliana, Attaléa, Pindaréa e Orbignia (2), pelo facto de terem os cocos muito *duros* e as *folhas luzentes*.

Os nossos indigenas applicavam, ora um, ora outro nome ás especies d'estes generos, acompanhados de adjectivos que serviam para distinguir n'uma localidade, uma das outras especies. Abaixo dou a etymologia das duas palavras.

---

(1) Hist. Nat. Palm. I, pag. CLXXIX, Adnot. IV.

(2) Vide as observações que fiz nas minhas *Plantas novas*, fasc. V, pag. 18 e seguintes, tratando do meu genero *Pindaréa*.

Sabendo que era conhecida em Matto Grosso uma palmeira tambem por este nome, procurei encontral-a e depois de muitas difficuldades e trabalho, fui encontrar, em Junho, no *Capão Bonito*, perto da *Serra do Quebra-cabeça*, nos campos que ficam fronteiros á Itaicy, nas margens do rio Cuyabá, esta especie, vivendo quasi socialmente, e então com flores e fructos.

E' uma bella palmeira bastante elevada, que muito se assemelha á *O. Martiana*, mas que facilmente se distingue pelas folhas, cujos apices não são flexuosos e os foliolos não são voltados a tomarem a direcção perpendicular, que é um dos caracteristicos do Uauaçu. As flores femeas são dispostas em espiral da esquerda para a direita, sobrepostas, apparentando tres a seis fileiras. Os fructos são grandes e na apparencia se confundem com os pequenos que n'aquella especie não se desenvolvem ou são de exemplares fracos. Dão em grandes cachos pendentes, e exteriormente são cobertos de tomento tabacino na base e esbranquiçado no apice.

Na minha excursão ultima, tive occasião de verificar que os Indayás de Santa Catharina, S. Paulo e Rio de Janeiro são todas do meu genero *Pindaréa* e se identificam com a minha *Pindaréa fastuosa* (1).

Devo dar tambem aqui a etymologia do nome *Indayá*. Esta palavra não é mais do que a corruptella da palavra indigena *Andaya*, isto é: *fructo duro*. Em geral os nossos indios dão o nome de *Andá*, modificação de *antã yá*, fructo duro, aos fructos de todas as palmeiras, mas, para designar as que têm fructos verdadeiramente duros, porque são lapideos, como os dos generos Attalea, Maximiliana, Orbignya e Pindarea dão nos fructos desses generos o nome de *Andá yá*, d'onde *Indàyà*, e suas modificações.

A palavra *Pindova* vem de *Pindó ob.* e *Pindó* significa lustroso, brilhante, luzente, e *ob*, folha. Com effeito todas as palmeiras conhecidas por este nome tem as folhas luzentes.

(1) *Plantas novas cult. no Jardim Bot. do Rio de Jan.* V. pags. 23. Est. V. fig. A.

3. O. CAMPESTRIS Barb. Rod. Acaulis. Folia erecta breve petiolata, foliolis concinnis, ad basim 2 aggregatis dein singulariter suboppositis, lineari-lanceolatis, longissime acuminatis, subtus albido-glaucis. Spadices masc. gracilis spatha fusiformi in rostrum excurrente dorso sulcata; androgini ramos brevissimis bracteatos exserentes, floribus fem. singulis secundis dispositis; flores masc. secundi biseriali, calyce conspicuo, corolla bipetala, petala inæqualia oblongo tridentata et lato-oblongo vel subrotunda apice longe tridentata, staminibus 16-18 dense insertis, filamentis inæqualibus; flores fem. ovoidei sepalis cucullatis obtusis ad apicem carinatis quam petala mucronata marginibus crenulatis longioribus, androecei abortivi cupula crenulata germen albo-tomentoso demidio cingente, stigmatibus 6.

Tab. XXV.

Folia 5 contemporanea, $2^m,70$ lg., *foliolis* inferiores $0^m,55 \times 0^m,01$ lg., médio $0^m,56 \times 0^m,003$ lg., superiores $0^m,17 \times 0^m,003$ lg.. *Spadix* masc. erectus, *spatha* interior lignosa, sulcata, extus pallida, intus rubiginosa, $0^m,45 \times 0^m,06$-$0^m,07$ lg. *Rami* secundi $0^m,006$ — $0^m,007$ lg., rachin $0^m,12$ — $0^m,14$ lg., *Flores masc.* calyce minutissimi, corolla $0^m,01$ lg., *staminibus* a 16-18 formato corollam dimidio æquante, *antheris* convolutis. *Spadix* fem. floribus masc. feré destitutus, *pedunculo* compresso, $0^m,2$ lg., bractea magna munito; *rachis* $0^m,15$ lag., postice plano, antice convexo, *flores fem.* $0^m,03$ — $0^m,035$ lg., sessili, secundi, *sepalis* ovato-lanceolatis, *petalis* secus margines eroso-crenulatis et in apice ipso mucrone valido uncinato aculeatis; androecei cupula $0^m,007$ alt., *Drupa* 5 sperma, globosa, vertice acuminato, $0^m,06 \times {}^m0,55$ lg., *epicarpio* fibroso, subaurantiaco, tabacino-tomentoso ad apicem albo-tomentoso, *mezocarpio* flavedo, farinaceo, *endocarpio* lapideo albido.

HAB. *ad* Capão Bonito, *in Prov.* Matto Grosso. INDAYÁ VERDADEIRO *vel* INDAYÁ REDONDO *nominant. Flor. et fruct. Junio. Herb.* n. 240.

Explic. Tab. XXV. — 1. Córte transversal do peciolo. 2. Dito do rachis da folha. 3. Uma parte do rachis mostrando a disposição dos foliolos, com um inteiro, tudo de tam. nat. 4. Uma flor macho, de tam. nat. 5. A mesma, duas vezes augmentada. 7. Um estame e anthera, quatro vezes augmentada. 8. Ramo com tres flores femeas. 9, 10 e 11. Sepalas. 12, 13 e 14. Petalas. 15. Androceo e ovario com seis estigmas, tudo de tam. nat. 16. Fructo inteiro. 17. O mesmo cortado verticalmente. 18. O mesmo cortado transversalmente. 19. Androceo que acompanha o fructo, tudo de tam. nat.

Nos campos do Capão Bonito, que se estendem até á serra do Melgaço, encontrei esta outra especie crescendo socialmente, fechando grandes espaços de terreno. E' acaule e tem entre os naturaes o nome de *Indayá verdadeiro* ou *Indayá redondo*.

Os seus cachos são erectos e com poucos fructos, perfeitamente redondos e agudos, cobertos exteriormente por tomento ferruginoso, que no apice se torna esbranquiçado. Quando, em Junho, encontrei com fructos, davam tambem numerosos espadices de flores, sendo em maior numero o de flores masculinas.

4. O. LONGIBRACTEATA. Barb. Rod. Acaulis foliis erectis in facie inferiore albido-glaucis lineari-lanceolatis oblique acutis supra nitentibus per gregas 2-3 proximé aggregatis versus apicem solitariis divergentibus dense insertis. Spadices masc, erectis spatha lineari-lanceolata dorso sulcata ad apicem bicarinata in rostrum anceps excurrente, pedunculo hypogoeo, flores masc. secundi biseriali; petala 2-3 bidentata, staminibus 16-24, in fundo corolla insertis; androgyni ramos minutissimos secundis biseriatos longiter bracteatos laxe exserentes, floribus fem. in racheos simplicis solitariis sessillibus secundis, oblongis, sepalis lanceolatis acuminatis dorso carinatis petalis subaequantibus, petalis lato-ovoideis mucronatis margines eroso-denticulatis androecei abortivi cupula germen albo-tomentoso dimidio cingente. Drupa oblonga acuta in basin induviata 3-6 sperma, epicarpio fibroso ferrugineo-tomentoso ad apicem albido, mezocarpio albo amylaceo, endocarpio lapideo brunneo.

Tab. XXVI.

Folia 5 contemporanea, *petiolo* hypogoeo, *rachis*, $1^{m},60$ lg.; *foliolis* inferiores $0^{m},65 \times 0^{m},004$ lg., medio divergentibus, $0^{m},40 \times 0^{m},03$ lg., superiores divergentibus $0^{m},08 \times 0^{m},003$ lg. *Spadix masc.* $0,^{m}25 - 0,^{m}30$ lg. erectus, rami secundi $0^{m},1$ lg.; *androgyni* $0^{m},40$ lg.; *pedunculo* compresso $0^{m},23 \times 0^{m}02$, lg., bractea longa ornato; *rachis* $0^{m},23$ lg., postice plano, antice convexo, anceps, *rami* brevissimi, biseriali, secundi, longi-bracteati, bractea longissime acuminata, deflexa, $0,^{m}03 - 0,^{m}04$ lg. Flores fem. sessilibus, $0^{m},025$ alt. *Drupa* oblonga $0^{m},06 \times 0,^{m}045$.

HAB. *in* Capão Bonito, *fere Serra* do Melgaço. INDAYÁ MIRIM *ab incolis nominatur. Flor. et Fruct. mense Junio.* Herb. n. 239.

EXPLIC. TAB. XXVI.—1. Parte do rachis de uma folha, mostrando a disposição dos foliolos, com um d'estes inteiros, de tamanho natural. 2. Spatha interior reduzida a um quinto. 3. Uma parte do rachis do spadice, mostrando as longas bracteas, de tamanho natural. 4. Uma flor macho, de tamanho natural. 5. A mesma, duas vezes augmentada. 6, 7 e 8. Tres petalas da mesma flor, duas vezes augmentadas. 9. Calyce, duas vezes augmentado. 10. Um estame e anthera, quatro vezes augmentado. 11. Um germinodio, tres vezes augmentado. 12. Uma flor femea, inteira. 13. Uma sepala. 14. Corolla. 15. Uma petala. 16. Ovario e androceo, tudo de tamanho natural. 17. Um fructo inteiro. 18. O mesmo, cortado verticalmente. 19. O mesmo, cortado transversalmente, tudo do tamanho natural.

Esta especie tambem é acaule e cresce nas proximidades da antecedente, e ás vezes mesmo com ella, porém, se differencía immediatamente pelas suas folhas que são mais erectas com os foliolos divergentes, principalmente para o apice das folhas, o que dá outro aspecto.

Tem vulgarmente o nome de *Indayá-mirim*, ou pequeno, porque o porte, os cachos e os fructos são menores. Encontrei-a em Junho, com flores e fructos.

Comparando-a com a *O. humilis*, de Mart. affasta-se inteiramente, a não ser em ter as folhas um pouco semelhantes mas, apezar d'isso uma tem os foliolos crespos e outra lisos e divergentes.

ADDENDA

DIPLOTHEMIUM PECTINATUM Barb. Rod.—¿D. CAUDESCENS Mart. *Palm. Bras.* pag. 111. tab. 51, fig. 7, 70 et 77; Kunth *Enum. plant.* III. pag. 121; Drude *Flor. Bras.* III. pag. 430? Caudex excelsus cylindricus læve et proximus annulatus, foliis validis concinnis pectinatis, foliolis æquidistantibus regulariter insertis patentibus e basi conduplicata ad apicem oblique acuminatis supra nitentibus subtus tomento denso albo argenteo. Spadix in pedunculo quam rachis majore spatha sup. tenuis lignosa læviter sulcata longe acuminata inclusus, racheos duo tertio inferiore androgyno caudam masc. terminalem demidio superante floribus masc. inter femineos alte erectis staminum pluremorum inter petala late lanceolata evolventibus; drupa obovoidea subcompressa glabra versus verticem concava in centro apiculatum albo tomentosa, endocarpio brunneo obovoideo apiculato intus trivittato, albumine ruminato.

Tab. XXVII.

Caudex cinereus, proxime annulatus, cylindricus 2^{m}-15 × 0^{m},10-0^{m},15 lg. *Folia* 10 contemporanea, 4^{m}-5^{m} lg. petiolo et vagina 1^{m},35 lg., albo fusco tomentoso, foliolis 100 utrinque, æqualiter dispositis, inferioribus 0^{m}, 55 × 0,^{m}01, medius 0^{m},60 × 0^{m},055 lg. superioribus 0^{m},30 × 0^{m},01 lg. *Spadix* 1-5 contemporaneus, inter interiores foliis enascens, patens, 1^{m},10 - 1^{m},20 lg. pedunculus subcompressus, brunneo lepidotus, 0^{m},50 - 0^{m},60 × 0,02 lg., rachis 0^{m},60 - 0^{m},65 lg., parte inferiora androgyna 0^{m},020 - ^{m},25 lg. *Spatha* ext. lineari-lanceolata, acuta, ad apicem bipartita, 0^{m},050 - 0^{m},60 × × 0^{m},08 lg., albo-ferrugineo tomentosa, interiora incurva, lineari-lanceolata, acuminata, ad basin attenuata vaginante,

tenui lignosa, læviter et argute sulcata, $1^{m},90 - 2^{m} \times 0^{m},10 - 0^{m},12$ lg., albo-ferrugineo tomentosa. *Flores* masc. $0^{m},02$ lg., *sepalis* lineari-lanceolatis, basi gibbosis, dorso acute carinatis acuminatissimis, corollam fere longitudine æquantibus, inferne connatis. *Petalis* obovatis, vel sæpe oblique acuminatis, subconcavis, ima basi connatis; *Stamina* 96 - 100 dense intertexta, minore corollæ: *filamentis* filiformibus, antheræ infra medium infixis; *antheræ* lineares, basi subagittatæ, apice minutissime mucronatæ. *Rudimentum pistilli* nullum. *Flores* fem. $0^{m},01$ lg., ante anthesin acuti sepalis petalisque subæquilongis, lato-ovato-subrotundis acutis; *androecei* rudimentarii cupulari, sexdentati, ovario demidio minori. *Ovario* ovato, albo tomentoso, *stigmatibus* elongatis, acutis. *Drupa* induviata, $0^{m},05 \times 0^{m},035$ lg., *epicarpio* viridi-flavo, lævi, tenui-fibroso, *mezocarpio* albo, *endocarpio* osseo, castaneo, ad apicem acuto, $0^{m},04 \times 0^{m},029$, lg., *albumine* cavo, profunde ruminato.

HAB. *in silvis prov.* Espirito Santo, Minas Geraes et Rio de Janeiro. *Culta in* Jardim Botanico, Rio de Janeiro, N. 38. *Flor. et fruct. Novembr.* PALHA BRANCA, IMBURY *appellatum.*

EXPLIC. TAB. A. Fig. 1. Córte de peciolo. 1 *a*, 1 *b*, 1 *c* e 1 *d*. Córtes do rachis, de tam. nat. 2. Uma porção do rachis, na parte media, mostrando a disposição de todos os foliolos. 2 *a*. Parte terminal de um foliolo. 3. Espathas reduzidas a um decimo. 4. Uma flor masculina. 5. Calyce. 6. Corolla. 7 e 8. Petalas vistas pelo exterior e interiormente de tam. nat. 9. Um estame de tam. nat. 10 e 11. O mesmo visto pelo dorso e pela frente, duas vezes augmentado. 12. Bractea que acompanha as flores, tam. nat. 13. Uma flor femea. 14 e 15. Sepalas vistas de lado. 16, 17 e 18. Petalas. 19. Ovario, tudo de tam. nat. 20. Ovario, duas vezes augmentado. 21. Androceo esteril, tam. nat. 22. Fructo inteiro, tam. nat. 23. O mesmo cortado verticalmente. 24. O mesmo cortado transversalmente. 25. Endocarpo mostrando as tres faxas, tudo de tam. nat.

B. Fig. 1. Uma porção do rachis e foliolos. 2. Espatha interior, reduzida a um decimo do tam. nat.

Estas figuras são extrahidas da obra de Martius para servir para comparação.

Com o nome de *Mbory* ou *Imbury*, desde Pernambuco até á Bahia, é conhecida uma palmeira, que o Dr. Martius descreveu sob o nome de *Diplothemium caudescens*. Esta palmeira Gabriel Soares (1) a noticiou em 1587 da seguinte maneira: « Ha outras palmeiras que chamam *Bory*, que tem muitos nós, que tambem dão cocos em cachos, mas são *miudos* ».

O Principe Maximiliano de Wied Neuwied (2), que tambem d'ella se occupou, disse: « produit une grappe de *petites noix* dures qui ne sont mangeés que par les sauvages ».

Por estas informações e pelas descripções do mesmo Dr. Martius (3), assim como pela do Dr. Oscar Drude (4), não me parece ser aquella de que me occupo. Se tem caracteres que as identificam, apresenta, comtudo, outros que as affastam. A especie que aqui apresento é do Espirito Santo, Minas Geraes e Rio de Janeiro, onde as encontrei em Itabapoana, Muriahé, Campos e S. Gonçalo com o nome de *Palha branca* e tambem com o de *Imbury*.

Centenas de exemplares que vi apresentavam todos os mesmos caracteres que dou aqui, não só os que cresciam nos terrenos baixos e descampados, como nos das serras e das florestas. Um exemplar, que póde ser visto, cultivado n'este jardim o confirma.

Se pelas descripções noto differenças, tambem as encontro quando estudo os desenhos de Martius (5). As folhas e a spatha sem a menor duvida ou contestação não pertencem a esta especie. A ser esta especie a mesma, não trepidamos affirmar que a spatha representada pelo sabio palmographo, por fatal engano, foi dada como do Imbury (D. CAUDESCENS) quando me parece pertencer a alguma Scheelea ou Attalea.

As descripções da spatha são deficientes, e só apresentam um caracter que não tem a de que trato, a da espessura.

(1) Tratado descriptivo do Brasil: Rev. do Inst. Hist. Bras. Vol. XIV. pag. 191.
(2) Voyage au Bras. II. pag.
(3) Gen. et Spec. Palm. pag. 111. Tali. 70 et 77. Fig. 1. 2.
(4) Flor. Bras. III. p. II. pag. 430.
(5) Loc. cit.

Só a forma das flores se identifica com as da minha especie em alguns caracteres. Entretanto a forma e inserção dos foliolos as separam extraordinariamente.

Por muito tempo vacilei em considerar especie distincta, mas ante as differenças que aqui apresento, não podendo ter como mal feitas as descripções dos mestres sobre exemplares de differentes localidades, animo-me a apresentar esta especie, cujos caracteres differenciaes são sufficientes para distinguil-as. O ter o mesmo nome vulgar nada implica, porque o mesmo nome é ás vezes dado a especies de familias differentes. Uma unica cousa que confirma o que penso, mas me confunde, é a nota dada pelo professor Drude, baseado em informações do Sr. Glaziou: a de que *existem exemplares cultivados nos jardins do Rio de Janeiro, onde são muito estimados.* O mesmo senhor enviou amostras de Villa Nova e de Macacu, do verdadeiro *D. caudescens*, a que se referem as descripções e a nota. Sinto ignorar os jardins em que estão cultivados, para examinal-os. Nos que são publicos, como o Passeio publico, o Campo de Sant'Anna, o largo do Rocio, a Quinta da Boa Vista, do Jardim Botanico, não existem, os que ha se identificam com o que aqui descrevo e não com o descripto por Martius e Drude. Talvez haja alguns em chacaras particulares mas esses ignoro onde possa encontral-os. Toda a duvida desappareceria se podesse confrontar os meus especimens com os dos quaes o Sr. Glaziou tirou amostras, que se identificam com os colhidos por Martius em Santo Amaro e Cachoeira, na Bahia, isto é, os que tem as folhas e a spatha iguaes ás descriptas e reproduzidas *d'après nature* por Martius.

Muito infeliz seria o *D. caudescens* para ser victima de um engano de Martius, nas folhas e na spatha exterior, engano que se não desmanchou, mas antes foi confirmado pelos expecimens de Glaziou.

Pelos exemplares Glaziovianos, vê-se que, com effeito, o *Deplothemium caudescens*, tem as folhas *crespas* e os foliolos em *grupos* e linear-acuminados.

A não se admittir que a planta que aqui descrevo seja differente da de Martius, forçosamente tem de soffrer as correcções que aqui apresento, e addicionar-se-lhe a descripção do fructo. A nota do fructo, que em duvida o Dr. Drude dá, tambem não se identifica com os d'esta especie. Vejam-se os meus desenhos feitos exacta e escrupulosamente *d'après nature*, pelos fructos maduros, e ver-se-ha que tenho razão. Ainda mais, para melhor comparação represento aqui, muito diminuido, mas na mesma proporção dos dos meus desenhos os de Martius, *d'après nature*, não só da spatha como dos foliolos. Estes meus são representados na mesma altura do rachis que Martius representa os seus, por onde se vê que a forma do rachis é tambem differente.

O fructo dado por Drude, como do *D. caudescens*, que Martius não viu, tanto que diz *drupa ignota*, creio que não pertence ao *Imbury*, porém, apezar d'isso, pela especie que apresento, foi elle collocado bem junto ao *D. Torallyï.*

A especie de Martius, não obstante parece-me que tem os fructos pequenos porque assim o dizem Gabriel Soares e o Principe Neuwied, a não ser que estes considerassem pequenos, fructos de 0,05 de comprimento.

Devo observar que o endocarpo da especie de que trato é muito semelhante aos dos *Syagrus*, tendo como estes as tres faxas escuras e luzentes, porém com o albumen ruminado, como o *Arikuryroba Capanemae*, facto este não mencionado por Drude, nem por Martius no *D. Torallyï*. Em duvida, comtudo, apresento a discripção dos *Imburys* que estudei, que se, por acaso, for o mesmo *D. caudescens*, não dou como trabalho inutil o que tive, visto como servirá para corrigir as faltas que se notam nas descripções de Martius e de Drude, ou constituirá uma variedade.

Aqui apresento as differenças mais notaveis que encontro, para facilitar a comparação.

Diplothemium caudescens			D. pectinatum
Martius	Kunth	Drude	Barbosa Rodrigues
		Caudex interdum in medio paulum incrassatus.	*Caudex* aequalifer cylindricus.
Pinnae in gregis sub-opositis sexquipollicem vel duos pollices distantes aproximatis. Directione variae indique sub crispae.	*Pinnis* linearibus longe acuminatis in gregis sub-oppositis approximatis. Frondibus sub crispae.	*Segmentis* per greges concinnos vix crispatos. 70-90 acervos vario numero (3-20) formantibus omnibus in apicem obtusum angustatis.	*Foliolis* alternis, concinnis, æquidistantibus, pectinato, patentes, æqualiter dispositis, omnibus in apicem oblique acuminatis argute crenulatis.
Spadix bipedalis et longior. *Spatha* int. duos pedes vel duos cum dimidio longa, aperta cymbiformis lignosa, *crassa* extus longitudinaliter profunde sulcata.		*Spatha crasse* lignosa sulcata longe acuminata.	*Spadix* 1,^{m}60-2^{m} lg. *Spatha* int. 1,^{m}90-2^{m} × 0,10-0,12, lg., aperta lineari — lanceolata, lignosa, tenuis, extus laeviter et argute sulcata, longe acuminata.
Stamina 50. *Antheras* apicem in mucronem acutissimum abeuntes.			*Stamina* 96-99. *Antheras* apicem laeviter mucronatas.
Stigmatibus brevis.		*Stigmatibus* sessillibus.	*Stigmatibus* elongatis, acutis.
Androeceo O.			*Androeceo* cupulari sexdentato.

O aspecto desta especie, pela disposição dos foliolos, é o do *Astrocaryum murumuru Mart.*, ou o de uma *Attalea compta.*

Pelo tamanho, largura e disposição dos foliolos as folhas, são como as das Attaleas, aproveitadas para cobertura de casas, sendo longa a sua duração. Os espiques, posto que de fibras esbranquiçadas, são muito duros e por isso aproveitados para esteios e ripas. Fornece tambem um palmito amargo, que é muito apreciado, emquantó que os seus fructos não o são.

NOTA. — Devo fazer aqui uma observação. Por um infortunio perdeu-se a bordo do vapor, que me conduziu, um volume que continha uma parte do material que devia servir para as descripções das quatro especies ultimas, pelo que não vão muito minuciosas. Felizmente tinha os desenhos, fieis, feitos e as notas tomadas no campo, que me serviram com os materiaes que se salvaram, para as mesmas descripções que aqui deixo feitas.

LISTA

por ordem alphabetica das especies e variedades de palmeiras do Brazil

DESCRIPTAS E DESENHADAS PELO

AUTOR

1872–1897

Como complemento a este trabalho apresento aqui uma lista das palmeiras que tenho descoberto e que estão representadas, por perto de duzentos desenhos coloridos de tamanho natural, feitos *d'après nature*, e com todos os detalhes analypticos.

Estas especies foram reconhecidas pelas autoridades citadas, e, se algumas, poucas, figuram na monographia do Dr. Drude, publicada na *Flora Brasiliensis*, como synonymas de outras, sem razão assim foram classificadas, como já protestei por mais de uma vez, tanto que outras autoridades as aceitaram e as reivindiquei.

As especies que verdadeiramente perdi vão em italico.

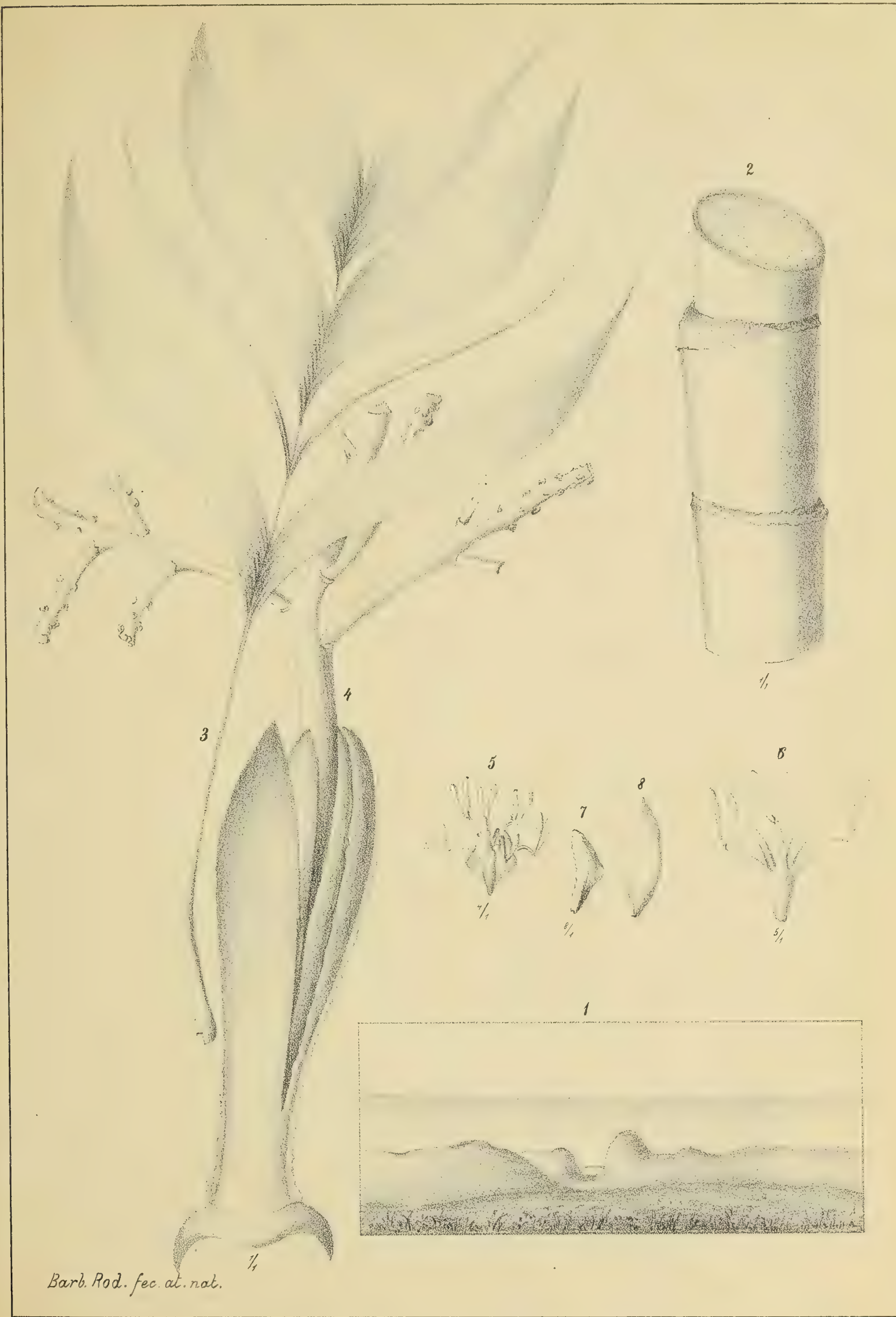
1 Acrocomia mbokayáyba.
2 » microcarpa.
3 » odorata
4 Astrocaryum acanthopodium.
5 » *aculeatum* (Rodriguesii Trail.)
6 » arenarium.
7 » caudescens.
8 » echinatum.
9 » farinosum.
10 » horridum.
11 » leiospatha.
12 » » *var.* sabulosum.
13 » Manaoensis.
14 » Princeps.
15 » » *var.* aurantiacum.
16 » » *var.* flavum.
17 » » *var.* sulphureum.
18 » » *var.* vitellinum.
19 » sociale.
20 » Yauaperyensis.
21 Attalea agrestis.
22 Attalea monosperma.
23 » oleifera.
24 Bactris acanthocarpoïdes.
25 » arenaria.
26 » armata.
27 » Chapadensis.
28 » Constanciae.
29 » Cuyabaensis.
30 » elegans.
31 » ericetina.
32 » exaltata.
33 » exscapa.
34 » formosa.
35 » Gastoniana.
36 » *gracilis* (B. acanthocnemis Mart.)
37 » granariuscarpa.
38 » inermis.
39 » interruptepinnata.
40 » Krichaná.
41 » linearifolia.
42 Bactris littoralis.

43 » Marayáaçu.
44 » Marayá-y.
45 » Mattogrossensis.
46 » microspatha.
47 » monticola.
48 » nemorosa.
49 » oligocarpa.
50 » *palustres* (bidentula Spruce).
51 » paucijugata.
52 » penicillata.
53 » rivularis.
54 » settipinnata.
55 » silvatica.
56 » Syagroïdes.
57 » Tarumanensis.
58 » Trailliana.
59 » turbinocarpa.
60 » umbraticola.
61 » umbrosa.
62 » vulgaris.
63 » xhantocarpa.
64 Cocos aequatorialis (Syagrus).
65 » Arikuryroba (Arykuryroba Capanemae). Barb. Rod.
66 » Chavesiana (Syagrus).
67 » *Geribá.*
68 » insignis *(Glaziova).*
69 » leiospatha.
70 » linearifolia (Syagrus).
71 » macrocarpa (Syagrus).
72 » odorata.
73 » picrophylla (Syagrus).
74 » pulposa.
75 » speciosa (Syagrus).
76 Desmoncus ataxacanthus.
77 » caespitosus.
78 » Cuyabáensis.
79 » macrocarpa.
80 » nemorosus.
81 » oligocanthus.
82 » Phillipiana.
83 » phœnicocarpus.
84 Diplothemium pectinatum.
85 Euterpe controversa.
86 » longibracteata.
87 Geonoma altissima.
88 » aricanga.
89 Geonoma barbigera.
90 » Beccariana.
91 » bijugata.
92 » brachy foliata.
93 » brevispatha.
94 » calophyta.
95 » Capanemae.
96 » Chapadensis.
97 » erythrospadice.
98 » falcata.
99 » furcifolia.
100 » palustris.
101 » pilosa.
102 » Rodeiensis.
103 » rupestris.
104 » speciosa.
105 » tomentosa.
106 » trigonostyla.
107 » trijugata.
108 » uliginosa.
109 Guillielma Mattogrossensis.
110 » speciosa *var.* coccinea.
111 » » *var.* flava.
112 » » *var.* ochracea
113 Iriartea philonotia.
114 » Spruceana.
115 Lepidocaryum enneaphyllum.
116 » sexpartitum.
117 Maximilliana attaleioïdes.
118 » longirostrata.
119 Mauritia limnophylla.
120 Œnocarpus discolor.
121 Orbignia campestris.
122 » longibracteata.
123 » macrocarpa.
124 » Martiana.
125 » pixuna.
126 » sabulosa.
127 » speciosa.
128 Pindarea concinna.
192 » fastuosa.
130 Scheelea Anizitziana.
131 » amylacea.
132 » Leandroana.
133 » osmantha.
134 » Princeps *var* Cuyabáensis.

Lista das especies e variedades de Palmeiras do Brazil descriptas por

	Especies novas n'esta obra	Nomes dos generos	Barb. Rod.	Martius	Drude	Trail	Spruce	Wendland	Wallace	Humboldt	Kunth	Glaziou	Linneo	Karsten	Linneo F.°	Hooker	Beccari	Gartner	Ruiz e Pavon	Klotzsch	Meyer	Willdenow	Weddell	Poepig	Loes	Chamisso	Jacquin	Total
1		Raphia		1																								1
2		Mauritia	1	2			1		1	1					1													7
3		Orophoma			1		1																					2
4		Lepidocaryum	2	2			2																					6
5	1	Desmoncus	8	10	3	2	1																				1	25
6	3	Bactris	40	21	5	14	4		1					1								1	1	3			1	92
7	1	Guillielma	4	2																								6
8	4	Astrocaryum	17	12	5	3										1				1								40
9	2	Acrocomia	3	2	2																							7
10		Martinesia								1																		1
11		Glaziova	1									1																2
12		Cocos	4	13	4		1	1					1													1		25
13		Barbosa															1											1
14		Syagrus	6	2																								8
15	1	Diplothemium	1	3	1																							5
16		Attalea	3	8	2		1							1														15
17		Pindarea	2																									2
18		Maximiliana	2	2		1																						5
19	2	Scheelea	5											2														7
20	4	Orbignia	7	1	3																							11
21		Elaeis											1					1										2
22		Barcella				1						2																1
23		Euterpe	2	7																								9
24	1	Œnocarpus	1	6			1							1														9
25		Jessenia			1									1														2
26	2	Geonoma	22	20	6	6	5	6			5										1	2			1			76
27		Callyptronoma				1																						1
28		Leopoldinia		2					2																			4
29		Manicaria																1										1
30		Hyospathe		1				2																				3
31		Morenia		1	1	1		1						1					1									6
32		Chamædorea		2			1				1											1						5
33		Kunthia								1																		1
34		Iriartea	2	5	1			1											1									10
35		Catoblastus			1			1																				2
36		Copernicia		1																								1
37		Trithrinax		1	3																							4
38		Acanthorhiza			1			3																				4
39		Arikuryroba	1	1																								2
	21	Total	134	128	40	29	18	15	4	3	6	3	2	7	1	1	1	2	2	1	1	4	1	3	1	1	2	410

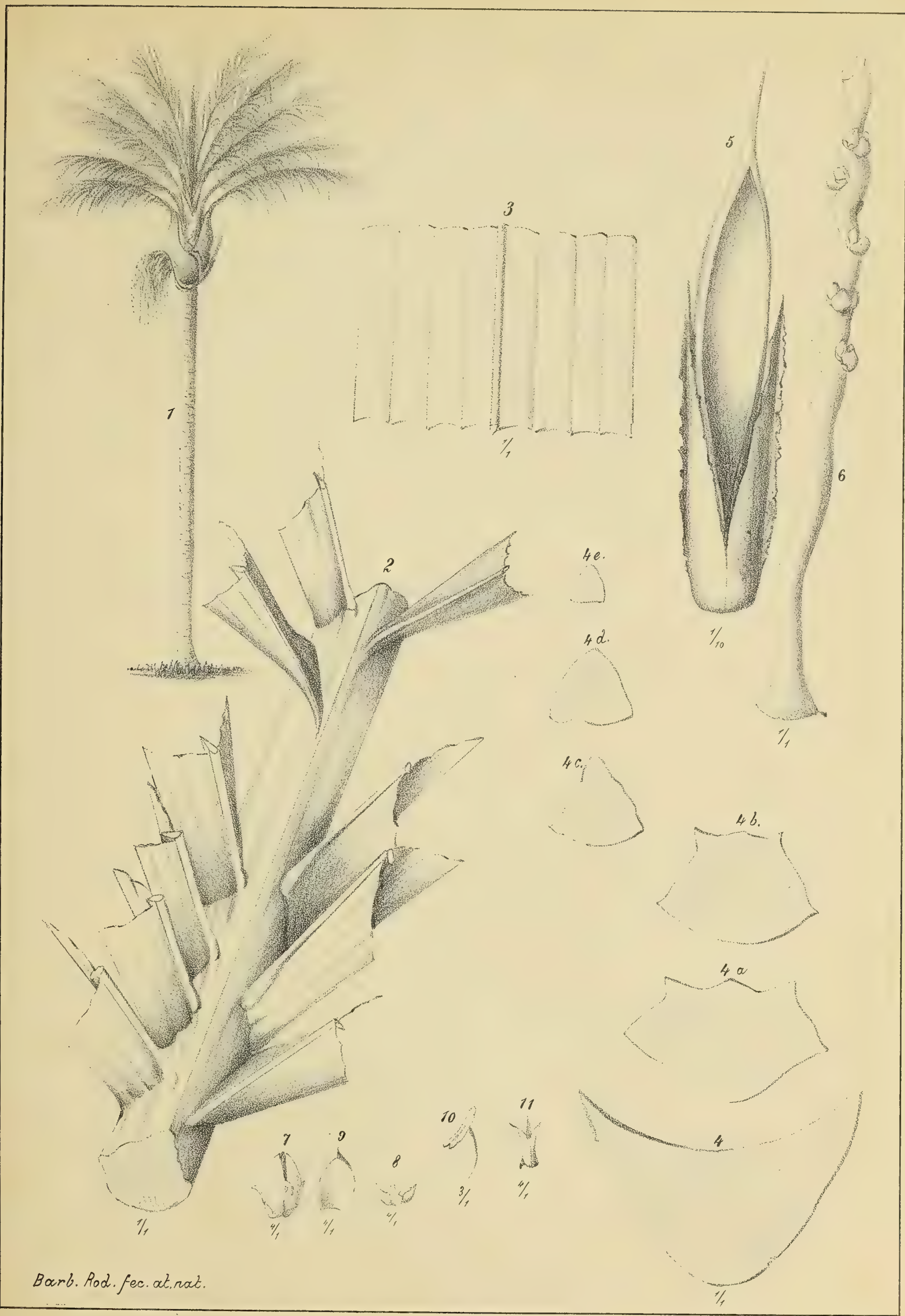
Indice das Palmeiras contidas n'este volume



GEONOMA CHAPADENSIS Barb. Rod.

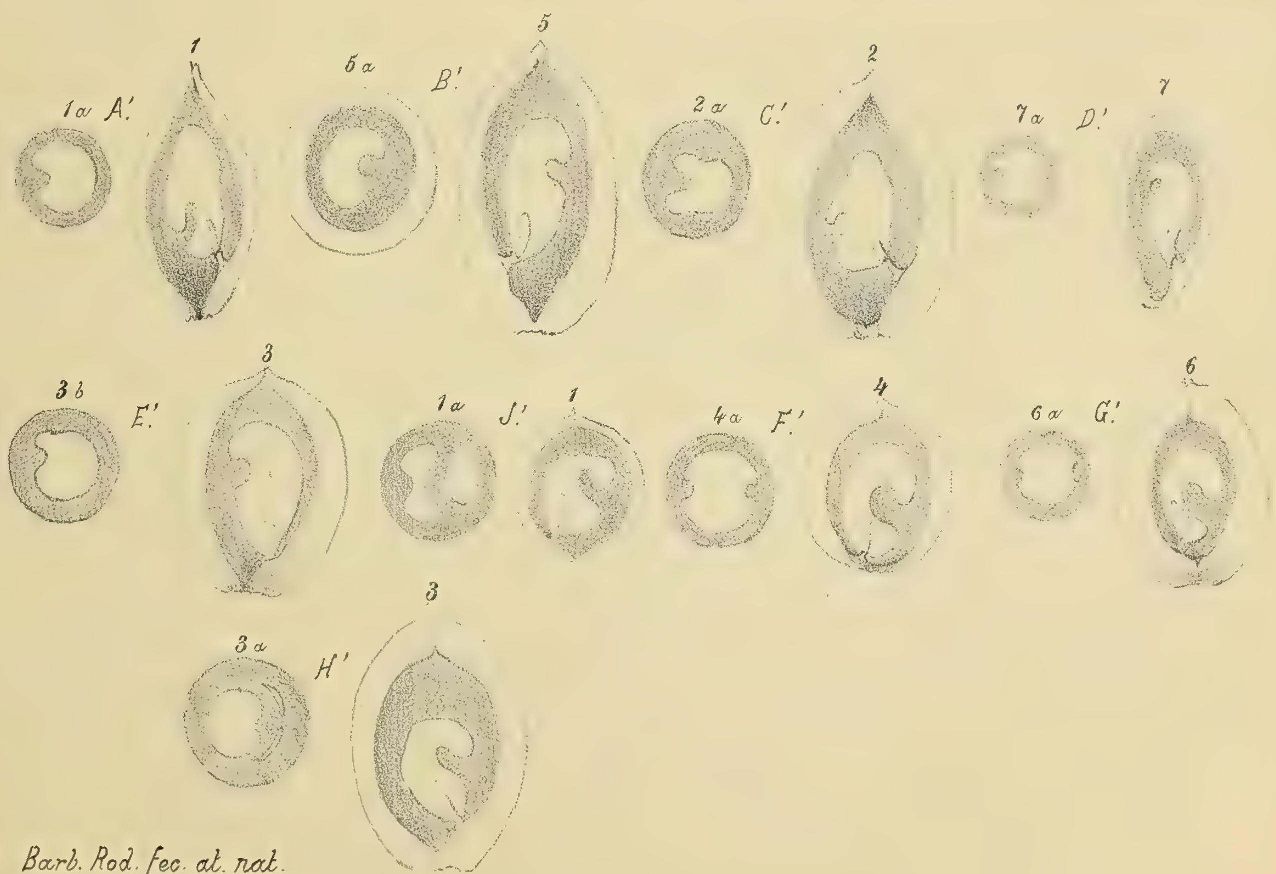


GEONOMA ALTISSIMA Barb. Rod

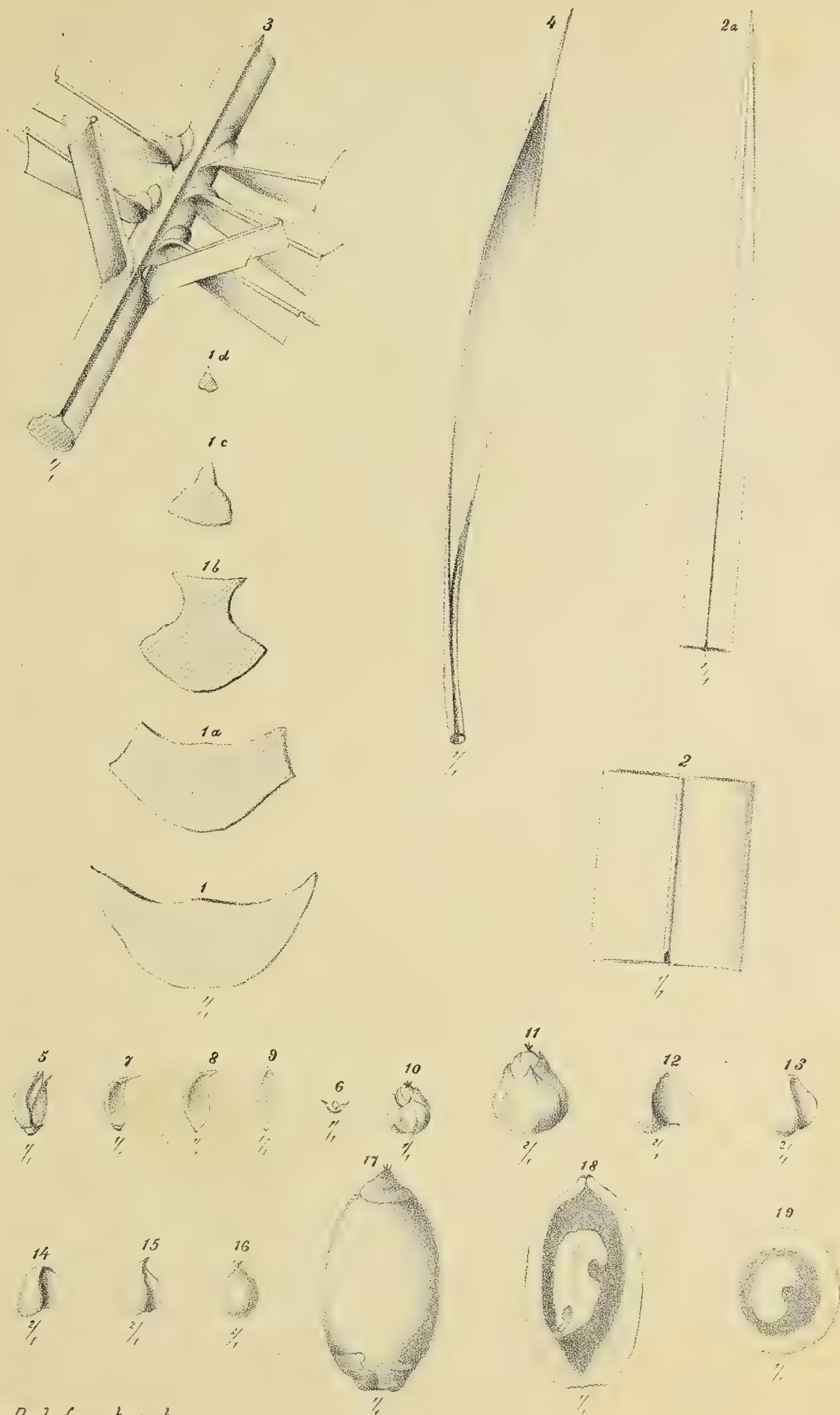


OENOCARPUS DISCOLOR Barb. Rod.

E. D.
A. B. C. H. F. B. G. I



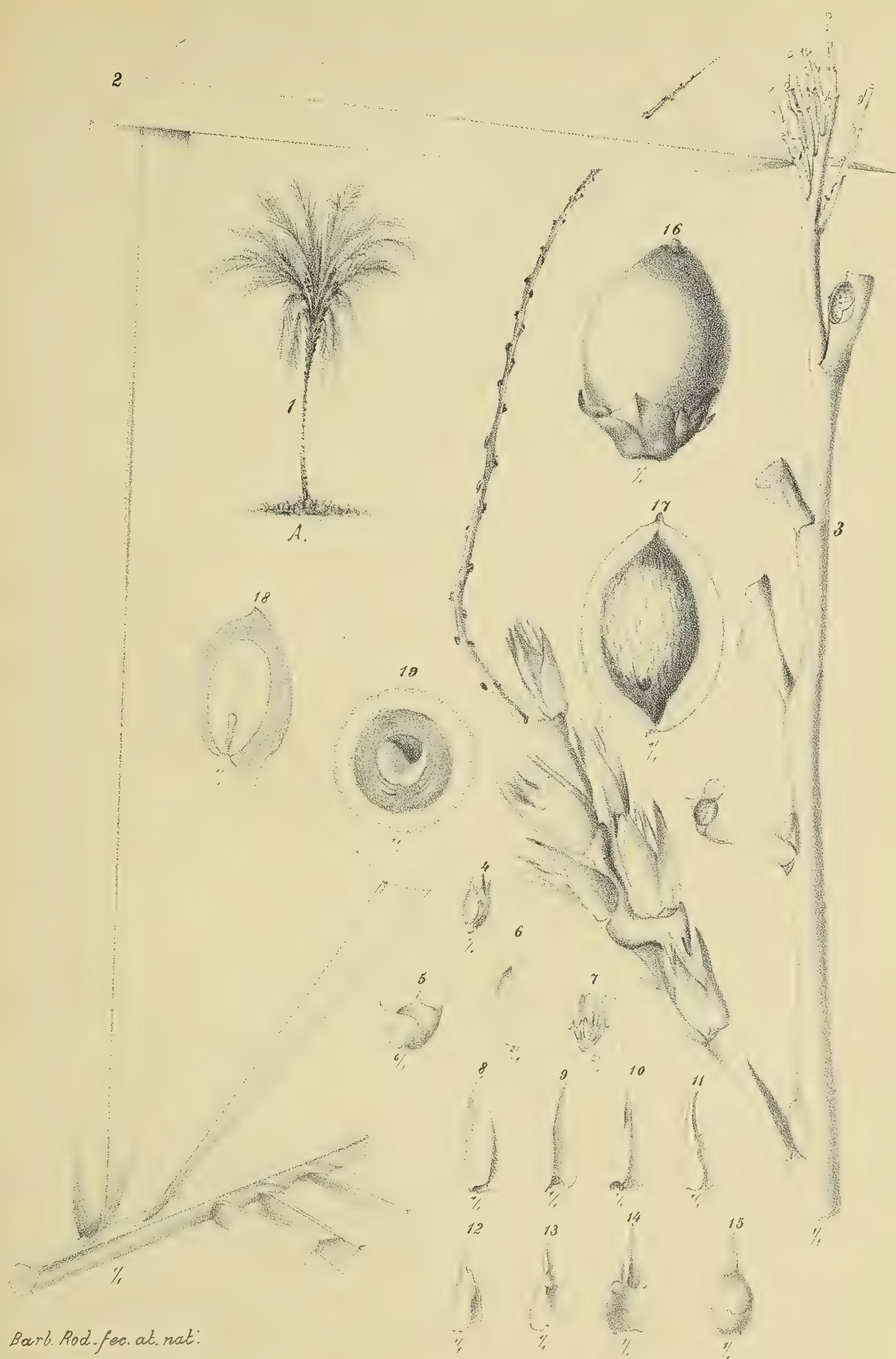
COCOS ROMANZOFFIANA Cham.



COCOS ROMANZOFFIANA Cham



COCOS CAMPESTRIS MART.



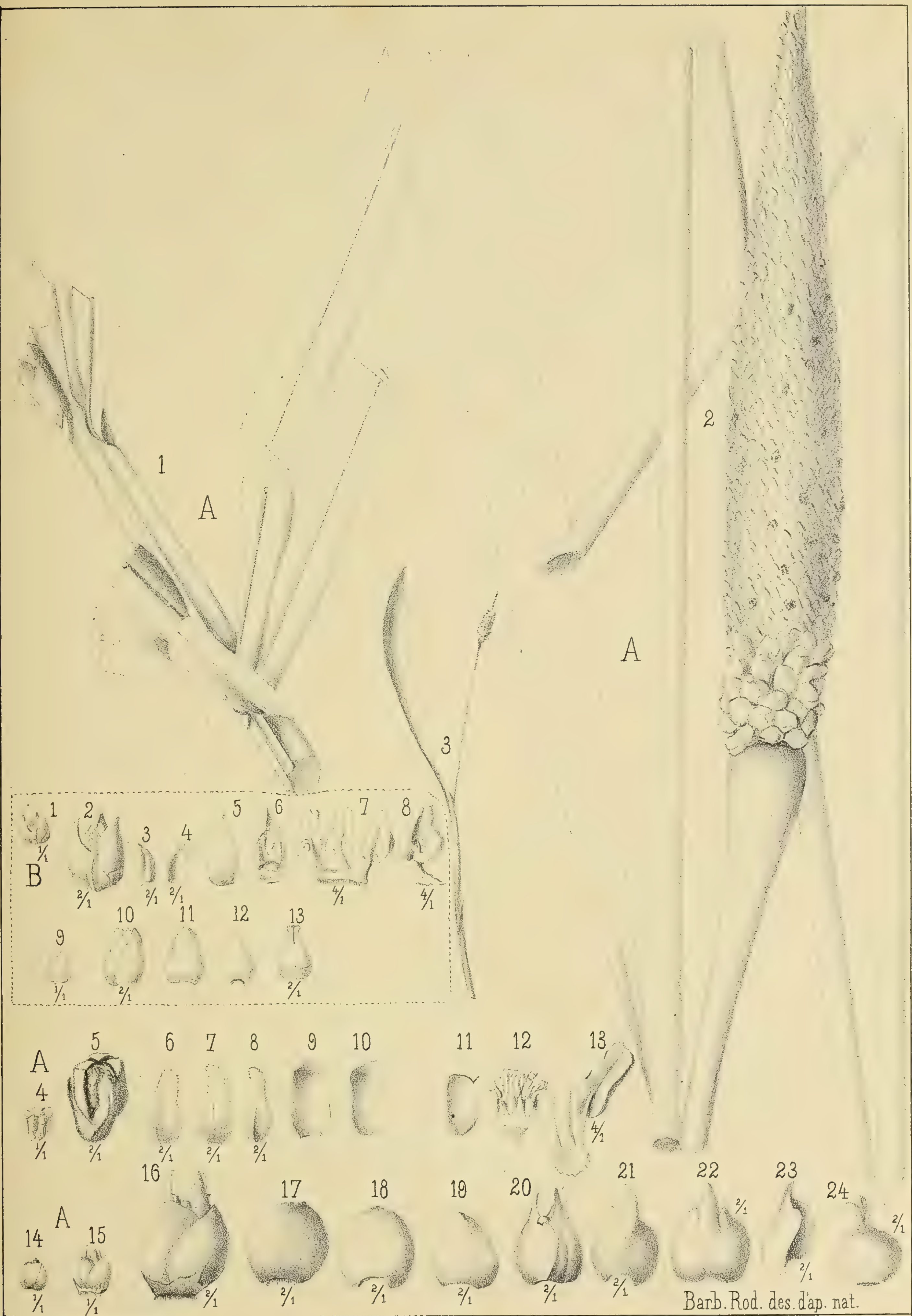
COCOS CAMPESTRIS Mart.



COCOS COMOSA Mart.

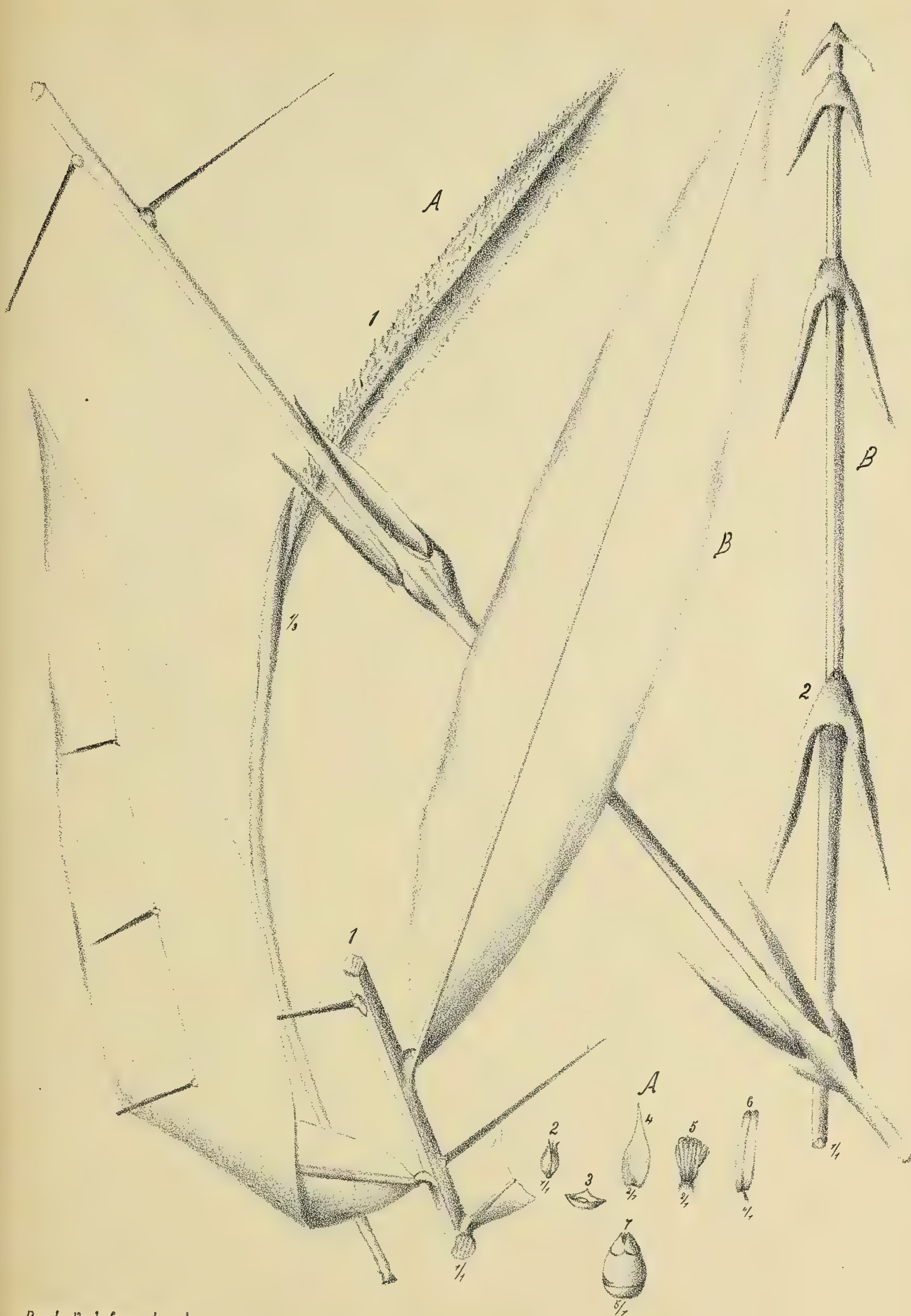


COCOS PETRAEA Var Platiphylla Dr.

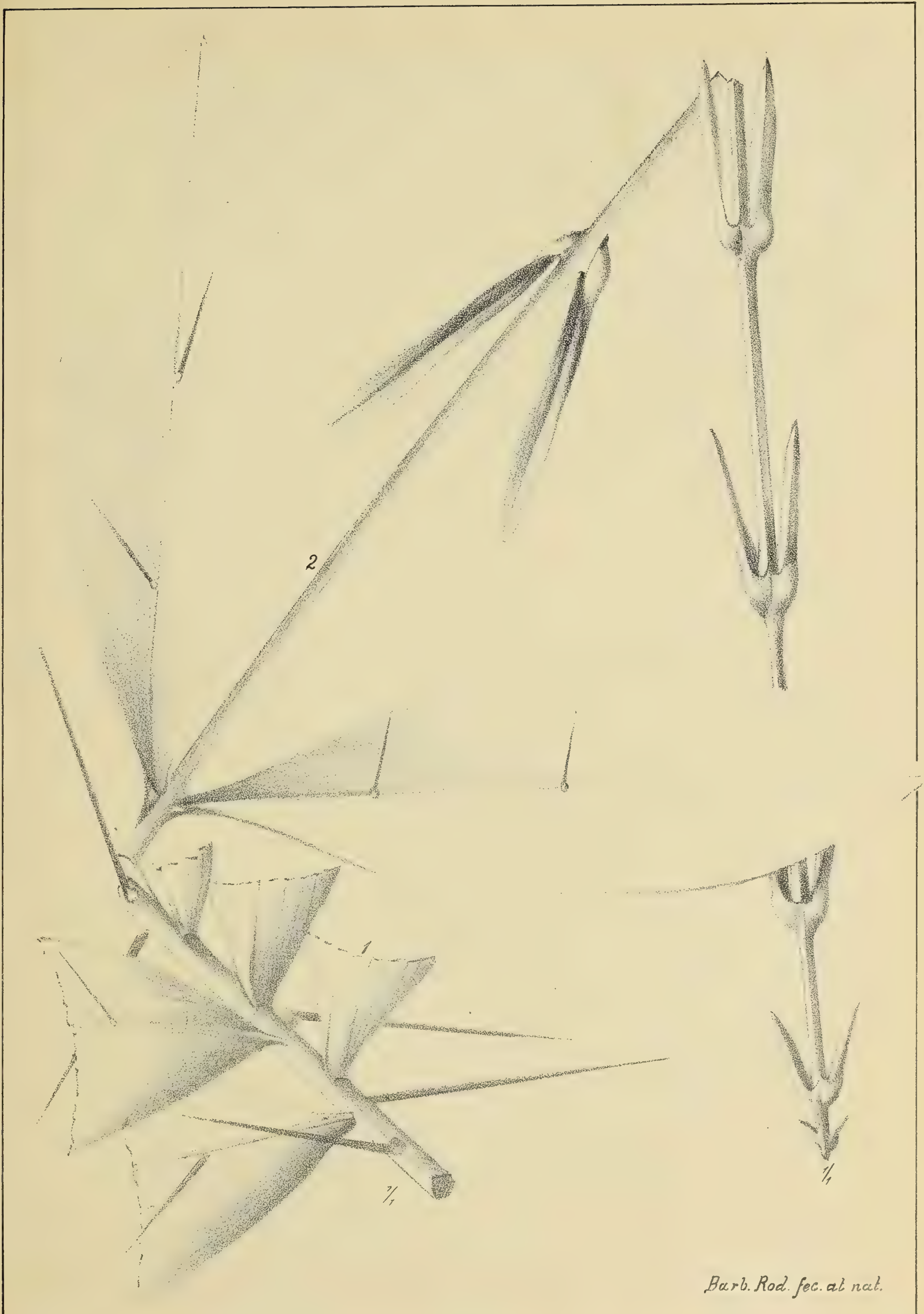


A. DIPLOTHEMIUM LEUCOCALIX DRUDE.

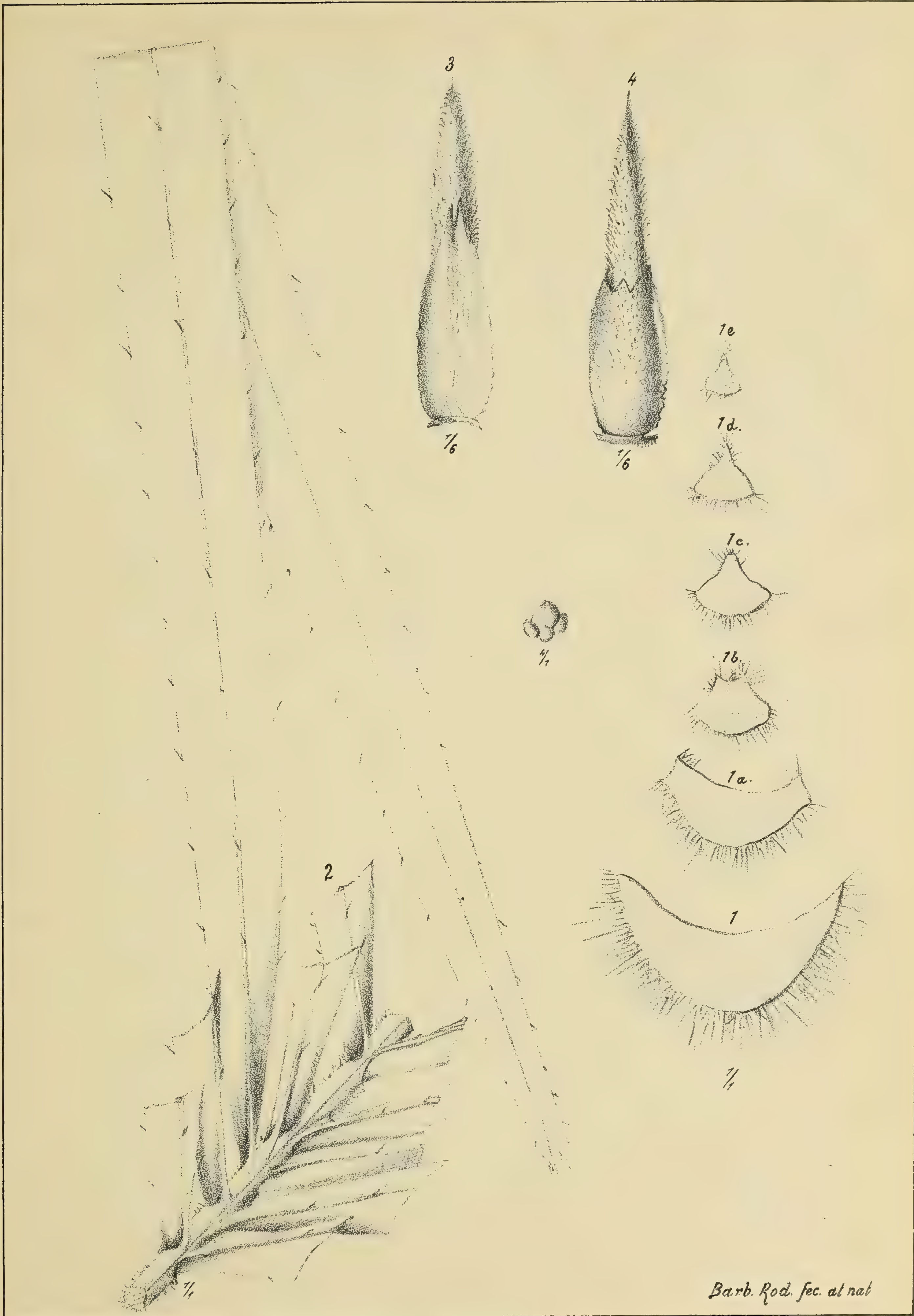
B. D. CAMPESTRE MART. Barb. Rod.



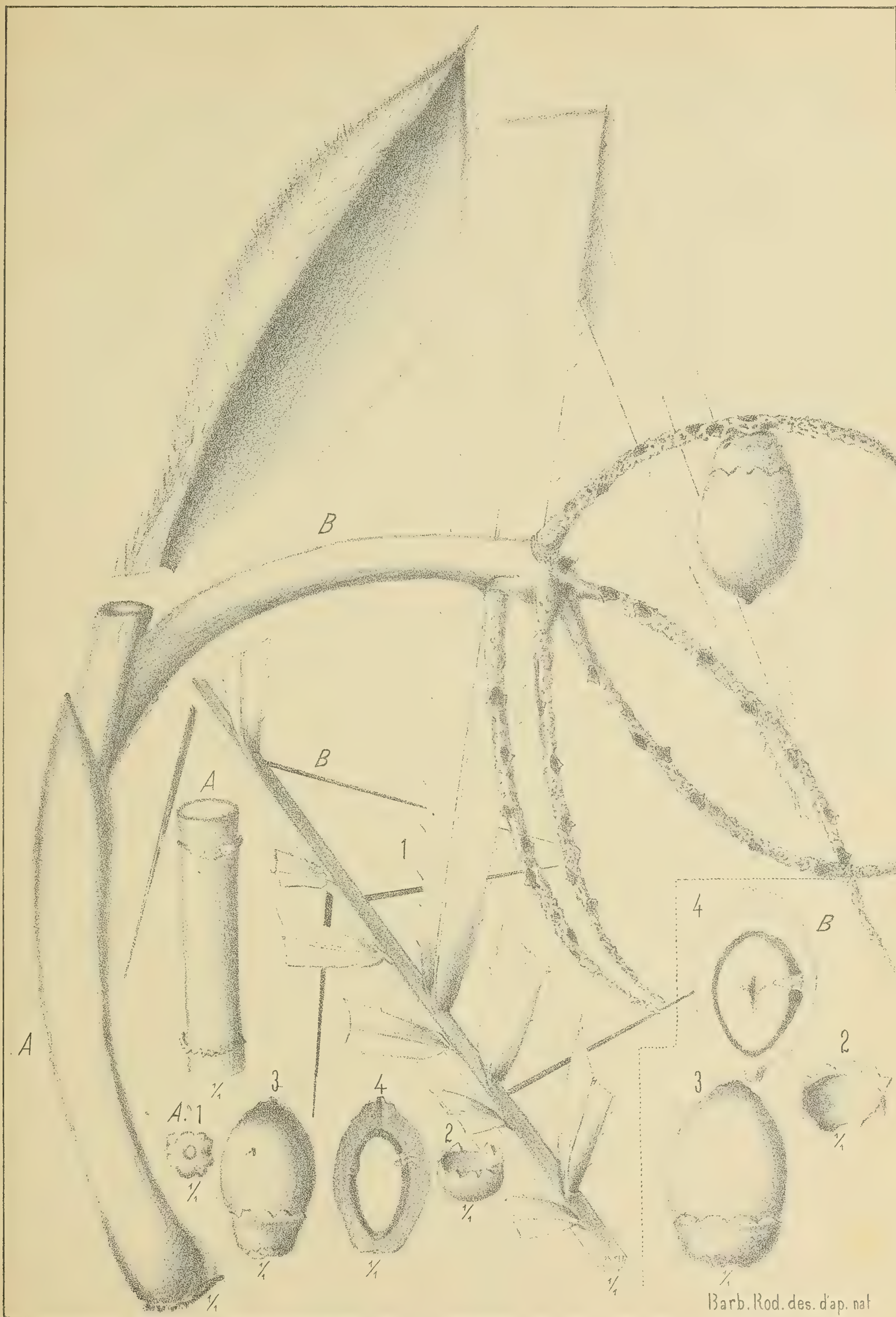
B. DESMONCUS RUDENTUM Mart. A. DESMONCUS CUYABÁCNSIS. Barb. Rod.



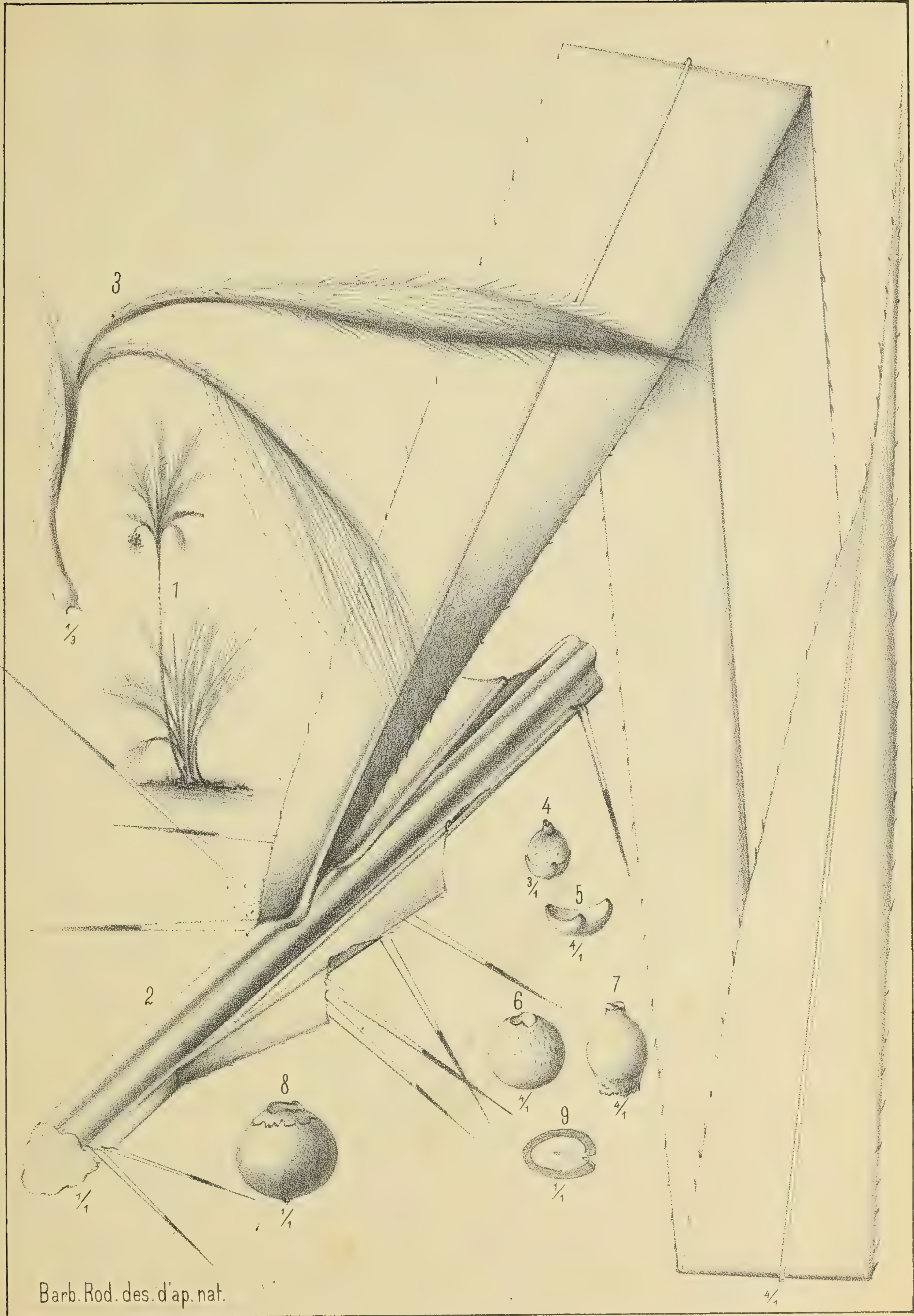
DESMONCUS CUYABÁENSIS Barb. Rod.



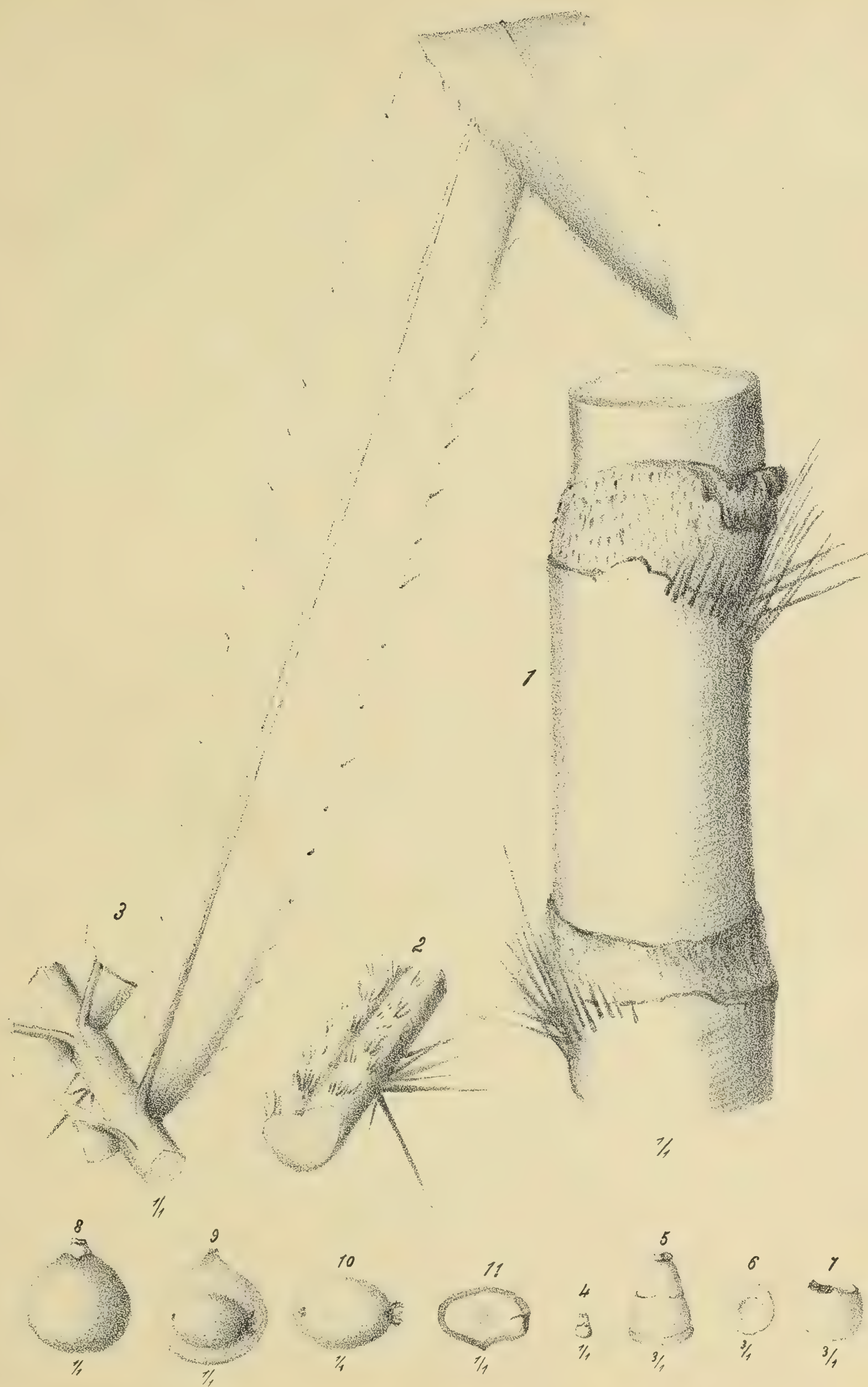
GUILLIELMA MATTO GROSSENSIS Barb. Rod



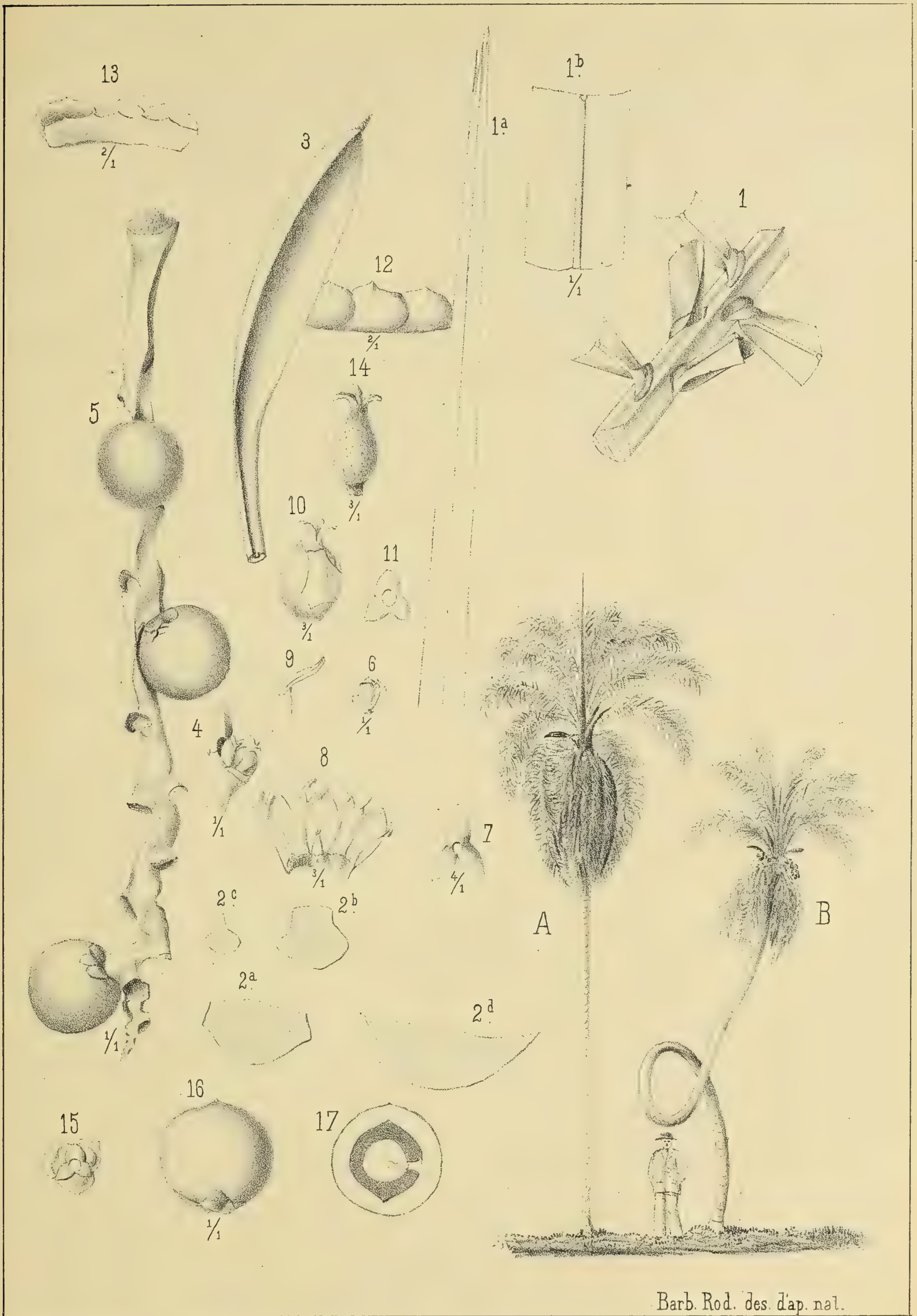
A. BACTRIS CHAPADENSIS Barb. Rod. *B.* BACTRIS MATTO GROSSENSIS Barb. Rod.



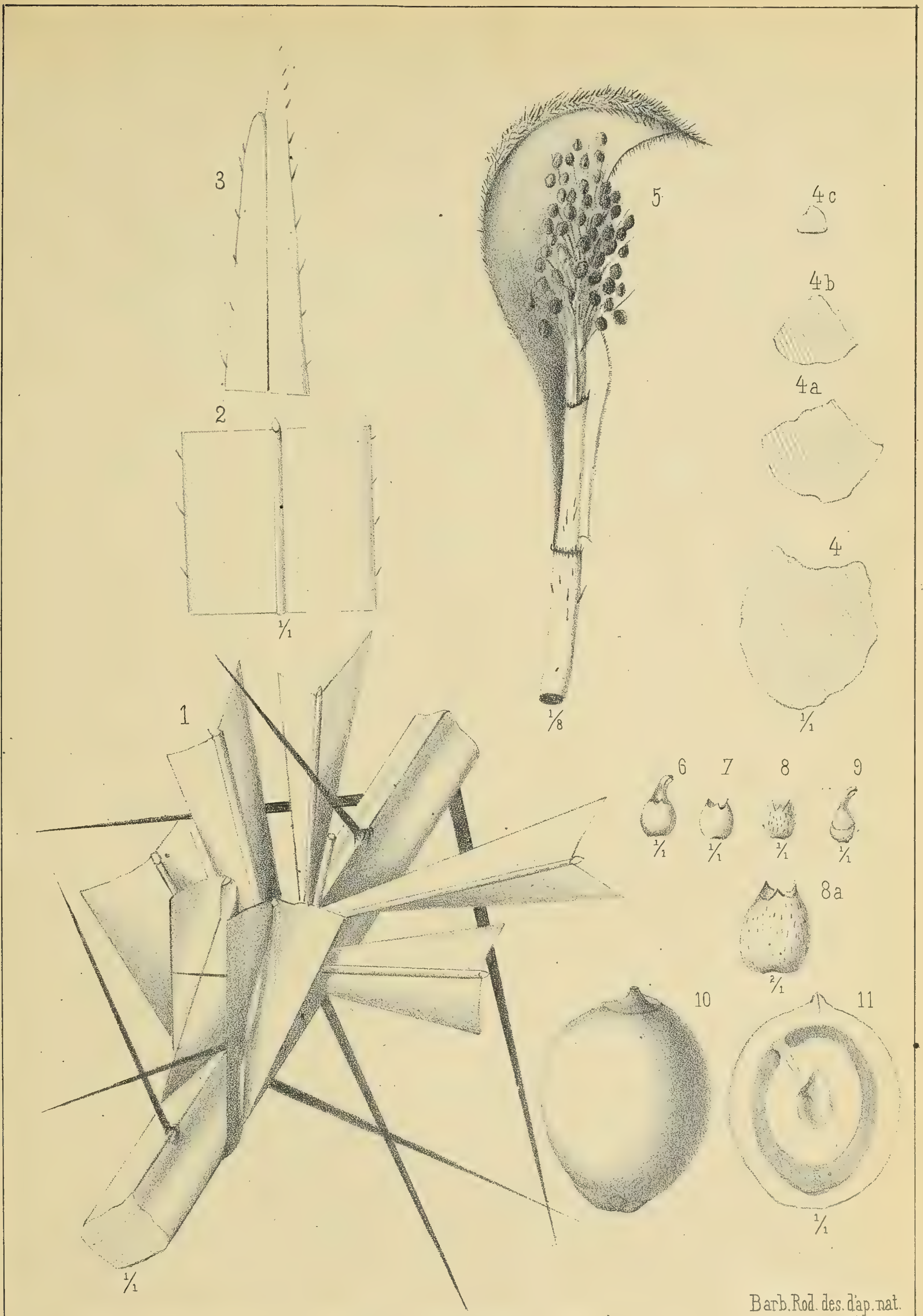
BACTRIS CUYABÁENSIS Barb. Rod.



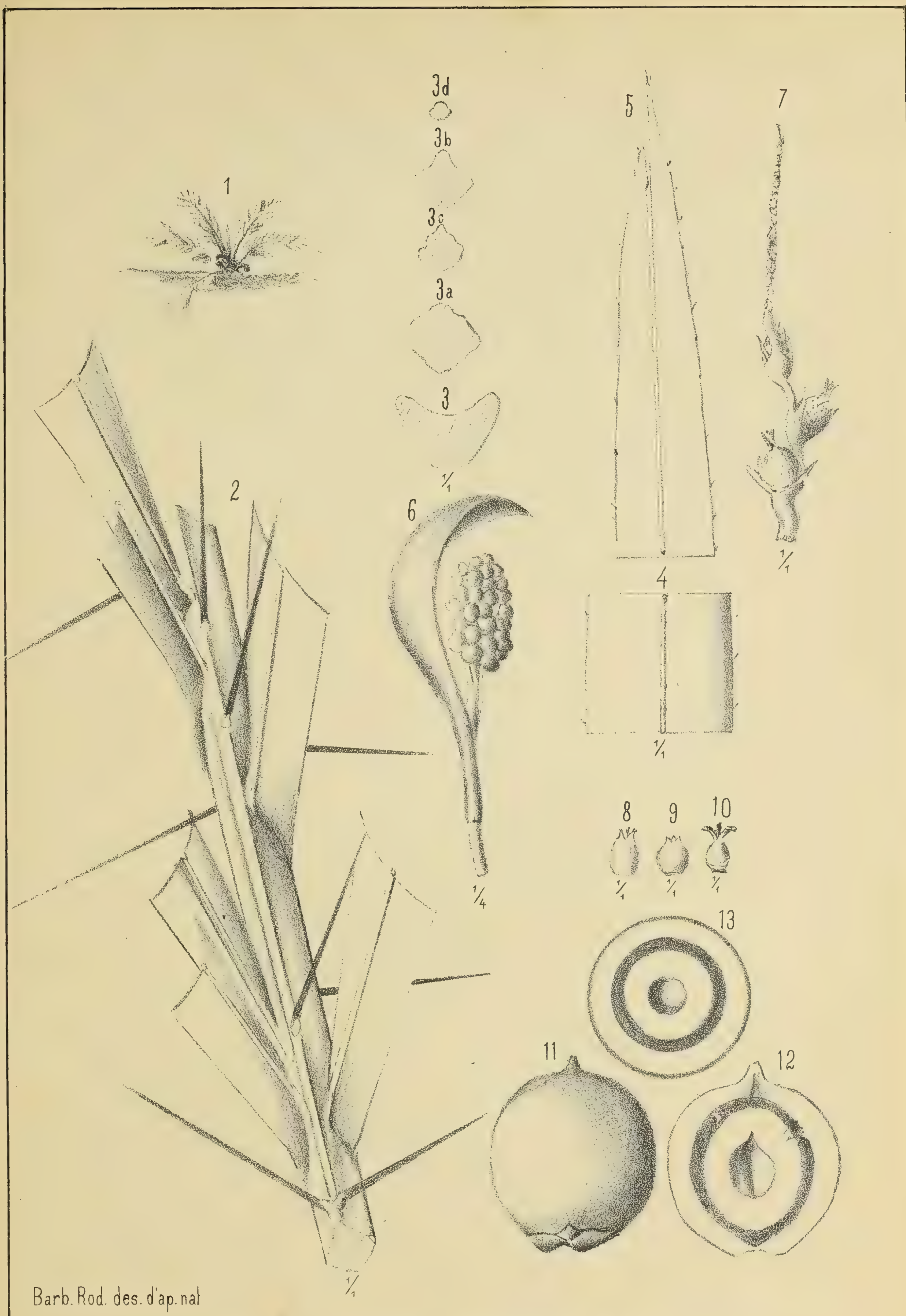
BACTRIS GLAUCESCENS *Dr.*



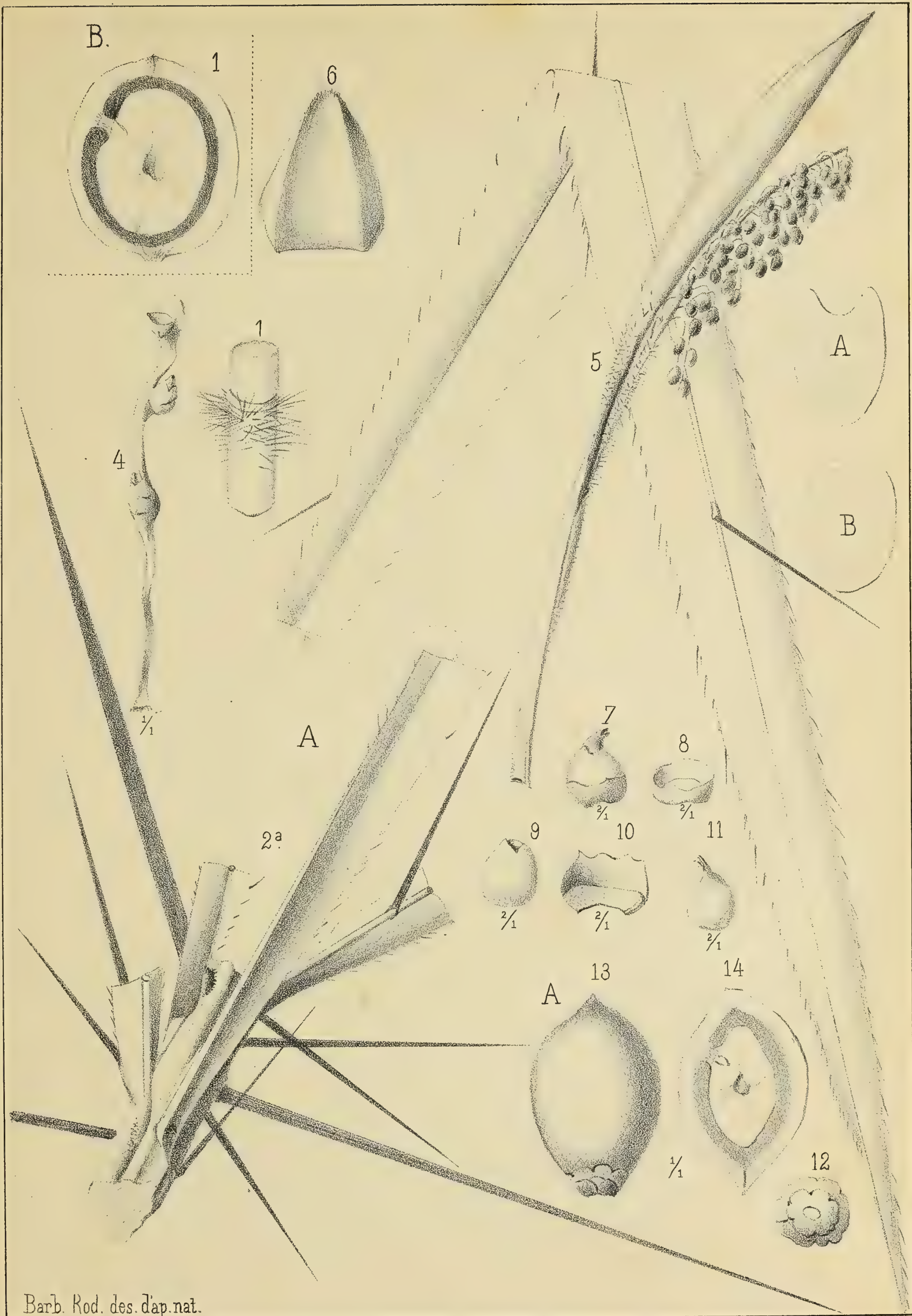
B. ACROCOMIA ODORATA Barb. Rod.



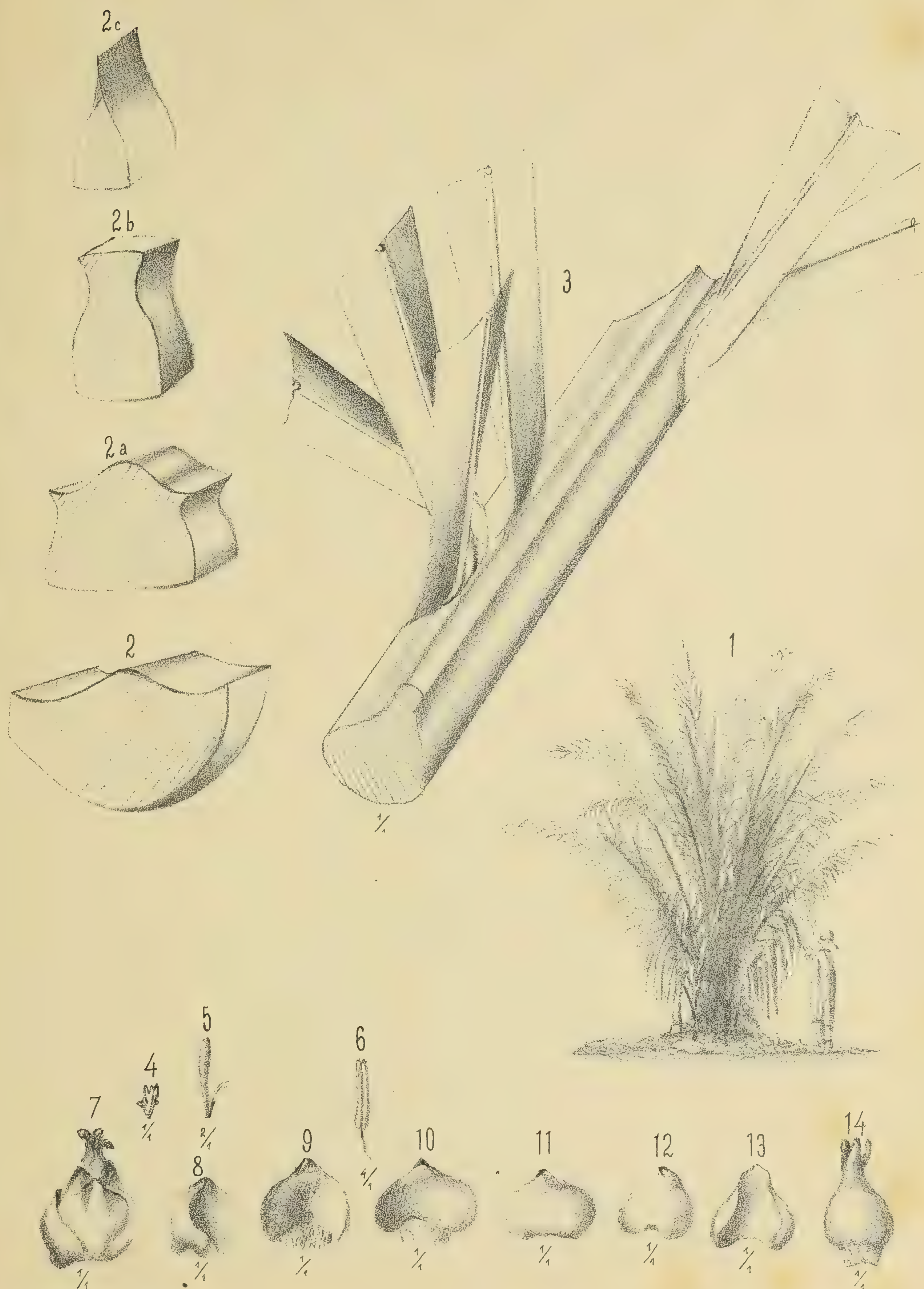
ASTROCARYUM ECHINATUM Barb. Rod.



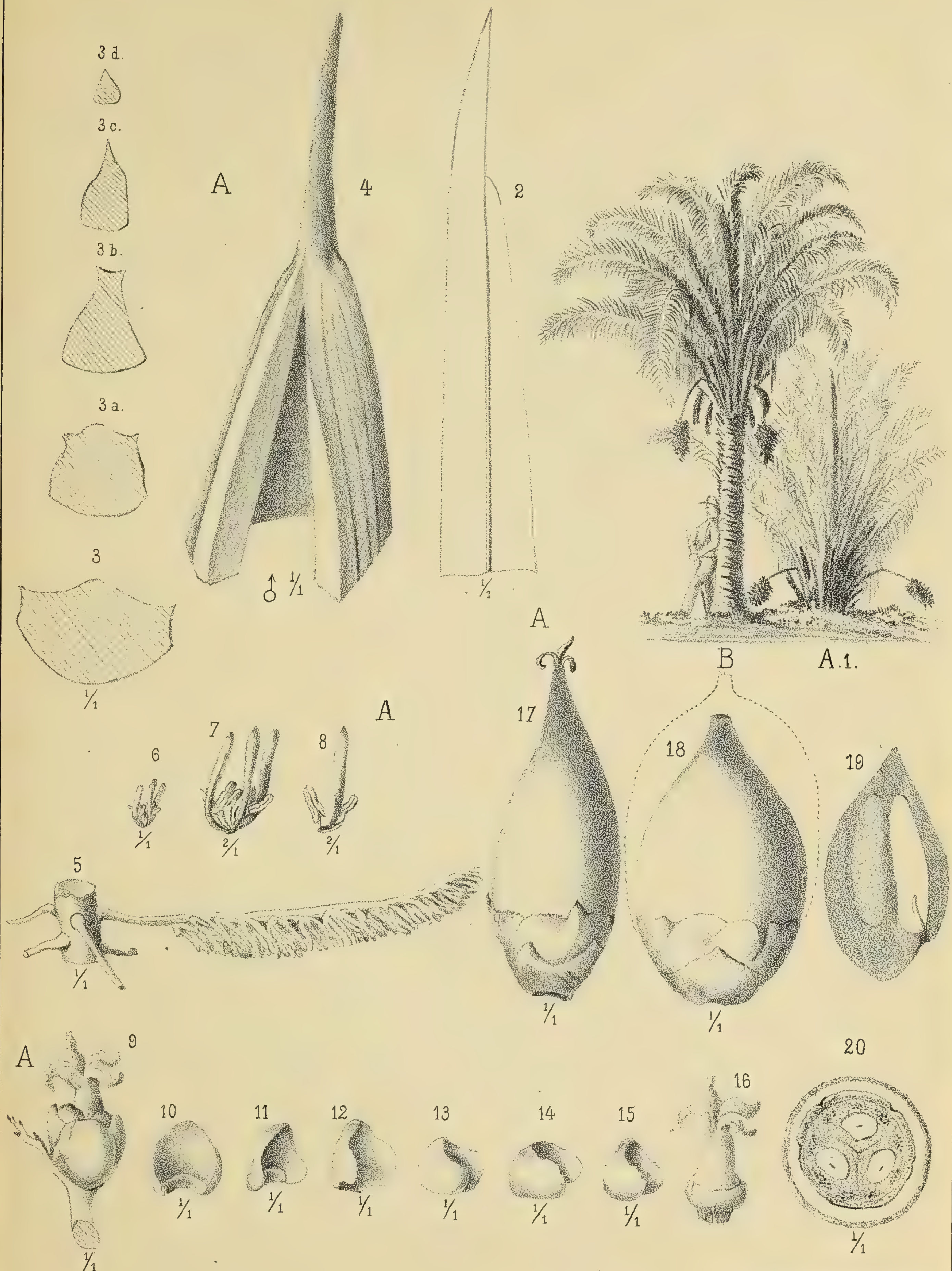
ASTROCARYUM ARENARUIM Barb. Rod.



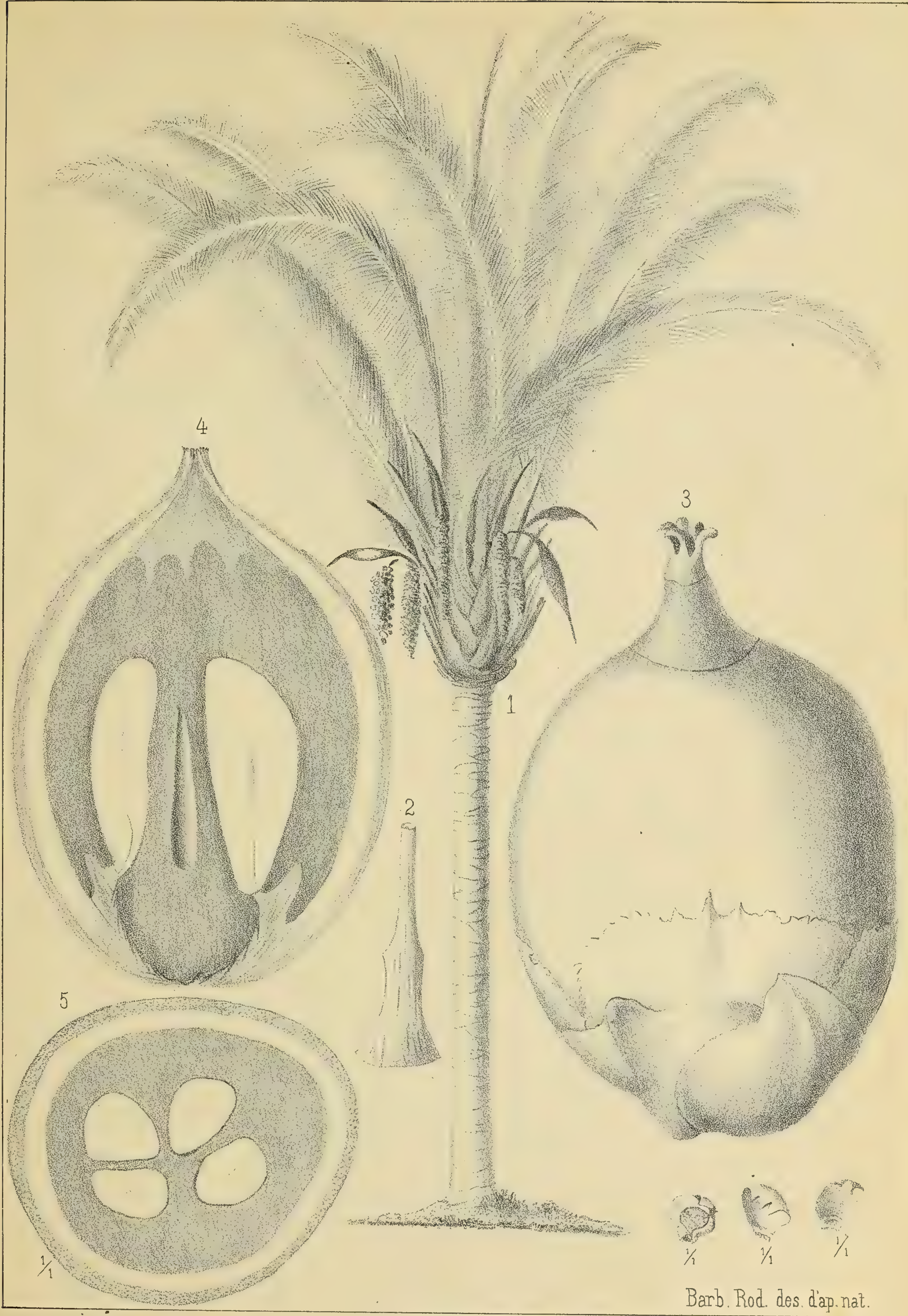
ASTROCARIUM LEIOSPATHA Barb. Rod.



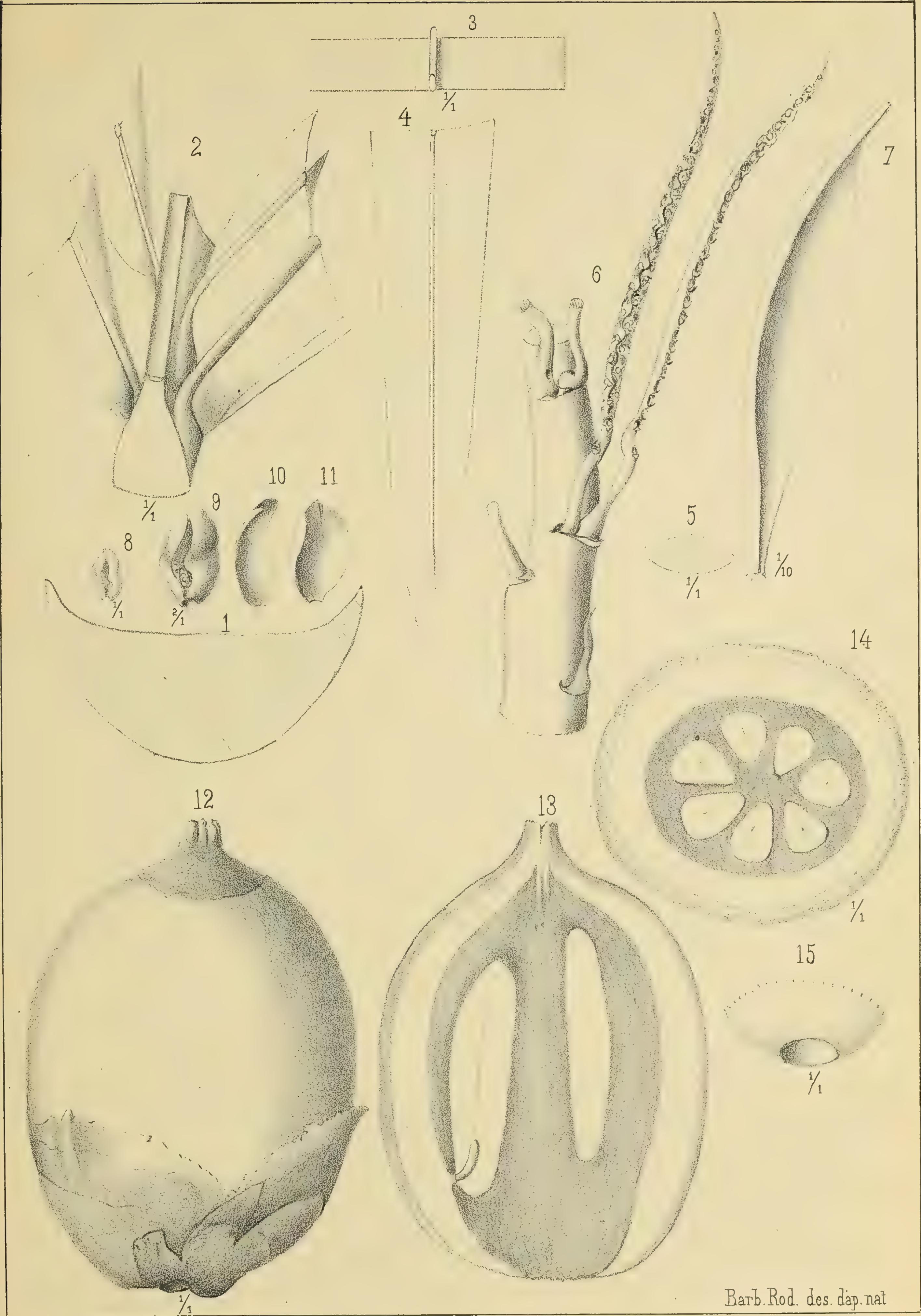
SCHEELEA ANIZITZIANA Barb. Rod.



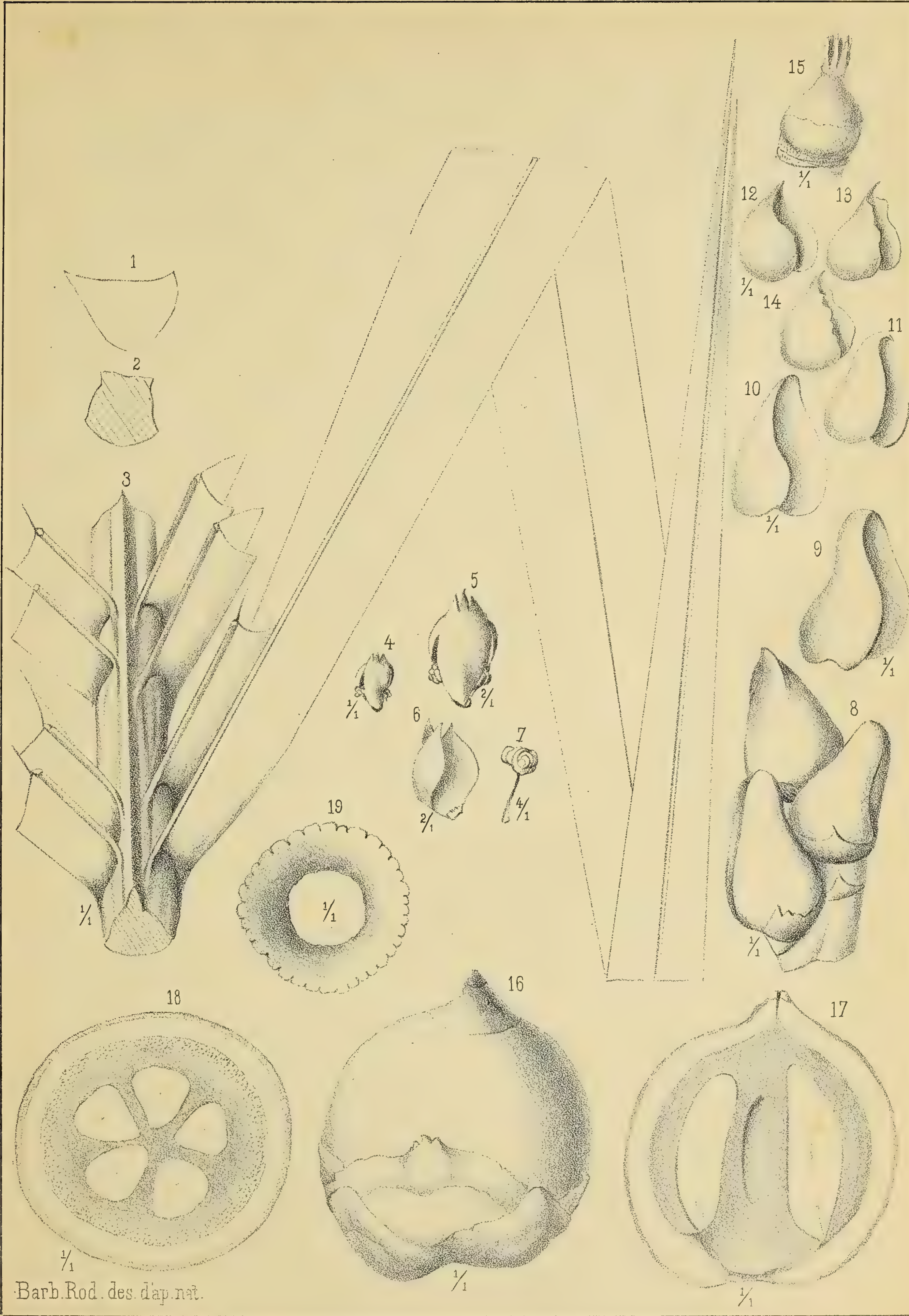
SCHEELEA Princeps var Corumbáensis Barb. Rod.



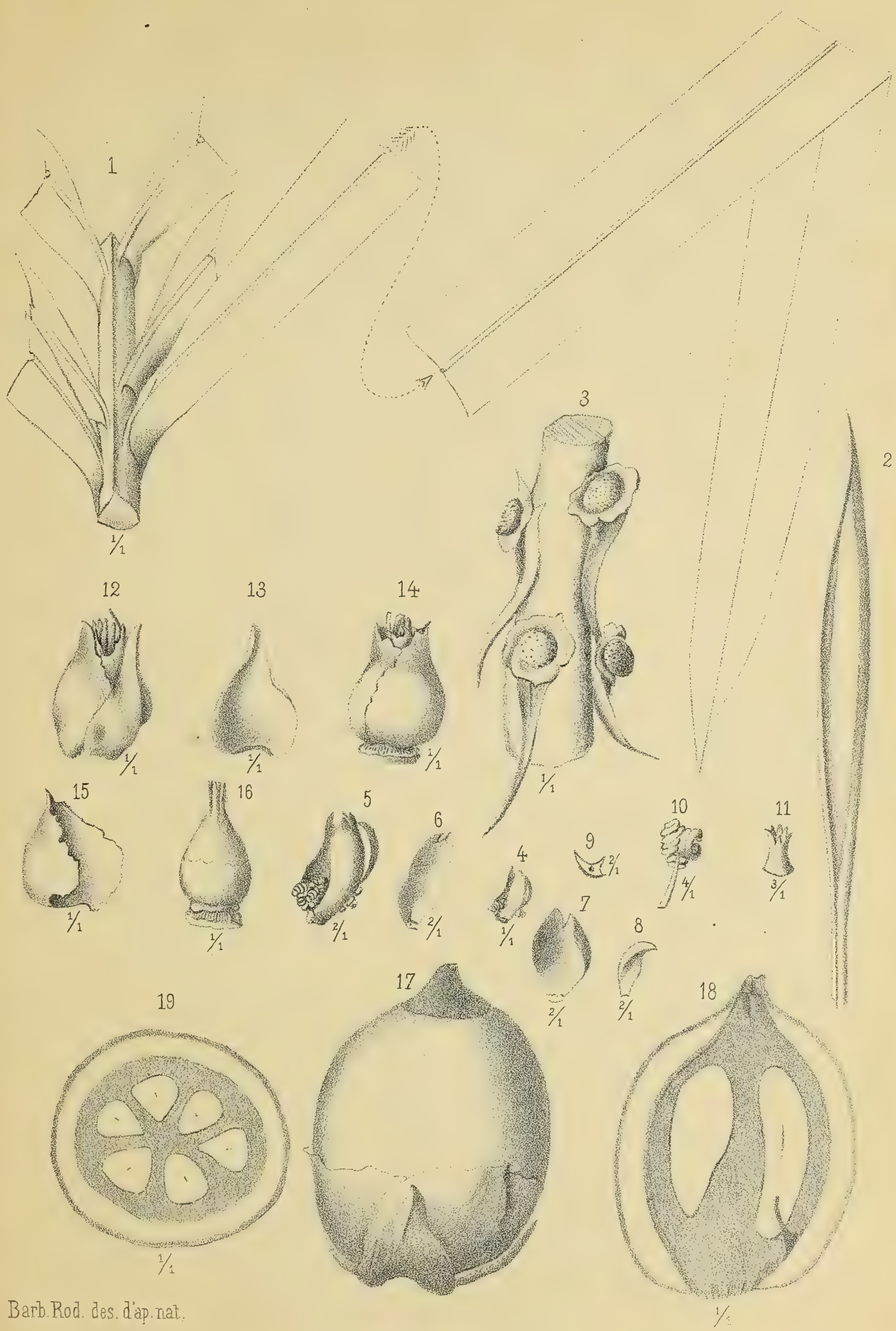
ORBIGNIA MARTIANA Barb. Rod.



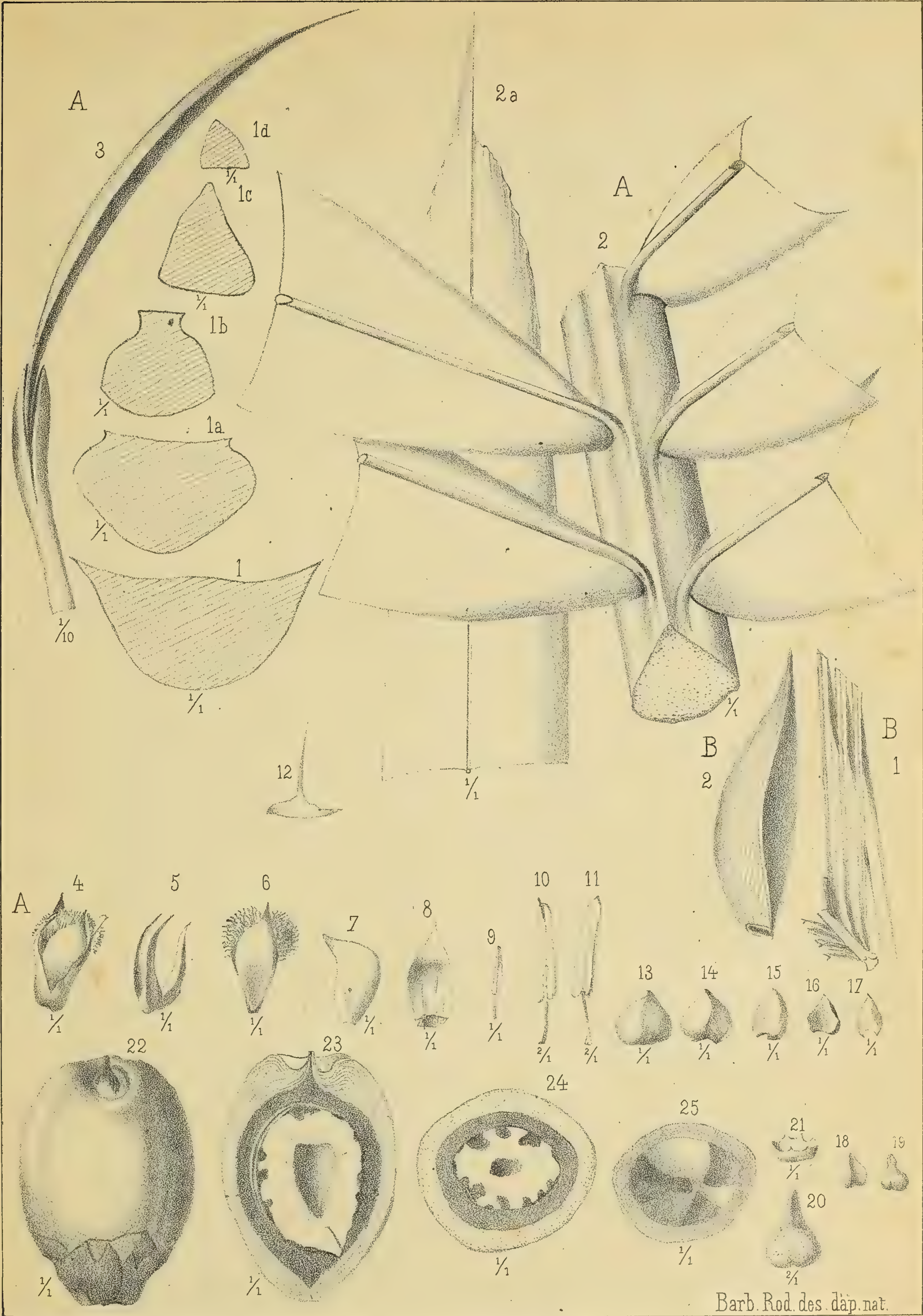
ORBIGNIA MACROCARPA Barb. Rod.



ORBIGNIA CAMPESTRIS Barb. Rod.
(Indayá)



ORBIGNIA LONGIBRACTEATA Barb. Rod.



DIPLOTHEMIUM PECTINATUM Barb. Rod.

OBRAS DO MESMO AUTOR

1869–1882. Iconographie des orchidées du Brésil.
1872–1875. La vallée des Amazones.
1872–1897. Sertum Palmarum.
1875 — Enumeratio palmarum novarum quas valle fluminis Amazonum inventas et ad Sertum Palmarum collectas, descripsit et iconibus illustravit.
1875 — Idolo amazonico, achado no rio Amazonas.
1875 — Exploração e estudo do valle do Amazonas: rio Capim. Relatorio etc.
1875 — Exploração e estudo do valle do Amazonas. Rio Tapajós.
1875 — Exploração e estudo do valle do Amazonas: rio Trombetas. Relatorio.
1875 — Exploração do rio Jamundá. Relatorio.
1875 — Exploração dos rios Urubú e Jatapu.
1876–1880. Antiguidades do Amazonas.
1877 — Monostychosepalum, gen. nob. (Rev. de Hort).
1877 — Genera et species orchidearum quas collegit, descripsit et iconibus illustravit. I vol.
1878 — Estudos sobre a irritabilidade de uma Drosera.
1879 — Protesto-appendice ao Enumeratio palmarum novarum.
1879 — Palmeiras do Amazonas. Distribuição geographica.
1881 — Attalea oleifera, palmeira nova descripta e desenhada.
1881 — O canto e a dansa selvicola.
1881 — Lendas, crenças e superstições.
1881 — Flora da Serra do Lenheiro.
1881 — Resultado botanico de uma breve excursão a S. João d'El-rey.
1881 — Species orchidearum novarum.
1882 — Notas a Luccok sobre a Flora e a Fauna do Brazil.
1882 — O Muirakytan, precioso coevo do homem anti-columbiano.
1882 — Les palmiers, observations sur la monographie de cette famille dans la Flora brasiliensis.
1882 — Catalogo dos objectos expostos na Exposição Anthropologica.
1882 — Tetrastylis, gen. nob. das Passifloreaceas.
1882 — Genera et species orchidearum novarum quas collegit, descripsit et iconibus illustravit. II vol.
1882 — Diversos artigos na Revista Anthropologica.
1882 — Orchideæ Rodeienses et alteræ ineditæ.
1883 — Structure des Orchidées. Notes de un étude.
1883 — Esembeckia fasciculata. Grumary.
1884 — O Muirakytan ou aliby. (Revista Amazonica).
1885 — Esterhazia superba. Especie nova da familia das scrophulariaceas.
1885 — Rio Jauapery. Pacificação dos Crichanás.
1886 — Catalogo de productos do Amazonas.
1887 — A necropole de Mirakanguera, na Vellosia.
1887 — O Tamakuaré, especies novas da ordem das Ternstrœmiaceas.
1887 — Vellosia, 1ª ed.
1887 — Eclogæ plantarum novarum quas descripsit.
1887 — Palmæ Amazonenses novæ.
1888 — Viagens ás Pedras verdes
1888 — A lingua geral e o Guarany. Anotações ao alphabeto indigena.
1889 — O Muirakytan e o Jurupari.
1889 — Les reptiles fossiles de l'Amazones (na Vellosia).
1889 — Decada de Strychnos novos (Extr. da Vellosia).
1889 — Bignoniaceæ novæ (Extr. da Vellosia).
1889 — Horas de lazer, notas.
1890 — Poranduba Amazonense (Publ. da Bibl. nac.)
1891 — Os idolos symbolicos e o muyrakytan.
1891 — Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico, I vol.
1891 — Vellosia, 2ª ed.
1892 — Vocabulario indigena comparado (Publ. da Bibl. Nac.)
1893 — Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico, II vol.
1893 — Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico, III vol.
1893 — Vocabulario com a orthographia correcta.
1894 — Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico, IV vol.
1894 — Hortus Fluminensis.
1896 — Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico, V vol.
1897 — Palmae Mattogrosenses novæ.
— Plantae Mattogrosenses novæ. (No prelo)

